



O ESTILO DE LIDERANÇA DE JESUS

**Como desenvolver as qualidades
de liderança do bom Pastor**

Michael Youssef

Editoria Betânia

Sumário

APRESENTAÇÃO

[PARTE 1 - ORIGENS DA LIDERANÇA](#)

CAPÍTULO 1 - A NECESSIDADE DE CONFIRMAÇÃO

CAPÍTULO 2 - PRESTANDO RECONHECIMENTO AOS QUE VIERAM ANTES DE NÓS

[PARTE 2: QUALIDADES DA LIDERANÇA](#)

CAPÍTULO 3 - O LÍDER COMO PASTOR

CAPÍTULO 4 - CORAGEM

CAPÍTULO 5 - BONDADE

CAPÍTULO 6 - ROMPENDO COM OS COSTUMES

CAPÍTULO 7 - GENEROSIDADE

CAPÍTULO 8 - SINCERIDADE

CAPÍTULO 9 - PERDÃO

[PARTE 3 : TENTAÇÕES DA LIDERANÇA](#)

CAPÍTULO 10 - PODER

CAPÍTULO 11 - O NOSSO EGO

CAPÍTULO 12 - IRA

[PARTE 4: PROBLEMAS DA LIDERANÇA](#)

CAPÍTULO 13 - BUSCA DE APOIO

CAPÍTULO 14 - OS DESCRENTES

CAPÍTULO 15 - CRÍTICAS

CAPÍTULO 16 - TEMPESTADE EM COPO D'ÁGUA

[PARTE 5: O FUTURO DA LIDERANÇA](#)

CAPÍTULO 17 - DE ONDE SURGEM OS LÍDERES

CAPÍTULO 18 - TRANSFORMANDO SEGUIDORES EM LÍDERES

APRESENTAÇÃO

Será necessário ter um ego gigantesco, roupas caras e força política para ser um autêntico líder nos negócios? Você precisa ter um diploma de seminário e ser bem eloquente para ser de fato o líder na sua igreja? Será preciso intimidar as pessoas para ser um verdadeiro líder em casa?

Não, diz Michael Youssef. Os verdadeiros líderes precisam ter a chamada e o caráter de Jesus Cristo.

Nenhum de nós pode se igualar ao Bom Pastor, mas podemos aprender, com seu exemplo, a cuidar melhor do nosso rebanho. O próprio Youssef, executivo em uma organização cujo ministério se estende por todo o mundo, tem estudado o que dizem os evangelhos, no intuito de descobrir o estilo de liderança que Jesus nos legou como modelo. Neste livro ele aponta várias

características presentes na vida de Jesus, que todo líder precisa ter.

Mas ele não para aí. Tomando por base a vida de Jesus, Youssef mostra como os líderes devem enfrentar as tentações e as pressões, lidar com o ego, a ira, a solidão, os incrédulos, as críticas, o uso do poder e, também, como passar para outros a tocha da liderança.

Se você anda “à procura da excelência”, no que se refere ao desenvolvimento das suas aptidões de liderança, olhe bem de perto para Jesus Cristo, — O maior líder que já existiu.

Parte 1 - Origens da liderança

CAPÍTULO 1 - A NECESSIDADE DE CONFIRMAÇÃO

Um pastor amigo meu foi falar a um grupo de crianças usando sob a roupa uma camiseta especial. Em dado momento anunciou: “Tenho uma coisa para contar a vocês — uma coisa que nunca disse a ninguém em toda a minha vida!” Num gesto rápido, abriu a toga clerical expondo a camiseta e afirmou: “Eu sou o Super-Homem!”.

As crianças acharam graça. E por fim uma delas o desafiou: “Se o senhor é o Super-Homem, então voe até o teto!”

O pastor, então, continuou explicando-lhes que muita gente afirma ser isto ou aquilo. “Mas”, acrescentou “o problema é que, tendo afirmado ser o Super-Homem é preciso prová-lo.”.

Com relação à liderança, acontece a mesma coisa. Quando alguém apregoa que é líder, tem que provar que o é. E precisa de confirmação de outros que admitam:

“Ele é mesmo o líder”.

O próprio Jesus teve que comprovar sua condição antes que outros o seguissem. Depois que alguns o reconheceram como o Messias prometido, passaram a testemunhar e confirmar sua messianidade.

O Evangelho de João mostra que Jesus estava sempre dando provas daquilo que afirmava acerca de si mesmo, não dando maior ênfase a seus

milagres, mas, sim, a comprovações mais contundentes. Podemos encontrar neste evangelho pelo menos sete comprovações do ministério de Cristo. Depois de as examinar, poderemos atacar a questão de saber como se aplicam à liderança atual nas igrejas, aos negócios e a outras organizações.

Primeira testemunha: O Pai

O Próprio Deus Pai foi quem enviou Jesus Cristo como Salvador do Mundo. Nosso Senhor disse aos seus ouvintes: “O Pai que me enviou, esse mesmo é que tem dado testemunho de mim”. (Jo 5.37).

O selo de aprovação do Pai não foi dado às ocultas. Deus fez questão de confirmar a liderança de Jesus publicamente, logo depois de ele ter sido batizado por João.

“... eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele. E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3.16,17).

Assim, na presença de João e outros que assistiam ao batismo, o Pai anunciou claramente ao mundo a ligação que havia entre ele e Jesus.

Que contraste entre este evento e a atitude de Maomé, o fundador e profeta do Islã, que secretamente chegou a Jerusalém na calada da noite e alegou ter ouvido a voz de Deus falando com ele!

Que contraste com tantos outros que se vangloriam de ter ministérios especiais, que começaram quando “no meio da noite, Deus me acordou e falou comigo”.

Jesus não precisou dizer ao mundo que tinha o direito de ser líder.

O Pai endossou-o abertamente.

Em outra ocasião, mais particular, Jesus levou três de seus discípulos mais chegados a um lugar que veio a ser conhecido depois como o Monte da Transfiguração.

Cerca de oito dias depois de ter proferido essas palavras, tomou Jesus consigo a Pedro, a João e a Tiago, e subiu ao monte para orar.

Enquanto ele orava, mudou-se a aparência do seu rosto, e a sua roupa tornou-se branca e resplandecente.

E eis que estavam falando com ele dois varões, que eram Moisés e Elias, os quais apareceram com glória, e falavam da sua partida que estava para cumprir-se em Jerusalém.

Ora, Pedro e os que estavam com ele se haviam deixado vencer pelo sono; despertando, porém, viram a sua glória e os dois varões que estavam com ele.

E, quando estes se apartavam dele, disse Pedro a Jesus: Mestre, bom é estarmos nós aqui: façamos, pois, três cabanas, uma para ti, uma para Moisés, e uma para Elias, não sabendo o que dizia.

Enquanto ele ainda falava, veio uma nuvem que os cobriu; e se atemorizaram ao entrarem na nuvem.

E da nuvem saiu uma voz que dizia: Este é o meu Filho, o meu eleito; a ele ouvi.

Ao soar esta voz, Jesus foi achado sozinho; e eles calaram-se, e por aqueles dias não contaram a ninguém nada do que tinham visto.

Lc 9.28-36

Lá, tiveram mais uma confirmação quando Jesus falou com Moisés e Elias.

Cristo não se autoproclamou líder. Sua liderança teve início com as mais importantes das testemunhas — mas não foi só isso.

Segunda testemunha: João Batista

João batizou Jesus e viu o Espírito descer como uma pomba. E Jesus falou sobre ele:

"Mandaste mensageiros a João, e ele deu testemunho da verdade. Eu, porém, não aceito humano testemunho; digo-vos, entretanto, estas cousas para que sejais salvos". (Jo 5.33,34).

A “Voz que clama no deserto” também confirmou as credenciais de Jesus quando o encontrou perto de Betânia. Vendo que Jesus se aproximava disse:

"Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!".

É este a favor de quem eu disse: após mim vem um varão que tem a primazia, porque já existia antes de mim, por isso, Eu não o conhecia; mas, para que ele fosse manifestado a Israel, é que vim batizando em água." (Jo 1.29-31)

João Batista foi apenas um precursor. Ele tinha total consciência do seu ministério excepcional - confirmar ao mundo a identidade de Jesus Cristo.

Terceira testemunha: o Próprio Cristo

Pode a princípio parecer estranho que Jesus tenha usado a si mesmo como testemunha de seu ministério. Mas depois de ter-se referido ao Pai e a João Batista, ele acrescentou:

*"Mas eu tenho maior testemunho do que o de João".
(Jo 5.36).*

Em outra ocasião declarou: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10.30). As pessoas que escutaram entenderam perfeitamente o que ele dizia e, por isso, tentaram apedrejá-lo, “pois sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo” (v. 33). Mais tarde ele disse também que, se as pessoas o tivessem visto, teriam visto o Pai também (Jo 14.7).

Cristo não só apenas alegou ter uma relação singular com Deus.

Tudo em sua vida demonstrava isso. Sem truques nem cambalachos, sem prometer tornar seus seguidores ricos ou poderosos, ele provou claramente que era um líder que devia ser seguido.

Quarta testemunha: o Espírito

Como já mostramos antes, o Espírito Santo abençoou Jesus na ocasião do seu batismo, quando desceu sobre ele. E o Espírito permaneceu nele (Jo 1.32-34).

Embora talvez não possamos entender completamente o que aconteceu,

devido ao simbolismo da linguagem, é certo que ele nos diz que o Espírito de Deus confirmava o ministério e a liderança de Jesus. A presença do Espírito Santo deu a Jesus autoridade para falar e realizar milagres (Mt 7.22.29; Mc 1.22,27; Lc 4.36).

Quinta testemunha: as Escrituras

O Antigo testamento confirma o ministério de Jesus. Profetas anunciaram sua vinda, seu ministério e morte. Isaías em especial, descreveu seu nascimento (Is 9.6); seu sofrimento (53.4-10); seu desempenho de servo (42.1-4); e chegou até mesmo a predizer que alguém viria antes dele para anunciar sua vinda (40.3).

Jesus disse aos líderes judeus que o contestavam:

"Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim. Contudo não quereis vir a mim para terdes vida". (Jo 5.39,40).

Sexta testemunha: Milagres

O ministério de Jesus se auto-confirmou através dos milagres que realizou. O Evangelho de João se refere a eles como "sinais". Embora João cite menor número de milagres do que os outros evangelistas, os que ele menciona dão testemunho do poder e dos propósitos de Jesus.

Mas Cristo não realizou esses sinais como ato de exibição. Ninguém que fosse um mero exibicionista realizaria alguns de seus mais impressionantes milagres. Longe das vistas da multidão, recomendando tantas vezes, aos que haviam sido curados, que nada dissessem aos outros. A cura do homem no tanque de Betesda (Jo 5) ou do cego de nascença (Jo 9) por exemplo, parece ter sido presenciada por apenas um pequeno grupo de pessoas. Esse fato confirma suas palavras:

"Eu não aceito glória que vem dos homens" (Jo 5.41).

Sétima testemunha: os Discípulos

Os discípulos acompanharam Jesus durante todo seu ministério na terra. Viram o que ele fazia, ouviram seus ensinamentos e creram nele.

Quando os líderes religiosos começaram a perseguir o Senhor e ele alertou para as dificuldades que seus seguidores teriam de enfrentar, muitos dos seus prováveis discípulos se afastaram — mas nem todos. Dos que ficaram com Jesus foi Pedro quem disse: “Tu tens as palavras da vida eterna” (Jo 6.68).

Pedro não estava dizendo apenas que Jesus conhecia as regras e preceitos ou a maneira correta de viver, mas que ele era o doador da vida eterna. E o apóstolo João termina seu evangelho dizendo que ele dá testemunho — isto é, confirmação — da vida e do ministério de Jesus(21.24).

Os Líderes de Hoje

Nós, líderes de hoje, certamente não lideramos com as mesmas qualificações excepcionais de Jesus Cristo. Mas, mesmo assim, podemos aprender este princípio, extraído de sua vida: a chamada para a liderança precisa ser confirmada.

O que haveríamos de pensar se, em meio a um culto de adoração, um estranho se dirigisse ao púlpito e dissesse: “Vim aqui para conduzi-los à verdade”? Além de ser uma atitude bastante insólita, como iríamos saber quem ele era? Como iríamos saber se ele estava certo?

A pergunta que faríamos imediatamente seria: “Com que direito (ou autoridade) nos dirige essas palavras?” Talvez não fosse exatamente assim que nos expressaríamos, mas, é claro que uma das primeiras coisas que iríamos fazer seria solicitar uma confirmação de sua liderança.

A maioria das denominações já tem estabelecidas as normas para a ordenação ou o reconhecimento dos líderes. Elas compreenderam que, embora as pessoas possam ser treinadas para a liderança, apenas Deus faz a chamada. A igreja funciona como uma agência confirmadora. Este processo se inicia, quase sempre, quando a pessoa assume cargos de liderança na igreja local, e os membros vão reconhecendo sua capacidade e seu talento.

O conselho e o pastor da igreja podem confirmar o chamado, caso alguém expresse sua intenção de dedicar-se ao ministério.

Se a denominação exige formação acadêmica, a própria escola ou seminário servirá também como uma confirmação.

Os líderes espirituais devem ser, de certo modo, “confirmados” também por pessoas de fora da igreja. O apóstolo Paulo, instruindo Timóteo

sobre a ordenação dos oficiais da igreja, adverte que o futuro líder deve ter “bom testemunho dos de fora, a fim de não cair no opróbrio e no laço do diabo” (1 Tm 3.7).

A necessidade de confirmação é um requisito indispensável a qualquer tipo de liderança. Nos negócios, na igreja, em casa, ou em qualquer outro ambiente, as pessoas precisam conquistar o direito de liderar. Eu posso, por exemplo, acreditar que tenha sido indicado por Deus para dirigir uma das maiores empresas do mundo, mas quem iria me contratar se eu simplesmente entrasse no escritório do presidente da Nestlé ou da Shell e dissesse: “Estou aqui para assumir o cargo de chefia desta empresa?”.

Para confirmar minha convicção e provar minha capacidade, teria, provavelmente, que “começar de baixo”. Como acontece com muitos líderes, é provável que eu só conseguisse atingir um cargo elevado depois de começar por um de nível bem simples. Teria que demonstrar iniciativa e capacidade para poder ir subindo, e precisaria contar também com uma pessoa ou grupo que me apoiasse em cada etapa que fosse vencendo, pessoas que endossassem a minha liderança.

Acontece que, na igreja ou mesmo fora dela, algumas pessoas querem ir “diretamente ao topo”. Já vi executivos e candidatos ao ministério insistirem, cheios de vaidade, em dizer que preenchem todos os requisitos para ocuparem determinado cargo ou exercerem o ministério.

Um deles, candidato ao ministério, ao ser rejeitado, acusou a junta examinadora de estar “indo contra Deus”. A junta era formada por amigos dele, todos interessados em confirmar o que ele alegava ser um chamado de Deus. Mas não foi possível. Eles constataram muitas falhas no caráter do pretendente.

Já me aconteceu contratar executivos com todas as “credenciais”, e que acabaram provando serem totalmente incapazes de liderar. Não tinham, na verdade, nem a aptidão necessária, nem a confirmação dos outros.

Depois dessas experiências, aprendi a reconhecer esses pretendentes logo na primeira entrevista. O primeiro sinal de alerta é quando o candidato diz que ele vai salvar aquela organização, que aquela instituição está precisando desesperadamente de alguém com a sua capacidade. Esse é o “sinal vermelho”, que indica que a pessoa não é um líder confirmado.

E assim temos o primeiro princípio de liderança, que apreendemos da vida de Jesus.

PRINCÍPIO I

JESUS FOI CONFIRMADO COMO LÍDER ANTES DE PODER LIDERAR. O MESMO DEVE ACONTECER CONOSCO.

CAPÍTULO 2 - PRESTANDO RECONHECIMENTO AOS QUE VIERAM ANTES DE NÓS

Durante um banquete, promovido para se premiarem algumas pessoas, o primeiro homenageado levou vários minutos agradecendo às pessoas que o haviam ajudado a conquistar aquele prêmio — professores, sua família, amigos e quatorze colegas que faziam parte de um grupo de artistas a que ele também pertencia.

Quando o segundo vencedor chegou ao pódio para receber seu troféu, seu discurso foi bem resumido:

“Agradeço a vocês pela decisão acertada que tiveram em me premiar.

Quero dizer também que o que fiz, fiz sozinho”.

Claro que ele estava brincando, mas suas palavras nos fazem lembrar muita gente que ocupa posição de liderança atualmente. Se elas conseguem bons resultados e alcançam sucesso, atribuem a si todo o mérito. Mesmo que não o expressem verbalmente, o que pensam é: consegui isso sozinho.

Mas estão enganadas. Nenhum de nós consegue coisa alguma sozinho.

Estamos sempre sendo influenciados e ajudados por outros.

Gigantes do Passado

Sir Isaac Newton disse: “Se vi mais longe do que os outros homens, foi porque estava de pé sobre ombros de gigantes”.

Meus Reconhecimentos

Eu mesmo, por exemplo, conquistei um diploma de doutorado, mas para chegar até esse ponto fui ajudado por muita gente. Primeiro devo minha fé cristã à educação devotada a Deus que minha mãe me transmitiu: minha mãe que orava comigo e por mim, sincera e fervorosamente. Aos vinte e um anos emigrei do Egito para Sidney, na Austrália. Não conhecia ninguém lá, a não ser um casal, que, assim mesmo, só conhecia de nome. Mas eu tinha também uma carta de apresentação para o cônego anglicano D.W.B. Robson, que se tornou, depois, arcebispo de Sidney. Foi com seu incentivo e apoio que consegui superar os problemas de não poder comunicar-me bem em inglês. Na verdade, sem seu estímulo, eu não teria conseguido estudar na Escola Teológica Moore.

Houve, também, meu encontro com John Haggai, uma pessoa que acreditou em mim. Convidou-me para dirigir o Instituto Haggai, um ministério de âmbito mundial, com escritórios em seis continentes. Com essa sua iniciativa, Dr. Haggai ajudou-me a atingir, num período de apenas oito anos, o equivalente a cinquenta anos de maturidade. Com a ajuda de Deus, consegui liderar essa organização.

Durante todo esse tempo tive uma companheira fiel e dedicada, minha esposa Elizabeth, que me deu amor, apoio e estímulo. Além de ser mãe, fazia também às vezes de pai para nossos quatro filhos, enquanto eu fazia viagens ao estrangeiro, ou ficava até tarde da noite estudando.

Porque estava de pé nos ombros desses “gigantes”, senti que não havia nada que eu não conseguisse fazer. Devo muitíssimo a essas quatro pessoas, e a muitas mais. Jamais poderei esquecer ou negar o impacto que causaram em minha vida e em meu ministério.

Os Precursores Bíblicos

Jesus disse a seus discípulos que os campos estavam prontos para a colheita, usando, obviamente, essa ilustração como símbolo da consagração espiritual. E acrescentou: “O ceifeiro recebe desde já a recompensa e entesoura o seu fruto para vida eterna; e, dessarte se alegram, tanto o semeador como o ceifeiro.

um é o semeador e outro é o que rega. Nem o que planta é alguma cousa, nem o que rega, mas Deus que dá o crescimento. Ora, o que planta e o que rega

são um, e cada um receberá o seu galardão, segundo o seu próprio trabalho. Porque de Deus somos cooperadores, lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós.” (1 Co 3.5-9.)

Jesus só deu início a seu próprio ministério depois de João Batista ter-lhe preparado o caminho. Pedro deve seu encontro com Jesus a seu irmão André, que o convidou para também seguir ao Senhor. E o livro de Atos mostra que o martírio de Estevão exerceu uma forte influência sobre Paulo, ajudando a abrir o caminho para sua conversão.

Interdependência

Por que Jesus, após ter treinado seus seguidores, enviou-os de dois em dois, para que o precedessem em cada cidade ou lugar por onde iria passar? (Lc 10.1.) Ter outra pessoa junto certamente encorajaria o viajante em lugares desconhecidos. Mas eu acho que Jesus tinha uma razão adicional para assim proceder.

Quem sabe se Pedro, voltando de uma cidade que visitara sozinho, não poderia dizer: “Olha o que eu fiz!” Será que Jesus não desejava que, desde o princípio, seus seguidores se apercebessem de sua dependência de uns para com os outros — e de sua dependência do Senhor? Pode ser, até, que ele os estivesse preparando para o que é ser “um só corpo em Cristo”. Mais tarde, em suas epístolas, Paulo conclamou, vezes sem conta, a igreja a voltar a essa verdade (Rm 12.3-8; I Co 12.12).

O próprio Jesus poderia ter chamado a si o crédito de tudo que existe, desde a criação até a eternidade. Mas ele respeitou a posição dos fiéis, apontando Abraão, por exemplo, como o pai da nação de Israel (Jo 8.37).

É bem provável que, se algum de nós tivesse vindo como Salvador do mundo, iríamos desacreditar os que nos haviam precedido. Possivelmente diria algo mais ou menos assim: “Moisés era um bom homem, é verdade, mas ele irou-se e desobedeceu. Deus teve que puni-lo. O bom camarada Abraão fez um bocado de coisas ótimas, mas ele tinha seus momentos de fraqueza. Imagina que uma vez ele ficou com tanto medo do faraó que chegou a dizer que Sara era sua irmã! É, mas eu não sou assim, não”.

Como Prestar Reconhecimento a Outros

Se, como líderes, desejamos seguir a Jesus Cristo, devemos, como ele, reconhecer a valor dos outros. Lembremos alguns fatos que podem ajudar-nos a fazê-lo.

1. Todo talento e capacidade são dom de Deus.

João Batista se expressou muito bem sobre isso: “o homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada”. (Jo 3.27.) Ele sabia que ter vindo como precursor de Jesus não tinha sido iniciativa sua; Deus o tinha dotado para essa missão. Conscientizar-nos de que só temos capacidade de liderança porque Deus no-la deu, torna-nos mais humildes.

Quando o apóstolo Paulo escreveu sobre os dons espirituais (1Co 12), ele usou o mesmo princípio. Não importava quantos dons e talentos os coríntios tivessem, todos eles provinham de Deus. Eles não inventaram dons e nem podiam dotar-se a Si mesmos de dom algum.

2. Não fizemos nada para adquirir nossa capacidade de Liderança.

Ninguém conquista um presente. Quando alguém recebe o dom de liderar, é uma questão de graça e não de mérito.

3. Este presente que nos é dado não deve ser motivo para vanglória.

A uns Deus dá a capacidade para liderar, a outros, a capacidade de reconhecer e seguir os bons líderes. Algumas pessoas têm habilidade com as mãos, outras têm uma facilidade toda especial para falar; outras, ainda, podem pensar mais profundamente que as demais. Mas nenhuma dessas pessoas têm razão para vangloriar-se de ter recebido um dom.

4. Devemos reconhecer e agradecer aqueles que nos ajudaram a desenvolver nossas capacidades.

Os atletas olímpicos têm um talento latente, mas isso não basta. Eles precisam de ajuda, treinamento, correção. Um halterofilista precisa de um instrutor que o ensine a respirar corretamente; um corredor precisa que lhe

digam se está correndo com os pés corretamente posicionados, para que não perca segundos preciosos durante a competição.

Com Os líderes acontece a mesma coisa. Sei que eu precisava de ajuda para caminhar. Alguém percebeu em mim traço de liderança e me incentivou; outros me ensinaram lições adicionais.

5. Devemos agradecer a Deus por nossas aptidões.

Já que sei que minha capacidade de liderança não foi criada por mim mesmo, devo regularmente parar e agradecer a Deus por ter-me feito como sou.

Um dos meus amigos, escritor, fez da oração de agradecimento por seus dons uma parte constante de seu devocional diário. Ele ora mais ou menos assim: “Obrigado, Senhor, por ter-me feito um escritor. Ajuda-me a ser o melhor escritor que eu possa ser com o talento que me deste”.

Esse meu amigo sabe que precisa trabalhar para aperfeiçoar seu talento. Quando era pequeno, lia tudo que lhe caía nas mãos. Aos poucos foi aprendendo a distinguir entre a boa e a má literatura, entre a superior e a medíocre. Quando finalmente começou a escrever, tirou proveito das lições que havia aprendido estudando minuciosamente, através dos anos, os escritores clássicos.

Com essa atitude ele agradece tanto a Deus - que lhe deu a aptidão inicial - quanto aos gigantes em cujos ombros se ergue de pé.

PRINCÍPIO 2

**LÍDER É AQUELE QUE PRESTA RECONHECIMENTO AOS QUE O
PRECEDERAM.**

Parte 2: Qualidades da Liderança

CAPÍTULO 3 - O LÍDER COMO PASTOR

Eu tinha terminado de almoçar com Bob Guyton, diretor executivo de uma importante instituição bancária. Quando saímos do refeitório dos executivos, passamos por uma série de escritórios. O banqueiro parou para cumprimentar a recepcionista, e perguntou-lhe sobre a saúde do marido, que ele sabia estar hospitalizado. Depois, quando chegamos ao elevador, cumprimentou, pelo nome, dois funcionários do banco que o estavam esperando lá. Finalmente, já em frente ao banco, chamou o guarda pelo nome e perguntou pela esposa, citando também o nome dela.

Centenas de pessoas devem ter trabalhado naquele banco; no entanto, aquele executivo de posição tão elevada sabia o nome de cada uma delas! Saí dali boquiaberto, não tanto por constatar sua boa memória, mas, principalmente, por ele saber todos aqueles nomes. Ele conhecia não apenas os executivos, mas também os que costumamos chamar de “João-Ninguém”. E pelo que dizia a cada um, pude perceber que ele sabia muito mais do que apenas seus nomes; ele os conhecia como pessoas, como indivíduos com suas diferentes personalidades e seus próprios problemas.

Recordo-me de ter, naquele momento, pensado que o Bob era, de certo modo, um “bom pastor”. Jesus disse: “Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim, assim como o Pai me conhece a mim e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas” (Jo 10.14-15).

Conhecendo as Ovelhas

Embora ocupado e cheio de responsabilidades, aquele executivo conhecia suas “ovelhas”. Ele demonstrava interesse por elas e por suas famílias. Há muito eu já sabia de sua capacidade nos negócios, mas esse incidente fez-me apreciá-lo numa perspectiva nova, muito mais ampla.

Ao contrário, um outro episódio veio a revelar-me outro tipo de “pastor”. Um certo domingo, a saída do culto, eu estava ao lado do pastor de uma igreja muito prestigiada. Ele apertava a mão de cada um dos membros, cumprimentando-os amavelmente com um sorriso e um cordial “como tem passado”?

Pelo menos umas doze vezes o pastor disse: “Ah, muito bem”, antes que a pessoa tivesse tido tempo sequer de responder. Imediatamente sua mão era estendida para a pessoa seguinte da fila, sempre com o mesmo sorriso e a mesma saudação. Quando chegou a vez de uma senhora de idade, o pastor disse: “Espero que a senhora esteja passando bem hoje”.

A senhora, baixinha e de fisionomia bastante triste, respondeu rapidamente: “Meu marido ficou doente durante a noite de quinta-feira e eu tive que chamar a ambulância. Ele ainda está na UTL...”.

“Sim, é muito bom vê-la aqui esta manhã”, disse o pastor alegremente. “É sempre uma satisfação tê-la aqui para o culto.” E imediatamente estendeu a mão para a pessoa seguinte.

Quase não pude acreditar no que tinha ouvido. Senti-me constrangido porque o pastor não tinha sequer ouvido o que ela havia dito; fiquei chocado com tanta insensibilidade, e magoado pelo que havia sido feito àquela senhora.

Meio desajeitadamente, tentei remediar a situação, embora, sendo um visitante, não desejasse me envolver demais. “Como se chama seu marido?” perguntei. “Gostaria de incluí-lo em minhas orações todos os dias desta semana”.

Não é minha intenção julgar o pastor. Posso compreender que, com uma congregação de mais de 2000 pessoas, assistentes e auxiliares sobrecarregados, e levando sobre os ombros o peso de tamanho fardo, provavelmente o pastor não tem como conhecer cada pessoa da fila.

Pode acontecer, também, que ele estivesse com problemas pessoais naquele dia, ou ansioso a respeito de algum evento que estava para acontecer. Mas, mesmo assim, saí da igreja com uma impressão totalmente diferente da que me fora deixada pelo banqueiro.

Este conhecia suas ovelhas. O pastor não conhecia as suas. Pior ainda, senti que ele não fazia questão de conhecê-las.

Quando Jesus falou sobre seu relacionamento com suas ovelhas, deu a impressão de saber muito mais do que os seus nomes. Para Jesus, conhecê-las significa amá-las.

Pastores sem Amor?

Um coração sem amor não conhece as suas ovelhas. Para aqueles

pastores sem amor, as ovelhas não passam de números em um fichário, membros registrados nos livros, empregados na folha de pagamento, estatística de que possam se orgulhar.

Talvez seja nesses termos que tais pastores se refiram a suas ovelhas:

"Nosso rol de membros cresceu 20% este ano".

"Temos mais empregados e fazemos o dobro dos negócios que o nosso mais forte concorrente está fazendo".

"Levantamentos indicam que 83% dos canadenses reconhecem nossos produtos".

Vivemos numa sociedade que dá maior ênfase aos números. Programas de TV variam de acordo com o ibope; as pessoas julgam os méritos da igreja local pelo seu tamanho; uma companhia considera-se bem-sucedida se os produtos de baixa cotação conseguem uma saída superior à do último relatório.

O resultado disso é que bons programas de TV saem do ar por causa dos números. Nas igrejas, o ensino, a comunhão entre os irmãos, a espiritualidade e a adoração muitas vezes não parecem tão importantes quanto o total de membros. E a qualidade dos produtos e dos serviços de uma companhia fica em segundo plano relativamente aos lucros.

O Estilo de Jesus

Líderes que só se preocupam com estatísticas nem chegam perto do estilo de liderança de Jesus. Ele conhece intimamente suas ovelhas.

Seu amor por elas não é um conceito abstrato nem pode ser substituído por clichês do tipo “eu amo meu povo”. Seu amor pelas ovelhas, embora coletivo, é, também, individualizado; ele conhece seu rebanho porque conhece cada membro individualmente.

Como é que as ovelhas de Jesus o conhecem? Não é através de um encontro casual, não é apenas intelectualmente, nem é por entenderem algumas verdades sobre sua liderança — mas por sentirem o amor que o Bom Pastor tem por elas. Na qualidade de ovelha, Posso ter dúvidas e sentir medo; mas quando vejo o Líder, o Pastor, minhas dúvidas e receios se dissipam. Correspondo ao amor e ao cuidado que o Pastor tem por mim.

Vejam os pastores e as ovelhas do tempo de Jesus. Os pastores da Palestina punham a segurança de suas ovelhas acima da sua.

No Velho Testamento, por exemplo, Davi matou um leão com suas próprias mãos quando esse predador tentou atacar suas ovelhas.

Conhecendo esse cuidado e esse compromisso dos pastores com seus rebanhos, podemos compreender melhor a metáfora que Jesus usou ao chamar-se de O Bom Pastor.

O Bom Pastor colocou as necessidades das suas ovelhas em primeiro lugar, chegando ao extremo de dar sua vida por elas. Jesus citou Zacarias 13.7 quando predisse sua morte a seus discípulos. “Esta noite todos vós vos escandalizareis comigo; porque está escrito”: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho ficarão dispersas” (Mt 26.31). Mas, contraditoriamente, foi a morte do Bom Pastor que garantiu a segurança de suas ovelhas.

Ele, voluntariamente, deu sua vida pelo seu rebanho.

E isso ressalta outro princípio próprio do estilo de liderança de Jesus.

PRINCÍPIO 3

BONS PASTORES CONHECEM SUAS OVELHAS;

BONS LÍDERES CONHECEM SEUS SEGUIDORES.

Se esse conceito nos parece estranho, a razão disso, provavelmente, seja que a maioria de nós considera líder a pessoa que está na frente, o estadista de alto escalão, o grande general, aquele que puxa o desfile — alguém bem distante dos seus seguidores. Assumir o “comando” é apenas um dos aspectos da liderança, porque os verdadeiros pastores servem e dão tudo de si mesmos.

Jesus Cristo chama os líderes para servirem, embora a maioria de nós prefira comandar e deixar que as ovelhas nos sigam, se quiserem. Apesar de ele nos chamar de servos, preferimos dar ordens.

Os Pastores Vivem Constantemente se Movimentando

Os bons pastores estão sempre á procura de melhores oportunidades e pastos mais verdes para onde conduzir seus rebanhos. Levam suas ovelhas para Águas tranqüilas onde a violência, as pressões e as facções não as perturbam. Mas nem todos os pastores agem com tal sabedoria.

Vamos tomar como exemplo uma das maiores cadeias de lojas dos Estados Unidos. Ela já foi uma das mais importantes, quase encabeçando a lista das melhores, mas decaiu principalmente porque não conseguiu se manter à frente das mudanças trazidas pelos tempos modernos.

Os diretores da sua maior concorrente, entretanto, estudaram com toda atenção a elevação do poder aquisitivo dos compradores e elevaram o padrão de suas lojas.

Esta cadeia permaneceu forte, mesmo tendo diversificado suas atividades.

Atualmente o grupo tem banco, imobiliária e seguradora, mas mantém ainda o ramo de vendas a varejo, e vem obtendo sucesso em todas essas operações.

Os diretores dessa segunda cadeia de lojas alcançaram tal sucesso porque estavam “com tudo”. Na linguagem comercial isto significa ser inteligente, atualizado, estar aberto as mudanças e ser sensível às necessidades das pessoas.

Ao promover o bem-estar e progresso do seu rebanho, o verdadeiro pastor está ao mesmo tempo “com tudo” (mostra inteligência, percepção, atualização) e “conosco” (mantém o contato individual com o rebanho). A propósito, um dos títulos de Jesus é Emanuel, que significa “Deus conosco”.

Isso significa que, ao mesmo tempo em que nos lidera, ele jamais nos deixa ou abandona, por mais difícil que seja o caminho que temos de trilhar.

O verdadeiro desafio dos líderes hoje é combinar essas duas qualidades.

Precisamos desse toque da intimidade, ao mesmo tempo em que dizemos: “Vamos em frente!”

As palavras finais de Jesus aos discípulos, contém tanto uma coisa como a outra. Ele os enviou dizendo: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as cousas que vos tenho ordenado. E eis que

estou **convosco** todos os dias até a consumação dos séculos”. (Mt 28.19,20).

Eles estariam indo em frente — mas Jesus caminhando lado a lado com eles.

Os Riscos de ir em Frente

Jesus tinha um plano de ação. Ele nunca pretendeu que seus seguidores permanecessem amontoados num grupinho em Jerusalém. No entanto, ou eles não entenderam bem a Grande Comissão, ou, então, não quiseram obedecê-la imediatamente.

Diz o Livro dos Atos que os discípulos permaneceram em Jerusalém.

Talvez ficassem satisfeitos de continuar lá para sempre, mas o Bom Pastor não ia permitir que seu rebanho se enfraquecesse num lugarzinho do Oriente Médio.

Lucas explica: “Naquele dia levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém; e todos, exceto os Apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria” (At 8.1)

Talvez os apóstolos jamais tivessem saído, arriscando-se pelo mundo, se Jesus Cristo não tivesse permitido que a perseguição os espalhasse para longe.

Com a partida deles, a fé foi-se estendendo por todo o mundo civilizado, fazendo com que no ano de 325 AD o cristianismo se tornasse à religião oficial do Império Romano.

Transpondo esse conceito para o mundo dos negócios ou da igreja, vemos que o estilo de liderança de Jesus implica em riscos. O líder põe-se diante de seus seguidores, empregados, acionistas ou membros da igreja, visualiza o potencial existente num novo empreendimento e diz: “Vamos em frente”.

O Pastor Visionário

Em meados dos anos 70, um jovem vendedor de produtos farmacêuticos, chamado Stan, visitava médicos e hospitais, empenhado na realização de seminários sobre saúde destinados ao público em geral. Alguns

anos mais tarde a idéia de Stan se tornou uma pratica-padrão adotada por muitos dos hospitais americanos.

Mas Stan tinha outra idéia além dessa: medicina preventiva. Ele surgiu com um plano brilhante de trabalhar com as empresas a fim de incentivar os empregados a prevenir as doenças.

Suas pesquisas revelaram que os empregados faltavam muitos dias no ano, acarretando com isso prejuízos financeiros para as empresas, e que muitas dessas faltas poderiam ser eliminadas.

Montou um plano de ação bem flexível, incentivando as pessoas a perderem peso e praticarem exercícios físicos. Isso iria custar dinheiro às empresas, mas ele podia provar que, a longo prazo, a medida acabaria representando uma economia de gastos.

Stan levou seu plano a mais de 700 empresas. Mas nenhuma delas queria se arriscar. Todas apresentavam varias razões para dizer que não viam valor algum naquele programa. No começo da década de 80, porém, algumas das grandes companhias começaram a aderir ao seu conceito de medicina preventiva.

O problema que Stan teve de enfrentar é comum.

Líderes dotados de visão. Eles têm a capacidade de enxergar além, de imaginar coisas que as ovelhas precisam ver para crer. Eles podem prever as curvas do caminho, os desvios, as mudanças de rota. Às vezes, tem de abrir caminho, não importa se os outros estejam vendo a passagem ou não. O versículo-chave aqui encontra-se no Evangelho de Lucas: “E aconteceu que, ao se completarem os dias em que devia ele ser assunto ao céu, manifestou no semblante a intrépida resolução de ir para Jerusalém” (Lc 9.51). Como se pode ver nos versículos seguintes, os discípulos não entenderam o que estava acontecendo.

Eles estavam pensando em mandar fogo para destruir a cidade. Jesus, porém, estava antevendo o calvário.

Embora os líderes precisem ser visionários, percebendo o que os outros ainda não viram, é necessário que tenham cuidado para não andarem depressa demais. Os pastores, mesmo os dotados de visão, devem ter sempre no coração o bem-estar do rebanho. Nada me soa pior aos ouvidos do que ver os membros de determinada igreja referirem-se ao pastor, visionário e ambicioso, nesses termos: “Ele está construindo um império”.

Construir um império é muito perigoso. Uma das firmas pioneiras na produção de computadores veio a falir por ter ultrapassado suas próprias limitações. Um dos representantes da companhia disse mais tarde: “Ele (o inventor e presidente) queria ser o maior, mas não fez questão de ser o melhor. Não se preocupou quando os empregados se demitiram, porque pensou que iria encontrar outros tão bons como aqueles.”

Equilíbrio

Qualquer que seja nossa área de liderança, não podemos prescindir de estar com nossos companheiros de trabalho, empregados, membros da nossa igreja ou comunidade, membros da família, de modo a fazê-los sentir que nos importamos com eles. Não podemos ser o melhor amigo de todo mundo, mas podemos estar abertos e nos colocarmos à disposição das pessoas.

O presidente de uma grande cadeia de restaurantes, por exemplo, adota uma “política de porta aberta”. Qualquer pessoa da empresa pode falar comigo quando quiser’, diz ele; e seus empregados sabem que é verdade. Ele é um homem muito ocupado, mas não tão ocupado que não possa ouvir os outros. Sua empresa, ligada a um ramo em que as mudanças gerenciais chegam a 50% ao ano, apresenta, em igual período, um índice inferior a 5% de rotatividade de pessoal.

Mas um bom líder sabe como manter um relacionamento equilibrado com seus liderados, de modo a impulsioná-los para a frente. A maioria das pessoas preferem descansar um pouco, permanecer confortavelmente onde estão. Assim que se adaptam a um estilo de vida, não se sentem motivadas a ir além ou tentar coisas novas. O verdadeiro líder diz com frequência: “Adiante! Marche!”.

Jesus sabia como manter esse equilíbrio. De um lado, ele prometeu aos discípulos que eles teriam sua presença e consolo através do Espírito Santo. Mas, ao mesmo tempo, fez com que olhassem além daquela pequena cidade do Oriente Médio e visualizassem o mundo todo.

Lucas registra suas palavras, que esclarecem bem esses dois princípios: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda Judéia e Samaria, e até aos confins da terra” (At 1.8).

O que Caracteriza um Bom Pastor?

Como cresci no Oriente Médio, pude observar bem de perto o carinhoso relacionamento que existe entre o pastor e suas ovelhas. Na cultura ocidental é preciso viajar um bocado para se encontrarem ovelhas, e mesmo quando as encontramos, as técnicas modernas de criação em massa não nos ajudam muito a compreender a imagem vívida que Jesus usou para explicar seu estilo de liderança.

A recompensa que o pastor tem de seu trabalho é ver suas ovelhas satisfeitas, bem alimentadas, saudáveis e em segurança. Ele gasta sua energia não para ser considerado um bom pastor, mas para proporcionar ao rebanho o melhor pasto, a erva mais fresca, para encontrar água límpida, para guardar ração para o inverno. O bom pastor não mede esforços para preparar um abrigo contra as tempestades. Está sempre alerta contra os inimigos cruéis, contra as doenças e os parasitas a que as ovelhas são tão suscetíveis.

De madrugada até ao anoitecer, esses bons pastores dedicam todo o seu tempo ao bem estar de seu rebanho. Nem chegam, sequer, a descansar durante a noite; dormem com um olho e os dois ouvidos bem abertos, prontos para proteger suas ovelhas ao menor sinal de perigo.

Quando Jesus se intitula o Bom Pastor, ele não está apenas se proclamando um líder a mais. Muitos dos líderes religiosos de seu tempo diziam-se pastores de Israel, mas Jesus viu sua hipocrisia, seu egocentrismo, sua incapacidade para liderar e defender seu rebanho.

O que Jesus realmente estava dizendo era: “Eu sou o Pastor por excelência! Sob minha liderança vocês vão encontrar proteção, companheirismo, sustento”. Toda a responsabilidade recai sobre seus ombros largos. Seu imenso coração é todo ternura. Não há superioridade nem frieza. Suas ovelhas não vão ter um pastor assistente para atender o telefone. Ele é o Bom Pastor. Amar as ovelhas é o seu estilo.

CAPÍTULO 4 - CORAGEM

Maomé tem atualmente milhões de seguidores pelo mundo a fora, e o islamismo é uma das religiões que crescem mais rapidamente.

Logo que começou, entretanto, o número de convertidos era muito

pequeno. Quase ninguém entendia o que Maomé estava dizendo. Nos seus escritos ele abriu o coração sobre a bênção que era encontrar alguém que crescesse nele. E prometeu para os primeiros adeptos uma infinidade de bênçãos.

Tem surgido um sem número de líderes, religiosos ou seculares, sempre prontos a subornar seus primeiros seguidores. Estou usando a palavra “subornar” aqui no sentido de que eles pagam pela adesão com promessas de bênçãos ou favores, ou tentando convencê-los de que são pessoas especiais. Essa é a maneira mais freqüente para se iniciar qualquer tipo de movimento, negócios ou outras atividades que demandem crescimento numérico. Esses líderes, depois de se empenharem com afinco para conseguirem os primeiros adeptos, estimulam-nos, despertam neles um grande entusiasmo, de modo a fazer com que o movimento se auto-propague.

Mas Jesus não fez grandes promessas quando começou seu ministério.

Segundo a Bíblia, quando chamava seus seguidores, limitava-se a dizer-lhes: “Segue-me” (Jo 1.43).

Mais surpreendente ainda é o fato de que ele não usava qualquer tipo de influência para promover sua causa. João conta a história de Nicodemos chegando à noite para visitar Jesus. Ele descreve Nicodemos como sendo um dos fariseus, “um dos principais dos judeus” (Jo 3.1). Do que ficou escrito podemos inferir que Nicodemos pertencia à hierarquia judaica. Ao mencionar que ele era um fariseu, membro de uma seita religiosa das mais conservadoras, cujo nome significa “aqueles que são separados”, João tenciona chamar a atenção dos leitores para o fato de que aquele homem que estava procurando Jesus não era uma pessoa qualquer.

Imaginem que dividendo renderia tê-lo como um dos primeiros a se converter! Com que orgulho Jesus poderia ter-se jactado: “Tenho discípulos no alto escalão”. Não é estranho que Jesus não tenha dado a Nicodemos uma recepção maior e mais importante do que a qualquer outro? Ele não tentou nenhum tipo de persuasão e nem fez nenhuma promessa; não dispensou, tampouco, palavra alguma de elogio ou que demonstrasse ter reconhecido o “status” daquele homem.

Jesus ouviu as palavras gentis de Nicodemos: “Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele” (Jo 3.2).

Quando Nicodemos parou de falar, Jesus não disse:

“O senhor chegou ao lugar certo. Continue fazendo o melhor que

puder”. A presença de um dos grandes de Israel também não intimidou o Senhor. Ele não disse aquilo que muitos dos líderes cristãos atuais dizem quando falam com não-cristãos, principalmente aos que vêm de outras religiões como o budismo, o islamismo, o hinduísmo ou o espiritismo: “Você” conhece uma parte da verdade e nós estamos com a outra parte, e, afinal, estamos todos lutando juntos”.

Jesus olhou de frente para aquele líder religioso, competente e conceituado, e disse-lhe apenas: “É preciso nascer de novo”. Não disse a Nicodemos aquilo que ele queria ouvir, nem o elogiou por ter vindo vê-lo, ou ouvi-lo. Tampouco procurou influenciá-lo para que se tornasse um dos seus discípulos. Em vez disso, transgrediu todas as boas normas de marketing, fazendo a Nicodemos uma exigência espiritual.

Nada de Transigências

De acordo com os padrões de muitos dos líderes atuais, Jesus cometeu um grande erro quando falou com Nicodemos. Qualquer curso de marketing de que já ouvi falar ensina que a primeira coisa que o vendedor tem de fazer é ser agradável com o comprador em perspectiva; é instruído a usar de lisonja ou adulação, a procurar algum ponto positivo ou de interesse do outro, e tecer comentários favoráveis em torno dele. Aprende também a mostrar cordialidade e abertura. E, acima de tudo, deve manter sempre um sorriso.

Muitos líderes, quando diante dos chefões e os poderosos deste mundo, tendem a diluir suas convicções — ou, pelo menos, falar delas com o maior cuidado, enfeitando-as e tornando-as o mais aceitável possível. Evitam ao máximo desapontar as pessoas principalmente no primeiro encontro. Jesus não respeitou essas regras.

A hora escolhida por Nicodemos para encontrar-se com Jesus indica que um homem na sua posição havia de sentir-se envergonhado de ser visto em público com aquele novo rabi controverso, de nome Jesus. Os fariseus se aproximavam de Jesus de uma maneira condescendente, quase que ostensiva. Nicodemos representa muita gente na nossa sociedade de hoje que julga estar prestando enorme honra ao cristianismo quando declara:

“Nós — autoridades nas letras, árbitros do bom-gosto, representantes da opinião pública, jornalistas, escritores de revistas e outras publicações, comentadores e editores da TV, líderes dos movimentos sociais e

filantrópicos — reconhecemos que Jesus foi um grande Mestre”.

Todavia, por mais ostensiva e condescendente que a atitude de Nicodemos tenha sido, a sua percepção mesquinha de quem era Jesus não mudou uma vírgula na atitude de “braços-abertos” do Senhor. Nem deveria a atitude de condescendência de nossa sociedade tornar-nos superiores ou amargos.

Como foi que Jesus conseguiu, ao mesmo tempo confrontar Nicodemos com coragem sem, contudo, deixar de amá-lo? Vamos examinar bem de perto que estilo de liderança Jesus revelou naquela noite.

Na qualidade de um jovem rabi de Nazaré, sem nenhum diploma ou respaldo das autoridades, Jesus se deparou com uma oportunidade rara de penetrar bem no centro do Sinédrio. Não poderia haver nada mais agradável para um jovem e ardente líder espiritual do que ter, por parte dos homens sábios e influentes, o reconhecimento de ser ele também um mensageiro de Deus. Só depois de anos de ministério, ele poderia vir a receber reconhecimento e elogios a valer, mas não no início.

Jesus poderia ter sido absorvido pela lisonja. Poderia ter dito: “Estou honrado com sua presença aqui”, ou então, “é um grande privilégio para mim”, ou, ainda, “estou satisfeito que tenha reconhecido que fui enviado por Deus”. Isso faria muito sentido se o que o jovem rabi estivesse procurando fosse apenas reconhecimento.

Falando da maneira com que falou, Jesus mostrou coragem, audácia e compaixão. Não se preocupou em ir contra o “sistema” e nem ridicularizou Nicodemos. Alguns líderes tentam construir seus impérios rebaixando, ridicularizando, zombando, usando de sarcasmo, mantendo secreta uma grande animosidade. Jesus não usou de nenhum desses recursos.

Aqui Jesus demonstrou que seu estilo de liderança é tão versátil quanto precisa ser para cada ocasião que surge. Quando a multidão estava reunida no templo, Jesus não hesitou em expressar publicamente sua ira para com os vendilhões que haviam profanado a casa do Senhor.

Mas com Nicodemos agiu mansamente. Na quietude da noite não hesitou em manter um debate firme, contudo paciente, com ele.

Não faz muito tempo, assisti pela televisão a um debate entre um líder cristão e um conhecido humanista. Fiquei triste ao ver o líder cristão muito mais empenhado em conquistar a aceitação do público do que apresentar com firmeza as palavras de Cristo. Quanto mais insistentes se tornavam às

perguntas do auditório, mais enfraquecida se tornava à mensagem de Cristo por ele transmitida.

A sociedade recebe de braços abertos os elementos da igreja que aceitam sem relutância todos os tipos de crença. Nossa cultura é receptiva aos líderes de igreja que não fazem exigências morais rigorosas. O mundo atual parece sempre disposto a receber uma cristandade sem força moral, irresoluta, que vê Deus em tudo e tudo em Deus. Mas esse não é o estilo de liderança de Jesus.

O estilo de liderança de Jesus exige coragem — para falar a verdade em amor. Há uma diferença entre amor e transigência.

Se alguma coisa aprendemos do estilo de Jesus, é que a verdade vem acima de tudo. Jesus nunca lançou mão de meios escusos para conseguir “vender mais”. Ele não facilitou as coisas com promessas.

Às vezes, chegou mesmo a desencorajar candidatos a segui-lo, mostrando as dificuldades e o preço do discipulado. Não desejava que abraçassem a nova fé ignorando o que o futuro reservava para os seus seguidores.

Os Espinhos da Coragem

Uma amiga nossa trabalhou vinte anos como agente no setor de reserva de passagens de uma das maiores companhias aéreas do mundo. Nos dois últimos anos, por três vezes teve problemas com seus supervisores por causa da sua honestidade.

Como a companhia começou a controlar as chamadas feitas de fora, descobriram que Bárbara tentava passar aos clientes informações completas sobre o serviço e os preços. Se um cliente precisasse voar dentro de determinado horário e a companhia não tivesse nenhum vôo marcado para a ocasião, ela procurava informação com as companhias rivais e a passava ao cliente. Certa feita chegou mesmo a dizer a um dos clientes que, naquele vôo, seria mais econômico para ele viajar por outra companhia.

Bárbara sentia que era preciso demonstrar integridade, embora estivesse também interessada em que sua companhia tivesse lucro. Ela poderia ter perdido o emprego. Mas conseguiu mantê-lo até se aposentar porque a companhia recebia cartas de clientes falando bem a seu respeito. Todos eles faziam questão de agradecer à companhia pela honestidade encorajadora

daquela funcionária. Uma das cartas dizia: “Já viajei muito e nunca vi ninguém sugerir outra companhia a não ser que eu insistisse muito. Ela forneceu aquela informação voluntariamente. Quero que os senhores saibam que daqui por diante viajarei exclusivamente pela sua companhia.” Até à aposentadoria continuou ouvindo palavras de desagrado do seu supervisor. Mas ela disse que até preferia ter anotações depreciativas em sua ficha pessoal do que agir desonestamente com as pessoas. Infelizmente, essa companhia aérea não incentivou seus funcionários a seguirem o exemplo de Bárbara — mas permitiu que ela trabalhasse dentro de seu próprio esquema, porque compreendeu que estava sendo beneficiada com isso.

Se esse esquema traz vantagens ou não, o fato é que os verdadeiros líderes têm um posicionamento definido em relação aquilo em que crêem . Esta é a opinião de um líder sobre o assunto: “Se transijo com um princípio para agradar alguém, como é que vou estabelecer os meus padrões”?

A Coragem de Cristo

Em lugar algum da Bíblia vemos Jesus pedir a seus seguidores que tenham uma grande coragem. Em nenhum lugar ele disse: “Jamais transijam com seus valores”. Ele não precisava dizê-lo! Seu exemplo era suficiente.

No segundo capítulo de João, por exemplo, nosso Senhor manteve seu posicionamento contra todos os líderes judeus do seu tempo, porque eles haviam transformado sua casa numa casa comercial. Ele os enxotou com açoitões e virou suas mesas. Repreendeu-os duramente por sua corrupção.

Numa ocasião, quando eu estava ensinando sobre esse texto, um jovem promissor aluno, homem de negócios, interrompeu: “Sempre achei isso aí a coisa mais tola do mundo. Ele fez isso, mas no dia seguinte o pessoal voltou, colocou as mesas de volta no lugar e continuou a fazer a mesma coisa”.

Antes que eu pudesse replicar, uma jovem dona-de-casa retrucou: “Às vezes temos que agir simbolicamente. Jesus não podia limpar o templo todos os dias. E nem pretendia fazê-lo. Ele poderia ter passado todo o seu ministério procurando meios de derrubar as mesas e enxotar os vendilhões. Mas ele usou aquela ação como um meio para atingir toda a nação judaica; com aquele ato tão significativo ele mostrou a todos aquilo em que cria e o que ele próprio representava”.

Eu, certamente, não teria tido melhor resposta do que essa.

Não precisamos de mais moralistas na nossa sociedade atual; o mundo está cheio deles. Precisamos, sim, de líderes que nos conduzam corajosamente, que conheçam a verdade e a proclamem sem medo. Não precisamos que nos digam quais são as nossas abnegações; precisamos da coragem de Cristo para fazer aquilo que já sabemos muito bem que devemos fazer.

Coragem na Luta

Certo líder disse: “Os líderes escolhem suas próprias batalhas. Mas não podem vencer todas elas. Estão sujeitos a perder algumas durante a campanha, mas podem vencer a guerra”.

A liderança é, muitas vezes, uma batalha, e a luta requer coragem.

Ter coragem não significa nunca sentir medo ou vacilar; não quer dizer que você nunca vai se sentir confuso, nem perguntar: “Oh Deus! será que é certo o que estou fazendo?” Ter coragem é fazer o que é certo, independente das consequências.

Martinho Lutero, o ardente reformador do século XVI, foi um homem de muita coragem. Ele desafiou a igreja daquela época, o papa e outros líderes religiosos e seculares. Em 1521 apareceu diante da Dieta Germânica, na cidade de Worms, e, embora tivesse a promessa de ser protegido, sabia muito bem que estava arriscando a vida. A mesma promessa tinha sido feita a João Huss um século antes, e ele tinha sido queimado na fogueira. Os líderes da igreja prometeram a Lutero perdoá-lo caso se arrependesse dos “erros” e voltasse à “fé verdadeira”. Lutero sabia que essa promessa tinha pouco valor, porque para eles uma promessa feita a um herético não precisava ser cumprida. Ele conhecia a história dos dois séculos anteriores, quando mulheres de cristãos tinham sido torturadas, e muitos outros mortos durante a infame Inquisição Espanhola.

Lutero conseguiu chegar à corte em segurança, mas foi-lhe negada a oportunidade de defender suas teses. Em vez disso, apresentaram-lhe uma lista dos “erros” nelas contidos. Mesmo sabendo que a corte podia decidir sobre sua vida ou morte, quando instado a dizer se se retrataria, sua resposta foi:

"A menos que eu esteja convencido do erro através do testemunho das Escrituras (já que não deposito fé na autoridade insustentável do papa e dos concílios, porque está claro que eles tem errado muitas vezes e

que, também, muitas vezes tem entrado em contradição uns com os outros), e com as Escrituras para as quais apelei, não poderei me retratar e nem me retratarei de nada, porque agir contra a própria consciência não é certo, nem nos é permitido.

Por isso mantenho minha posição. Não posso agir de outra forma.

Que Deus me ajude. Amém”.

(T.S. Lindsay, A History of the Reformation, Charles Scribner's Sons, p.257).

Através dos séculos homens de Deus tem assumido seu posicionamento.

Mantiveram-se firmes em nome da verdade, da integridade e da justiça, qualquer que tenha sido o seu campo do trabalho.

A Coragem em Ação

Alguns anos atrás, havia na Austrália um líder cristão — vamos chamá-lo de Jim — , que trabalhava para o governo. Logo na sua primeira semana do trabalho, seu superior perguntou-lhe se ele gostaria de “fazer umas horas extras”. Como precisasse de dinheiro, Jim disse que sim.

Na primeira noite, seus companheiros sentaram-se a uma mesa para jogar cartas. Quando perguntou pelo trabalho que devia fazer, sou supervisor disso: “Que trabalho? Hora extra é ficar por aqui ‘fazendo cera’ e bater o ponto depois do expediente”.

Jim não se deixou intimidar. Em vez disso, o que fez foi repreendê-lo : “Se estamos sendo pagos para trabalhar, temos de trabalhar”.

Os outros empregados não só se aborreceram com Jim, como até começaram a persegui-lo.

Primeiro impediram que ele fizesse qualquer hora extra; depois, a chefe deu-lhe as piores tarefas. Naquele escritório Jim começou a ficar conhecido por “bíblia”, “pastorzinho”, “fanático” e por mais uma porção de apelidos pejorativos.

Jim se manteve firme. O chefe disse: “Você é um cara legal — esquece

esse negócio de lealdade. Faz como os outros e você vai ganhar muito mais dinheiro.”

“Tenho que trabalhar se estou sendo pago para isso. Jogar cartas nas horas de trabalho, quando estamos ganhando extra, não condiz com minhas convicções”.

A situação acabou se tornando insuportável e Jim teve de deixar o trabalho. Antes de sair, o chefe do departamento chamou-o ao escritório e disse-lhe que sua posição tinha mudado a atitude de outros empregados. As pessoas tinham começado a falar em um nível de consciência muito mais alto do que jamais se ouvira naquela empresa.

A coragem de Jim tinha feito dele um líder. Sua recusa em agir como os demais foi honrada por Deus, que desde então o tem abençoado abundantemente, quer no setor financeiro, quer na vida espiritual. Foi o próprio Deus que prometeu: “aos que me honram, honrarei” (1 Sm 2.30).

O Preço da Coragem

Os cristãos que estão em cargos de chefia sabem que um posicionamento definido pode significar prejuízo financeiro, e até mesmo perda de emprego. Os empregadores podem acusá-los de deslealdade.

Mas um líder corajoso sabe que agradar a Deus deve ser a prioridade máxima em sua vida.

O apóstolo Paulo lutou com o problema de agradar a Deus ou conquistar a aprovação dos outros. A epístola aos gálatas mostra isso claramente. Paulo tinha transmitido aos gálatas a mensagem evangélica de que Deus salva através da fé em Cristo — e que isso era tudo. Depois que ele saiu da Galácia, apareceu um grupo de mestres dizendo aos membros da igreja que era preciso que eles cressem em Jesus e se submetessem à circuncisão.

Paulo se lhes opôs: “Absolutamente não!” Ele sabia que aqueles homens estavam ensinando um “evangelho diferente” (Gl 1.6). Insistiu com o povo para não dar ouvidos aqueles cristãos judaizantes e concluiu dizendo:

“Porventura procuro eu agora o favor dos homens, ou o de Deus? Ou procuro agradar os homens? Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo” (Gl 1.10).

Essas palavras exigiram coragem. Elas provocaram controvérsia,

causaram ira nas pessoas. Paulo provavelmente perdeu um bocado de amigos com esse debate. Mas ele se manteve firme por uma questão de princípio. Hoje podemos nos alegrar porque Paulo tornou clara para sempre que a base da vida de um crente é a fé em Jesus Cristo. Não temos que “completar” nossa fé com práticas do judaísmo, nem precisamos de “Jesus e...”.

Reparem bem no risco dessa atitude corajosa. O bom-senso habitual deveria ter dito a Paulo: “Esse negócio não vai dar certo. Os judaizantes vão ficar tão irritados que acabarão voltando-se contra Jesus. Você tem de falar com eles devagar, com jeito”. Mas Paulo, do mesmo modo que Jesus, não vivia pelos padrões do bom-senso prevalecente. Seu estilo de liderança estava num nível mais elevado.

Nicodemos: O Resto da História

E aquela história do encontro de Nicodemos com Jesus, a que nos referimos antes? Foi corajosa, mas, em última análise, surtiu efeito?

Uma passada pelo Evangelho de João mostra que Nicodemos mais tarde fez uma tentativa um tanto fraca de defender Jesus, quando disse aos líderes religiosos que não condenassem Jesus sem submetê-lo a julgamento no tribunal. “Nicodemos, um deles, que antes fora ter com Jesus, perguntou-lhes: Acaso a nossa lei julga um homem, sem primeiro ouvi-lo e saber o que ele fez? Responderam eles: dar-se-á o caso de que também tu és da Galiléia? Examina, e verás que da Galiléia não se levanta profeta”. (Jo 7.50-52.)

Mais tarde, porém, Nicodemos tomou realmente uma posição de coragem. Depois da crucificação de Jesus, o abastado José de Arimatéia pediu a Pilatos permissão para sepultar o Senhor em seu próprio túmulo. E aí aparece na Bíblia a última menção a Nicodemos: “E também Nicodemos, aquele que anteriormente viera ter com Jesus à noite, foi, levando cerca de cem libras de um composto de mirra e aloés” (Jo 19.39). Os dois homens juntos colocaram o corpo de Jesus no túmulo. Com este ato, Nicodemos declarou abertamente que era seu discípulo.

Fora preciso bastante tempo para que Nicodemos admitisse que era seguidor de Jesus. Mas, quando se tornou mais perigoso declarar sua condição de discípulo, ante o evento da cruz, ele encontrou coragem — ou melhor, a corajosa liderança de Jesus contagiou-o.

Parecia que da cruz fluía audácia para Nicodemos; ele ajudou a preparar e sepultar o corpo de Cristo.

Não resta dúvida de que, quando Nicodemos olhou para Jesus na cruz, lembrou-se daquela noite em Jerusalém, quando o Senhor lhe havia dito:

"Assim importa que o Filho do Homem seja levantado"
(Jo 3.14).

Talvez fosse aquela lembrança que tivesse varrido toda hesitação e todas as dúvidas da mente de Nicodemos.

Tudo tinha começado quando Jesus mostrou coragem no trato com Nicodemos. E isso também é uma característica do seu estilo de liderança.

PRINCÍPIO 4

NO SERVIÇO DO SENHOR, POSSO TER CORAGEM PARA ENFRENTAR QUALQUER BATALHA DE LIDERANÇA.

CAPÍTULO 5 - BONDADÉ

Sempre admirei a maneira com que Jesus falava com as pessoas. Hoje podemos dizer que ele era positivo, porque geralmente deixava as pessoas perceberem o que estava sentindo sem, contudo, rebaixá-las ou menosprezá-las. Também não se dobrava quando seus adversários tentavam jogá-lo contra a parede. Em João 8, por exemplo, os líderes judeus acusaram Jesus de estar possesso de demônio. E ele disse:

"Eu não tenho demônio, pelo contrario, honro a meu Pai, e vós me desonrais" (Jo 8.49).

Jesus também repreendia seus discípulos quando era necessário. Em sua ultima noite com os doze apóstolos, ele pegou a bacia e a toalha e começou a lavar os pés de cada um. Pedro recusou: "Nunca me lavarás os pés." Jesus respondeu com firmeza:

"Se eu não te lavar, não tens parte comigo" (Jo 13.8).

O Lado Amoroso

Em outras ocasiões, porém, Jesus mostrou o lado terno de sua natureza.

Em nenhum outro lugar é isso tão flagrante como no episódio da mulher apanhada em adultério. Jesus não desculpou o pecado dela, ele o perdoou. Depois que seus acusadores partiram, ele lhe disse: “Nem eu tão pouco te condeno; vai, e não peques mais”. (Jo 8.11).

Quando analisamos o estilo de liderança de Jesus, podemos ser tentados a dar maior ênfase em sua iniciativa — seguindo sempre adiante — e à sua visão, e nos esquecermos da sua bondade e mansidão. Mas este é um dos elementos importantes da liderança que Jesus exemplificou com muita beleza.

Quando Jesus se confrontava com os que tramavam contra ele, enfrentava-os com firmeza e não arredava o pé em suas posições. Mas quando estava diante do povo — daqueles que eram necessitados — sua bondade e mansidão vinham à tona. Em uma das passagens mais comoventes do Novo Testamento, Jesus e seus discípulos estavam sendo seguidos pela multidão, até que sentiram necessidade de descansar. Pegaram um barco e se afastaram para um lugar solitário.

"Muitos, porém, os viram partir e, reconhecendo-os, correram para lá, a pé, de todas as cidades, e chegaram antes deles. Ao desembarcar, viu Jesus uma grande multidão e compadeceu-se deles, porque eram como ovelhas que não tem pastor. E passou a ensiná-lhes muitas cousas". (Mc 6.33,34).

Mansidão Não é Fraqueza

Em nossa cultura temos a tendência de pensar que gentil, humilde e manso são sinônimos de fraqueza. Mas essas qualidades podem, na verdade, indicar mais força de caráter e autocontrole do que a “força” que impulsiona alguns a açoitarem verbalmente seus adversários ou discutir com demasiada agressividade.

Os tradutores do Novo Testamento não tem concordado na tradução

dessas palavras. Em grego, humilde é *praotes*, bondade é *epieikes* e compaixão é *chrestotes*, mas todas três tem sentido semelhante. Na tradução de Almeida *chrestotes* às vezes significa benignidade, outras vezes bondade.

O apóstolo Paulo menciona bondade como um dos frutos do Espírito. Eu achava um tanto estranho essa sua colocação. De tudo que já tinha lido sobre Paulo, a idéia que tinha dele era de um homenzinho enfezado, pronto para colocar as pessoas em seus devidos lugares, acertando nos alvos, eloqüente em seus argumentos. Como é que ele havia dado tanta ênfase a uma qualidade que ele próprio não demonstrava em sua vida? Mas com o tempo fui entendendo que as pessoas podem ser objetivas e bondosas e mansas ao mesmo tempo.

Os Três Elementos da Bondade

A bondade é uma combinação de três elementos: o primeiro é consideração ou gentileza. O líder gentil leva em consideração os sentimentos alheios. Ele jamais procura ferir ou rebaixar alguém intencionalmente.

O segundo elemento da bondade é a submissão. No sentido bíblico significa submissão à vontade de Deus — da mesma maneira que a palavra mansidão. Moisés, a quem Deus deu o título de o mais manso de todos os homens da terra (Nm 12.3), não hesitou em se opor ao erro e defender a verdade. Ele se submeteu à vontade de Deus.

Jesus também refletiu essa qualidade, submetendo-se a vontade do Pai.

Ele poderia ter arranjado um jeito de se evadir, mas voluntariamente foi para a cruz e recusou as honras dos homens.

A terceira faceta da bondade é ser aberto para aprender a não ser orgulhoso a ponto de não ser capaz de aceitar a correção. Uma pessoa realmente bondosa nunca para de aprender; mantém-se sempre receptiva.

Conheço um escritor que possui essa característica. Ele orienta dois grupos de estudantes que estão aprendendo a escrever. Cada participante tem que fazer um trabalho toda semana e submetê-lo à crítica dos demais. Ele considera esse método uma das melhores maneiras de aprender.

Ele crê nisso com tamanha convicção, que chega, muitas vezes, a levar para a classe aquilo que ele próprio escreveu. Embora os estudantes nem sempre saibam fazer uma avaliação adequada, mesmo assim ele aprende com seus comentários. “Não existe escritor que seja tão bom que não possa

receber ajuda dos outros”, diz ele. Isso é uma das formas da humildade em ação; um elemento muito importante que o líder deve possuir.

A Força da Bondade

Alí por volta de 1970 apareceu na televisão americana uma pequena série chamada “O Dócil Ben”. Ben era um urso grande e forte. Mas ele era também carinhoso com a família que o havia adotado. Ele podia ficar furioso e demonstrar uma enorme força física, mas também era capaz de mostrar sua natureza gentil. Aquele urso é a imagem mais palpável de delicadeza de que posso me lembrar.

Por trás da docilidade sempre se esconde grande força. Muita gente se engana pensando que um líder bom e dócil é um líder fraco; mas quando alguém é verdadeiramente manso, tem também uma reserva interior de poder.

Bondade em Ação: Jesus e a Mulher Adúltera

Como já dissemos anteriormente, nenhum outro episódio da Bíblia mostra tão bem o lado bondoso da liderança de Jesus como a história da mulher flagrada em adultério (Jo 7.53-8.11). É interessante notar que algumas traduções põem em dúvida a autenticidade da passagem ou a colocam em um contexto diferente. Um estudioso da Bíblia comenta: “O tom da história, quer ela seja bíblica ou não, apresenta uma figura característica de Jesus”. A mesma atitude está presente em Lucas 7.36-50, na história da mulher que ungiu os pés de Jesus na casa de Simão, o fariseu.

No relato da mulher surpreendida em adultério é fácil darmos enfoque à resposta de Jesus aos líderes judeus que lhe tinham preparado uma armadilha. Mas, geralmente, não prestamos atenção à sua atitude em relação à mulher. Como aquela mulher deve ter-se sentido acuada em meio a todos aqueles homens pressionando-a! O medo, a dor e a culpa devem ter sido horríveis. No entanto, Jesus tratou-a como pessoa e não como objeto.

Quando os líderes religiosos trouxeram a mulher, pareciam não ter por ela a consideração que se deve a uma pessoa humana. Eles tinham um objetivo em mente: armar uma cilada para Jesus. Mas Jesus não só não caiu na armadilha como ainda os envergonhou ao mesmo tempo.

Para mim, o aspecto mais importante da história é a maneira como ela termina. Jesus não repreendeu a mulher com um sermão a respeito da sua

imoralidade, como muitos líderes poderiam fazer atualmente. Ele não tentou convencê-la dos prejuízos que, com aquela atitude, ela havia causado a si mesma e à sua família. Não a recriminou dizendo:

“Por que você se rebaixou tanto?”

Em vez disso, fez duas coisas.

Primeiro, ele a aceitou. “Mulher, onde estão aqueles teus acusadores?

Ninguém te condenou?... Nem eu tão pouco te condeno; vai, e não peques mais” (Jo 8.10,11). Com isso Jesus mostrou que estava ciente do seu pecado, sem, contudo, tornar ainda mais pesado seu fardo.

Creio que todos nós já carregamos tanta culpa, que não é preciso que os outros nos acrescentem mais. Temos a tendência de odiar-nos por nossas fraquezas ou por nos considerarmos maus. Já sentimos tanto ódio por isso que não há necessidade de que alguém agrave as coisas ainda mais.

Jesus falou com dureza aos que negavam seus pecados e procuravam esconder suas falhas. Mas os que já se achavam sobrecarregados de sofrimento e abalados pelo sentimento das faltas cometidas, a estes, Jesus encorajava. Jesus condenava o pecado, mas, com toda compaixão, levantava o pecador.

Essa maneira de agir traz-me à lembrança um velho pregador, amigo meu, que me disse certa ocasião: “Um sermão deve surtir dois efeitos — confortar os que se sentem perturbados e perturbar os que se sentem confortáveis”.

Qual foi a segunda coisa que Jesus fez por aquela mulher? Ele a perdoou.

“Nem eu tão pouco te condeno; vai, e não peques mais” (v.11).

Fico maravilhado com essa frase, tão simples e tão direta. Nessas poucas palavras Jesus disse tudo que ela precisava ouvir. Fez com que ela soubesse que havia sido perdoada, mas preveniu-a para não voltar a cometer o mesmo erro. Ele não ficou repisando os seus pecados, não fez uma preleção sobre tentação, nem a confundiu com moralismos.

Limitou-se a dizer: “Não o faça outra vez.” Isso era tudo o que ela precisava ouvir. Aqueles que vivem atualmente no erro, precisam desse tipo de correção da parte de líderes bondosos.

A Gentileza Surte Efeito?

Tenho um amigo, de origem humilde, que cresceu tendo apenas o estritamente necessário, nada mais. Era uma criança inteligente, de mente atilada e que gostava muitíssimo de ler. Costumava ir a uma farmácia onde havia uma seção de revistas; lá, descobriu que podia se esconder num canto e ler as revistas, principalmente as de histórias em quadrinhos. Tinha todo cuidado com elas, de modo que ninguém poderia reclamar que estava amassando-as ou dobrando suas folhas.

Um dia, ele foi além. Escondeu uma revista por baixo da camisa e saiu.

Dias depois, voltou e, certificando-se de que ninguém dava pela coisa, escondeu outras duas. Em pouco tempo, roubar revistas já era rotina...

Até que um belo dia o dono da loja surpreendeu-o e fez com que tirasse as revistas de dentro da blusa. Atemorizado, o garoto começou a imaginar o que o homem iria fazer. Chamar a polícia? Contar para seus pais?

O homem conversou calmamente com o garoto sobre o fato de ele estar se apropriando de coisas que não lhe pertenciam. E a seguir fez algo surpreendente: colocou as mãos nos ombros do garoto e disse: “Não faça mais isso”.

Meu amigo agora conta: “Nunca mais fiz aquilo e, também, nunca mais me esqueci daquele homem. Ele poderia ter sido mesquinho comigo; estava no seu direito; no entanto, tratou-me com bondade”.

É necessário muita força para ser generoso. Nem todo líder sabe como mostrar seu lado bondoso, gentil. E a tendência que temos de menosprezar aqueles que consideramos fracos, ineptos e até mesmo estúpidos, só tornam as coisas mais difíceis. Mas Jesus disse:

"Nem eu tão pouco te condeno; vai, e não peques mais".

É bem provável que a bondade já tenha desaparecido quase de todo no nosso trato nos negócios, na sala de aula, no lar, e até mesmo na nossa igreja. Mas precisamos nos lembrar de que a bondade é uma característica do estilo de liderança de Jesus.

SÓ UM LIDER VERDADEIRAMENTE FORTE PODE SER VERDADEIRAMENTE BONDOSO.

CAPÍTULO 6 - ROMPENDO COM OS COSTUMES

Uma senhora, que fazia parte da diretoria de uma igreja, atingiu a idade de sessenta e cinco anos. A comissão de pessoal estabelecera desde vários anos a aposentadoria compulsória para quem atingisse essa idade. Mas a senhora gozava de boa saúde física e mental, e, por causa de um engano da previdência com relação a seu seguro social, ela solicitou permissão para trabalhar mais um ano.

Mas a comissão de pessoal declarou: “Temos uma norma. Não podemos quebrá-la”.

Alguns de nós fomos ao chefe da comissão e perguntamos: “Mas ela não é uma excelente funcionária”?

“É, sim. Uma das melhores que já tivemos aqui”.

“Ela não está preenchendo uma lacuna, ocupando uma posição de responsabilidade?” perguntamos.

“Está, sim. Ela faz o trabalho de, pelo menos, duas pessoas. E isso tudo sem problemas. Ela tem a capacidade de fazer as coisas funcionarem tranquilamente por aqui”.

“Mas, então, por que vocês estão forçando a saída dela, apesar de estar fazendo tudo tão bem?”, perguntamos.

“Não temos outra saída”, respondeu o homem. “É o regulamento; vocês sabem como é”.

Ele trouxe a lista de normas, pôs o dedo no ponto em questão e chegou bem perto de mim para que eu lesse.

“Está aqui”, disse ele. “Está vendo?”

“Mas quem fez esse regulamento?” — perguntei.

“Não sabemos. Quer dizer, alguma comissão escreveu isso há tempos. Prevendo prováveis inconvenientes, deixaram esses regulamentos bem determinados para seguirmos”.

Discuti, argumentei, pedi, insisti, cheguei a implorar, mas o chefe da comissão de pessoal não cedeu. Não houve argumento bastante convincente, nem apelo emocional da minha parte que conseguisse demover aquele homem. A resposta era sempre a mesma. “O regulamento diz”...

Jesus Face aos Regulamentos

No Evangelho de João, 5.1-15, está registrado algo notável que Jesus fez. Um homem enfermo por trinta e oito anos, de uma enfermidade que o deixava inválido, jazia à beira do tanque de Betesda. Havia muitos outros doentes ao lado do poço, porque eles acreditavam que, de tempos em tempos, um anjo descia e agitava as águas. Quando isso acontecia, a primeira pessoa a entrar na água ficava curada.

Jesus chegou até junto do inválido e perguntou-lhe:

“Queres ser curado?” (V.6.) Ele queria, e Jesus o curou. Depois da cura, o homem pegou o leito onde havia estado por tanto tempo e saiu em direção à sua casa. Aqui poderia ter terminado essa maravilhosa história. Mas o escritor do evangelho acrescentou uma informação que explica a reação dos outros àquele milagre: “E aquele dia era sábado” (v.9).

Tão logo os líderes religiosos ficaram sabendo da cura, não se detiveram um instante sequer para se alegrarem. Nem agradeceram a Deus por ter realizado algo tão extraordinário no meio deles. Ao contrário, ficaram zangados. E disseram ao homem: “Hoje é sábado, e não te é lícito carregar o leito” (v.10).

Era de esperar que aqueles líderes ficassem felizes de o homem ter sido curado, livre agora de trinta e oito anos de sofrimento. Mas porque a cura havia sido feita num dia santificado, o sábado, quando Deus havia determinado que não se trabalhasse, eles ficaram irados. Preferiram ver aquele homem enfermo e sem esperança pelo resto da vida a vê-lo receber a benção de Deus no seu dia santo.

A realização desse milagre foi mais uma prova da messianidade de Jesus. Mas seus detratores ignoraram aquela evidência. Viam apenas o radicalismo da atitude e incapacidade de Jesus de se enquadrar nos moldes deles mesmos.

Na época de Jesus, as instituições religiosas já tinham se tornado um complexo de regras e regulamentos, que escravizavam as pessoas, fazendo-as viver para trabalhar em vez de trabalhar para viver.

As regras, necessárias como diretrizes de vida, tinham-se transformado em cadeias. Os regulamentos tinham aprisionado de tal modo aqueles líderes, que eles já não se importavam mais com as necessidades das pessoas.

Jesus rompeu com esses costumes. Aos olhos deles Jesus havia cometido um dos piores pecados. Havia violado a lei do Sabbath, e eles não podiam deixar passar em branco uma coisa dessas. Jesus tentou mostrar-lhes a diferença entre fazer bom uso das regras e abusar delas, entre ajudar as pessoas e escravizá-las, e aproveitou a ocasião para informar aos seus ouvintes do seu relacionamento exclusivo com o Pai.

Isto nos mostra outra faceta do estilo de liderança de Jesus. Quando ele via que era preciso que algum bem fosse feito, não parava para perguntar: “Que dia é hoje?” O enfermo precisava ser curado. Jesus colocou a compaixão e a misericórdia na frente das leis.

Alguém, certa vez, expressou isso da seguinte forma:

“Jesus amava as pessoas e usava as coisas, mas os líderes religiosos amavam as coisas e usavam as pessoas. Esse incidente não foi criado para estimular as pessoas a desobedecerem as leis constantemente ou para ficarem contra o “sistema”. Pelo contrário, o que Jesus queria era mostrar muito claramente que as pessoas tem prioridade sobre os regulamentos.

Instituições e Regulamentos

Durante meus estudos de doutorado, fiz pesquisas sobre as instituições e movimentos sociais. Foi quando verifiquei que, sempre que uma nova instituição é criada — seja ela cristã ou não —, seus fundadores criticam as organizações já estabelecidas. Por exemplo, uma companhia recém-formada, que vende programas de computador, gaba-se: “Nós oferecemos serviço personalizado. O pessoal de uma grande companhia não dá a mínima para os seus clientes”.

Quando uma nova congregação ou denominação se forma, muitas vezes é porque seus membros se sentem decepcionados com a igreja da qual saíram, por acharem que ela se tornou muito rica, muito impessoal, e que não se importa mais com os indivíduos — que só funciona à base de regras e regulamentos. Pode ser que sentiram que sua ex-igreja estava preocupada em arrecadar dinheiro para encher os cofres e sustentar seus programas — mas nem um pouco interessada em alimentar ovelhas.

Então, a nova igreja ou instituição cresce e se afirma, e os novos fundadores acabam sofrendo as mesmas acusações que faziam aos seus antecessores. E mais uma vez, um jovem líder, radical e entusiasmado, cheio de iniciativa, surge e declara que “nós” devemos acabar com esses regulamentos tolos e retrógrados, que nos impedem de atingir o povo. “Nós” devemos estar voltados para o povo.

Da mesma maneira, quando Deus comunicou a lei a Moisés, ele estava dando estatutos para o bem da comunidade. Com o correr dos séculos, os líderes interpretaram, reinterpretaram, explicaram e tornaram a explicar esses estatutos básicos.

Com o tempo, os estudiosos e os filósofos fizeram acréscimos as leis, através de constantes interpretações e explicações.

Chegaram ao ponto em que todo o judeu ortodoxo tinha que observar 613 obrigações diárias. Esses mesmos mestres dividiram as leis em duas partes, as chamadas pesadas (248 obrigações diárias) e as chamadas leves (365 preceitos). A quebra das regras leves não implicava em penalidade muito pesada.

De Volta às Bases

O estilo de liderança de Jesus foi o reverso do estilo dos escribas, fariseus e sacerdotes. Quando eles desejavam falar com autoridade, diziam: “Como ensinava o Rabino Hillel...” Referiam-se a regras, preceitos ou ensinamentos de um famoso predecessor.

Jesus, por outro lado, dizia o que tinha a dizer sem citar os mestres, como se vê no Sermão da Montanha:

"Ouviste o que foi dito... Eu porém vos digo" (Mt 5.27-44).

Ele não pretendia contradizer as leis de Moisés ou destruir o que Deus havia ordenado no passado. Muito pelo contrário, com atos como a cura do paralisado, ele mostrou que os líderes religiosos haviam transformado em deuses os mandamentos que tinham sido dados para orientá-los sobre como viver na comunidade e adorar a Deus.

Na época de Jesus, os principais mestres se perdiam em debates sem fim sobre qual seria o mandamento mais importante.

Jesus esclareceu facilmente essa questão quando lhe fizeram a pergunta tentando, provavelmente, enredá-lo:

"Qual é o principal de todos os mandamentos?" (Mc 12.28).

Jesus respondeu citando a lei de Moisés:

"Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes" (vv. 30-31).

Jesus tinha o estilo de liderança que se pode chamar de “volta às bases”. Ele sabia que as leis de Deus foram feitas para ajudar — não para atrapalhar — as pessoas a viverem uma vida plena. Por isso deu toda ênfase àquilo que era realmente essencial — compaixão, amor e fidelidade aos outros e a Deus — e não ao comportamento exterior.

O Estilo de Paulo

Paulo mostrou essa característica de liderança quando escreveu para as igrejas da Galácia. Os crentes de lá estavam envolvidos num emaranhado tão grande de regras, que pareciam estar sendo enterrados em areia movediça, sem perspectiva de se livrarem. Paulo tentou mostrar-lhes como Cristo os havia libertado, explicando-lhes o conceito de liberdade cristã.

Será isso o que está acontecendo atualmente nas igrejas? Muitas congregações parecem estar mortas por que se aferraram a tradições que tiveram início há séculos. Embora sejam “respeitáveis”, supervaloriza maneiras de adorar que acabam bloqueando o ato de adoração em si.

Alguns missionários também falharam no seu trabalho no estrangeiro porque foram por demais inflexíveis no exercício da liberdade cristã.

Muitos construíram igrejas que seriam muito mais adequadas para funcionar em Boston ou Londres do que na África ou Ásia, usando uma arquitetura ocidental, com bancos, púlpitos e coros que nada tinham a ver com aquelas culturas, com corais usando becas, totalmente em desacordo com o clima da região. Eles não só introduziram elementos totalmente estranhos a essas culturas, como tornaram esses elementos partes integrantes da adoração e dos cultos.

Conheço missionários, por exemplo, que trabalharam nos anos 30 e 40 na África Oriental. Eles encontraram naquela região povos com suas músicas próprias, cantadas em tom menor e sem ritmo regular. Cheios de zelo e boas intenções começaram a ensinar os hinos no estilo ocidental, traduzindo as letras para as línguas locais. Mas deram-se mal, e logo enfrentaram problemas.

Primeiro insistiram que a métrica fosse regular. “Afinal, assim é que uma música deve ser”, disse um missionário. Insistiram em ensinar a música ocidental com sua escala tonal, sacrificando às vezes a clareza do texto para a regularidade do ritmo. Pior ainda foi o fato de proibirem que os nativos cantassem qualquer coisa típica de sua cultura, por acharem que suas canções estavam associadas ao ateísmo. Até onde vai meu conhecimento, esses missionários não se deram o trabalho de ouvir essas músicas e entender o seu significado.

Fico pensando se Jesus diria àqueles bem-intencionados missionários:

“Vocês estão mais interessados na sua preferência musical do que nas necessidades dessas pessoas. Mas eu lhes digo, deixem que se alegrem, que louvem à sua maneira, com suas vozes, seus cantos e seu próprio estilo de música”.

Como será que alguns desses missionários responderiam a essas palavras? Da mesma maneira que alguns dos líderes rígidos e intransigentes do tempo de Jesus, embora não tão drasticamente.

Depois de Jesus ter curado o homem de Betesda, “os judeus perseguiam a Jesus, porque fazia estas cousas no sábado” (Jo 5.16).

Primeiro o que é mais importante

O estilo de liderança de Jesus coloca as pessoas em primeiro lugar e os regulamentos em segundo. As necessidades humanas vem primeiro, as tradições depois. O reino de Deus vem primeiro — e tudo mais vem depois. Em termos práticos, isto quer dizer que o líder, às vezes, tem de quebrar as tradições “sagradas” e derrubar barreiras. E isso, não raro, requer muita coragem.

Os líderes que seguem o estilo de Jesus não rompem com tradições só por fazê-lo. Os costumes e as tradições podem trazer grandes benefícios. Geralmente, foram adotados por boas razões. Mas quando o costume interfere nos interesses e necessidades humanas, o líder está certo ao pôr de

lado os regulamentos.

E isso nos leva ao nosso princípio seguinte.

PRINCÍPIO 6

O VERDADEIRO LIDER COLOCA OS INTERESSES DAS PESSOAS NA FRENTE DAS TRADIÇÕES HUMANAS.

Esse princípio parece muito bom. A dificuldade é saber como aplicá-lo, tamanha a quantidade de tradições que temos de enfrentar. Jesus poderia ter usado centenas de exemplos que mostrassem como os líderes religiosos do seu tempo tinham explorado e escravizado espiritualmente o povo, mas ele escolheu um dos mais importantes — a lei do Sabbath. Talvez tivesse escolhido esse ponto para levar as pessoas a examinarem outros hábitos, costumes, rituais e regulamentos dentro do mesmo critério.

A violação de um costume, quando justa, nos leva à definição dada por Jesus do primeiro mandamento — amar a Deus de todo o coração. Ele vinculou de tal forma esse mandamento ao amor ao próximo e a nós mesmos, que é como se eles fossem apenas um ou o mesmo mandamento. De que melhor maneira podemos mostrar nosso amor a Deus do que pelo modo com que tratamos as pessoas? O verdadeiro líder usa o amor como norma para romper com os costumes em favor das necessidades humanas.

CAPÍTULO 7 - GENEROSIDADE

Um rapaz entrou para a universidade quando já estava com vinte e cinco anos. Já havia tentado fazer uma porção de coisas, mas acabou descobrindo que o que queria mesmo era aprender.

Quando estava cursando o segundo ano, estabeleceu-se uma grande afinidade entre ele e um dos professores.

Depois de alguns meses, o professor disse a ele: “Bob, Sua mente é como algodão — absorve absolutamente tudo que ensino. Mais do que isso, você tem o tipo de inteligência que não se prende a respostas. Você gera suas

próprias perguntas”.

Um ano depois, o mesmo professor disse a Bob: “Já ensinei a você tudo que sei. Francamente, sua capacidade vai além da minha. Acho que você deve se transferir para outra escola onde possa encontrar um novo desafio”. Além de toda afeição que dedicava a Bob, o professor queria também que ele o superasse. Nem todo mundo é capaz de agir com tal generosidade.

Um farmacêutico percebeu um grande futuro num certo jovem da sua igreja. Ele sabia que o rapaz tinha grande capacidade e desejava muito entrar para a universidade, mas que isso não era possível. Os pais do jovem haviam morrido e ele, sendo o irmão mais velho, tinha que trabalhar para sustentar dois irmãos mais novos.

Depois de muito orar sobre o caso, o farmacêutico deu aos dois irmãos um emprego de meio-expediente, de modo a liberar o rapaz da responsabilidade de sustentá-los. Depois, emprestou-lhe o dinheiro necessário para que ele pudesse fazer seu curso.

Cinco anos depois, o rapaz conseguiu seu diploma e um futuro assegurado.

Pronto para pagar o que devia disse ao seu benfeitor: “Acho que posso pagar uma média de 200 dólares por mês”, começou dizendo.

O farmacêutico balançou negativamente a cabeça. “Emprestei esse dinheiro a você, mas não o quero de volta. Quero que você procure alguém que mereça e precise tanto quanto você naquela ocasião, e faça por ele ou ela o mesmo que fiz por você”.

Tanto o professor como o farmacêutico tinham um verdadeiro espírito de generosidade. Esta qualidade é essencial àquele que deseja ser um líder semelhante a Jesus.

A Generosidade de Jesus

Um acontecimento que ilustra a atitude generosa de Jesus Cristo é o episódio onde ele alimentou os 5.000 (Jo 6.1-14). E o único milagre registrado em todos os quatro evangelhos, o que indica a profunda impressão que causou nos crentes da igreja primitiva.

Jesus pegou o alimento que serviria de refeição a um menino e multiplicou aquela pequena quantidade de maneira a alimentar toda a

multidão que o havia seguido. Os autores dizem 5.000 homens, o que talvez signifique que não incluíram as mulheres e crianças presentes.

Esse milagre demonstra a generosidade de Jesus em prover as necessidades das pessoas. Ele poderia ter mandado a multidão embora. Poderia ter-lhes prevenido, naquela manhã, que o dia seria longo e que eles não teriam alimento. Poderia ter-se omitido — “não é problema meu”.

Os discípulos, que eram realistas, reconheceram que as pessoas deviam estar com fome, e se preocuparam com elas. Mas do ponto de vista deles, Jesus não tinha responsabilidade para com aquela multidão; ele não havia chamado ninguém para segui-lo. Fizeram, portanto uma sugestão sensata: mandar as pessoas para casa antes que ficasse muito escuro.

Quem iria culpar Jesus se ele fizesse isso? Seria perfeitamente natural para todos. Mas Jesus não os mandou embora; deu-lhes o que precisavam. E aí está a generosidade de Jesus.

Ele dá mesmo quando não temos direito a reclamações, quando não há razão para pedir, a até quando não estamos esperando nada.

Jesus deu àquelas pessoas o que elas não podiam obter por si mesmas.

Nesse caso, foi alimento. Para o cego em João 9, foi a visão. Na festa de casamento em João 2, os convidados não tinham razão para esperar que Jesus lhes desse vinho. Mas Jesus, num ato de generosidade, supriu-os do que havia de melhor. E isso nos leva a um outro princípio de liderança.

PRINCÍPIO 7

O VERDADEIRO LÍDER DÁ COM GENEROSIDADE.

Executivos Generosos

Ao contrário do que a maioria pensa, não é pisando uns nos outros que os bons líderes atingem o topo. Às vezes pensamos que aqueles que estão “lá em cima” têm a seguinte atitude: “Abri meu próprio caminho, você trate de abrir o seu”. Mas a minha experiência contraria essa idéia. Aqueles que atingem o alto — principalmente os que tiveram de vir de baixo — conhecem as dificuldades e decepções da subida numa organização e sabem da importância de serem ajudados.

Há alguns anos uma revista americana fez um estudo sobre os executivos de alto cargo, de vinte das maiores empresas. Todos eles disseram ter conseguido o maior impulso em sua carreira quando algum superior notou-o, ficou impressionado com sua atuação e capacidade, e resolveu ajudá-lo. Um deles acrescentou: “Cada vez que “meu protetor” subia de cargo, me levava junto e eu subia com ele.”

Quando li esse artigo, uma qualidade daqueles líderes me surpreendeu.

Notei que os que atingem posições elevadas não são necessariamente o tipo de gente que espezinha quem deixou de lhes ser útil. São pessoas que trabalham bem com os outros e é assim que conseguem sentar-se na cadeira de executivo. Eles ajudam os outros, mesmo que, às vezes, esse auxílio resulte em competição com eles.

Desde que li esse artigo, tenho encontrado ou ouvido falar de vários executivos cristãos. Nem todos são um exemplo de generosidade, mas muitos sim.

Quando falo de generosidade, quero dizer dar de si sem esperar retorno.

Não estou falando de dar para receber. Não estou falando de ajudar alguém e depois lembrar: “Você” está me devendo isso, “hem”.

Os líderes generosos não se contentam em ajudar apenas a um ou outro.

Eles tentam beneficiar maior número de pessoas. Animam, incentivam. Querem que os outros tenham sucesso.

O falecido Cecil B. Day foi esse tipo de líder. Ele fundou a “Day’s in of América”, uma cadeia de pousadas de estrada que, atualmente, chegam a ser mais de trezentas. As pousadas se destinavam ao viajante de baixa renda, a funcionários públicos e outros empregados que tinham de viajar com diárias restritas pagas pelo governo.

Cecil teve um começo de vida modesto, mas chegou a fundar uma cadeia de hotéis multimilionária. Ficou conhecido como um homem que trabalhava com afinco para ter dinheiro para investir em causas que glorificassem a Deus.

Antes de morrer, Cecil abriu mão de todas as suas propriedades. Ele vivia dando oportunidade a pessoas que mereciam — jovens, evangelistas, pastores e outros obreiros cristãos. Sua vida foi um ato constante de doação.

O que o Líder tem a oferecer?

Generosidade não significa apenas dar dinheiro. O líder que compreende o conceito do amor de Jesus sabe que pode dar a si mesmo — muitas vezes, de maneira que supera a oferta de coisas materiais. E como o líder faz isso?

1. Dando de seu tempo. Em vez de reservar todo o tempo para si mesmo, o líder o usa de várias maneiras para servir. Alguns dos leigos mais atuantes da igreja ocupam posição de liderança nos negócios. Um diretor de vendas de uma companhia de embalagem de carne declarou: “No meu trabalho, faço sempre tudo da melhor maneira que posso. Na igreja, ponho em prática o que aprendi nos negócios para servir a Jesus Cristo”. Esse homem, um gerente super-ocupado, é também o responsável pelo programa de evangelização da sua igreja.

2. Dispensando atenção. Quando um executivo muitíssimo bem pago começou seu trabalho de chefia, fez questão de dizer aos seus subordinados: “Minha porta estará sempre aberta. Quando precisarem de alguém com quem conversar, venham, que me colocarei a disposição para ouvi-los”.

Dezesseis anos depois sua maneira de agir continuava a mesma. Nem sempre os empregados conseguem falar com ele imediatamente, mas, de uma maneira ou de outra, ele acaba arranjanado um jeito de recebê-los. Uma das secretárias da companhia disse: “Tive um problema em casa que quase me arrasou. Telefonei para ele porque precisava mesmo falar com alguém.

Como sei que ele é muito ocupado, fui logo perguntando: será que o senhor está muito ocupado para conversar uns minutinhos comigo? Sei que sua agenda é...”

“Nunca estou ocupado demais quando se trata de atender uma pessoa”, respondeu-me. E ficou no telefone durante vinte minutos.

“Ele não resolveu meu problema”, disse, “mas senti que ele estava interessado em ajudar-me. Só o fato de ele gastar tempo me ouvindo, aliviou bastante a pressão e o sofrimento em que eu estava”.

3. Partilhando sua experiência. Os melhores líderes aprenderam muita coisa durante a sua escalada até o cargo que ocupam.

Quando alguém os procura, tem a maior boa vontade em passar adiante o que aprenderam. Um senhor, que ocupava um dos cargos elevados de uma empresa, disse aos seus oito subordinados: “Pretendo me aposentar daqui a

quatro anos. Estou disposto a ajudá-los em tudo que puder. Mas não vou dar nenhum auxílio que não me for pedido. Se me pedirem, eu lhe darei”.

Ele não disse nada na hora, mas o que tinha em mente era que um dos seus auxiliares ocupasse seu lugar quando ele se aposentasse aos 58 anos. E foi um deles que de fato ocupou seu lugar: uma jovem avó de 43 anos, extremamente motivada, que levou ao pé da letra seu oferecimento de ajuda. Ela prestava atenção na maneira como ele agia, fazia perguntas e procurava sempre encontrar um modo de fazer melhor as coisas. E ele ajudou-a generosamente, conforme havia prometido.

O Princípio da Doação

Jesus disse: “De graça recebestes, de graça dai” (Mt 10.8). Paulo cita Jesus como tendo dito: “mais bem-aventurado é dar do que receber” (At 20.35).

O princípio apresentado aqui é o de que nunca se perde quando se dá.

Com isso só se pode ganhar. Para os céticos, essa idéia pode parecer estranha. Mas ela funciona. À proporção que o líder se dá, produz melhores auxiliares, cria melhores relacionamentos. Dar torna a Regra de Ouro um modo prático da vida.

A nossa natureza, porém, faz com que a maioria de nós prefira não dar. Geralmente aprendemos a ser generosos através do exemplo de alguém. Se fomos ajudados por um benemérito, um amigo, um colega ou chefe, aí, então, desejamos fazer o mesmo para com os outros.

O Espírito Generoso

A generosidade se revela de várias formas. Quando o líder planeja com antecedência, tornando a estrada um pouco mais fácil para aqueles que virão depois dele, isso é generosidade. Quando o líder prepara, equipa, ensina, exorta e encoraja seus subordinados a crescerem, isso é generosidade; não que ele tenha obrigação de agir assim; pelo contrário, teria até menos problemas se os deixasse ficar cada um quieto em sua posição.

Mas seja qual for a forma em que a generosidade se revele, ela é algo que vem do profundo de nosso ser. Não se manifesta apenas para conquistar o reconhecimento nem a lealdade dos outros.

Um dos homens de Deus mais generosos que já encontrei é alguém de instrução muito restrita, sem grandes talentos. Vou chamá-lo de Cláudio.

Durante o tempo em que trabalhava de tempo integral, num serviço braçal bastante pesado, Cláudio começou a se interessar pelas pessoas de um dos bairros pobres da cidade. Juntamente com a esposa e duas filhas, começou uma pequena congregação numa casa alugada. As pessoas começaram a freqüentar a igreja. Passaram-se seis anos antes que o grupo crescesse o bastante para que Cláudio pudesse deixar o emprego e se dedicar exclusivamente à igreja.

Passado mais algum tempo, um jovem que havia encontrado Jesus Cristo naquela igreja, deixou a congregação. Num domingo, quando eu estava na casa de Cláudio fazendo uma visita, o telefone tocou. Era o jovem que queria falar com ele.

Depois de conversar um certo tempo, Cláudio voltou à mesa e disse à esposa e às filhas quem tinha telefonado.

“Ele quer iniciar uma congregação aqui na nossa rua”, disse ele.

Os dois, ele e o rapaz, tentariam atingir a mesma vizinhança.

“O que foi que você disse a ele?” perguntou a esposa.

“Eu disse para ele vir, porque tem gente bastante para nós dois.” O sorriso daquele homem mostrava claramente sua sinceridade. Suas últimas palavras àquele jovem foram. “Você começa numa ponta, eu começo na outra, e nos encontramos no meio.”

Isso é generosidade!

O contrário ocorreu com um outro pastor que havia construído uma igreja de bom tamanho em outra cidade. Ele estava interessado em atingir um conjunto habitacional recém-construído, que ficava mais na periferia da cidade. Como pertencia a uma denominação cujas igrejas planejam juntas novos planos de expansão, ele e outros membros da congregação informaram a três outras igrejas os planos que tinham em mente.

“Pretendemos iniciar uma igreja-satélite e dar-lhe apoio até que possa funcionar com seus próprios recursos”, disseram eles.

Representantes de uma das igrejas, que ficava a oito quilômetros do lugar onde ia ser implantada a nova congregação, protestaram imediatamente: “Vocês não podem fazer isso. Vão tirar gente da área que pretendemos atingir”.

O pessoal então recuou, supondo que a igreja que havia protestado pretendia trabalhar com vigor para atingir os moradores do conjunto.

Cinco anos depois, porém, nada tinha sido feito. Parece que eles não desejavam trabalhar naquele lugar, mas, tampouco desejavam que outra pessoa o fizesse! Infelizmente encontramos essa atitude em muita gente neste mundo até mesmo entre o povo de Deus.

Mas o líder generoso não tem esse tipo de mentalidade. Ele sente alegria e prazer tanto em dar como em partilhar. Sabe que um líder autêntico tem que ser generoso, como Jesus o é.

CAPÍTULO 8 - SINCERIDADE

O seriado de televisão atingiu o clímax. O médico depois de ter examinado o marido e pedido vários exames, aproxima-se da esposa com os resultados na mão.

“Como é, doutor?” perguntou ela.

“A senhora quer saber a verdade?”

“Quero sim, claro”.

Já assisti a esse tipo de cena muitas vezes na televisão e algumas vezes também na vida real. E sempre me ocorre o mesmo pensamento: O que é que a pessoa poderia ter respondido? Quantas pessoas seriam capazes de dizer: “Não, doutor; minta para mim, tranquilize-me com uma mentira?”

Receio que a muitos de nós desagradaria saber a verdade sobre uma porção de coisas. Sempre encontramos uma maneira de nos esconder dela ou de encobri-la. Já vi isso em grupos que partilham experiências, grupos de oração, grupos de crescimento. Tudo começa quando uma pessoa confronta outra. Ela começa logo a se evadir ou a negar aquilo que foi dito.

Ninguém gosta de ver expostas suas ações imperfeitas. Também agimos desse jeito quando somos elogiados. Simplesmente não sabemos lidar com a verdade.

O que é a Verdade?

Há um velho ditado que diz: “Toda história tem três lados: o seu lado, o lado do outro, e a verdade.” Esse ditado devia nos fazer pensar.

Nossa tendência é torcer os fatos a nosso favor — omitindo informações ou acrescentando alguma coisa à verdade.

O Evangelho de João registra um diálogo surpreendente entre Jesus e Pilatos, acerca da verdade. Teve lugar quando os líderes judeus trouxeram Jesus à presença do governador para que este o julgasse e condenasse. Quando perguntaram se ele era o rei, Jesus respondeu:

"Tu dizes que sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz." (Jo 18.37.)

Pilatos fez-lhe então outra pergunta: “Que é a verdade?” (V. 38.)

Ele não esperava resposta alguma, tanto que se virou para os líderes judeus e disse: “Não acho nele crime algum”. Pilatos, provavelmente, acreditava que ninguém poderia responder a essa pergunta: o que é a verdade?

Mas Jesus, em outra ocasião, já havia respondido à pergunta de Pilatos; encontra-se registrada no Evangelho de João. Na noite anterior à sua prisão, quando se despedia dos discípulos, Jesus declarou que era o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14.6).

Jesus personifica a verdade, defende a verdade e nunca se desvia dela.

Ninguém poderia oferecer maior exemplo de sinceridade do que ele. O exemplo está aí, para seguirmos, como se lê no prólogo do quarto Evangelho: “Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo” (Jo 1.17). O autor não está dizendo que não havia verdade antes da vinda de Jesus à terra — está dizendo que Cristo é a própria verdade.

Como discípulos da verdade, temos a responsabilidade de nunca deixar de dizê-la. Embora nenhum de nós perceba ou conheça toda a verdade, isso não nos dá o direito de evitá-la. Se chamamos a nós mesmos de crentes, estamos indicando, entre outras coisas, que apoiamos e defendemos o que é verdadeiro.

Reparem como Paulo colocou a verdade no início desta sua tão

conhecida lista:

"Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento".(F1 4.8.)

Na liderança, talvez mais do que em qualquer outro setor, é preciso que a verdade apareça. Se as pessoas não puderem crer na palavra dos seus líderes, em quem vão acreditar? Se os líderes mentem ou tratam a verdade com descaso, que espécie de exemplo estão estabelecendo para seus seguidores?

Falando a Verdade

Não podemos apenas falar sobre a verdade; precisamos aprender a falar a própria verdade. Isto nem sempre é fácil fazer.

Há alguns anos, por exemplo, eu e alguns amigos ouvimos um conferencista bastante conhecido falando em uma convenção. Nenhum de nós o tinha ouvido antes, apesar da sua fama. Ninguém gostou muito da sua mensagem naquela noite; ele havia juntado partes de cinco mensagens e tentado, sem sucesso, formar um todo harmonioso.

Por ser ele grande amigo de um casal que eu conhecia bem, telefonei para ele na manhã daquele dia convidando-o para um café conosco depois da reunião. Depois das devidas apresentações ao redor da mesa, ele perguntou: "O que vocês acharam da minha mensagem?"

Aquilo soou como uma verdadeira bomba. Olhei para o rosto dos outros que lutavam para encontrar uma resposta razoável. O primeiro, tentando usar de diplomacia, respondeu: "O senhor falou com energia e sinceridade. Dá para sentir que o senhor gosta de falar ao público. Tenho certeza de que o senhor tocou muitas pessoas".

O segundo mais à vontade do que o outro, disse: "O senhor deu tudo que tinha, não é mesmo? Aposto como gastou um bocado de tempo para preparar a mensagem"!

O conferencista sorriu ao ouvir essa resposta, e aí voltou-se para mim.

Eu não sabia o que dizer. Não tinha gastado nem um pouco da mensagem; ele tinha divagado demais e usado inadequadamente as Escrituras. Eu não queria mentir e não conseguia pensar tão rápido como o outro que

tinha acabado de responder. Não dizer nada seria a mesma coisa que declarar “não gostei”, e eu não desejava ferir seus sentimentos.

Finalmente consegui dizer: “É melhor passar por mim. Eu não estava num dos meus melhores dias a não pude me manter atento o bastante para poder opinar. É melhor não me perguntar nada”.

Minha resposta não me agradou nem um pouco. Gostaria de ter dito, com atitude de amor, algo mais ou menos assim: “Não gostei da sua mensagem. Se o senhor se interessar, quem sabe podemos nos encontrar mais tarde a darei minhas razões”.

Depois, conversando sobre o meu dilema com um amigo, ele me disse: “Se as pessoas não desejam ouvir a verdade, não devem perguntar”. Nada respondi, mas desconfio que o conferencista desejava mesmo era receber um “feedback” positivo, talvez até ser lisonjeado — O que não desejava era ouvir a verdade.

Tenho certa dificuldade em ser sincero, e não raro isso constitui um problema para mim. Grandes mentiras não me escapam dos lábios; o que me perturba são as meias-verdades, as insinuações, os silêncios, as omissões. Sorrio quando estou resistindo mentalmente. Evito confrontações porque não gosto de ferir os outros. E acabo, na maior parte das vezes, não falando a verdade. — pelo menos não a verdade completa.

Manipulando a Verdade

Quando falamos menos do que a verdade, estamos mentindo. E há muitas maneiras de se fazê-lo. Aqui estão algumas:

- Cantar hinos de consagração de vida, quando não há disposição de entrega total.
- Manter silêncio quando deveríamos falar. Nossos silêncios muitas vezes implicam em concordância ou consentimento.
- Fazer promessas que não temos intenção de cumprir.
- Dizer às pessoas: “Você precisa vir me visitar”, sabendo que, se isto acontecer, vai nos incomodar.
- Deixar que os outros creiam que fizemos conquistas espirituais, que, de fato, não fizemos.

Infelizmente, o mundo em que vivemos desculpa as mentiras e muitas vezes até as incentiva. Um gerente de recursos humanos revelou em uma reunião de executivos americanos que as pessoas estão tão acostumadas a mentir quando preenchem as fichas de solicitação de emprego, que, quando os empregadores topam com uma preenchida honestamente, muitas vezes concluem que o candidato deve ser um tolo, e que não vale a pena contratá-lo. Quem fala a verdade não deve ser “esperto” o bastante para conseguir ter sucesso.

Com isso, não é de se admirar que muitos líderes não queiram parecer tolos ou ingênuos por falar “nada mais do que a verdade”.

O Juramento

Todo esse nosso conflito em não falar toda a verdade, não deve ser surpresa para ninguém. Como a Bíblia diz muito bem, em geral somos desonestos. Gênesis 3 mostra como nossos primeiros pais se desviaram da verdade quando Deus os confrontou em relação à sua desobediência.

Talvez seja essa a razão por que se exige juramento quando se trata de questões legais. É a prova de que reconhecemos nossa tendência natural de não dizer a verdade.

Os judeus do passado tinham um ditado: “Aquele que empenha sua palavra e depois se retrata, é tão mau quanto os que adoram ídolos”. De modo que, para eles, mentir era um assunto extremamente sério, já que nenhum pecado era mais repugnante do que a idolatria. Fazer um juramento naquele tempo era tomar Deus como testemunha de que a pessoa estava dizendo apenas a verdade. Isso era, sem dúvida, parte da intenção do mandamento que dizia: “Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão” (Ex 20.7).

Esse mandamento condena as promessas que fazemos em nome de Deus; promessas que não podem ser ou não serão cumpridas. Em Números 30.2, Deus declara:

“Quando um homem fizer voto ao Senhor, ou juramento para obrigar-se a alguma abstinência, não violará a sua palavra; segundo tudo o que prometeu, fará”.

Originariamente, o juramento só era feito em assuntos muito sérios, como questões de vida e morte, por exemplo. Mas com o correr do tempo, as pessoas começaram a usá-lo em situações frívolas.

Tenho ouvido, entre os Árabes de hoje, no Oriente Médio, juramentos feitos pelas razões mais insignificantes. Uma vez, enquanto pechinchava com um mercador um objeto que custava menos de dois dólares, o homem declarou: “Esse é meu preço final. Pela honra de Deus, não posso baixar mais. Já não vou ter lucro nenhum vendendo por esse preço. Juro por Deus”.

Nós dois sabíamos que ele estava mentindo. No fim, ele acabou baixando mais uns centavos no preço “final”. Seu juramento não significava coisa alguma, não tinha nenhum valor.

Contrastando com essa atitude, Jesus disse no sermão da Montanha:

"De modo algum jureis... Seja, porém, a vossa palavra: sim, sim; não, não. O que disto passar, vem do maligno".(Mt 5.34,37).

Jesus e a Verdade

Jesus não apenas ensinou que deveríamos dizer a verdade; ele personificou a própria verdade. Depois de ter sido traído, nosso Senhor compareceu perante o sumo-sacerdote e foi por ele interrogado.

"Declarou-lhe Jesus: Eu tenho falado francamente ao mundo; ensinei continuamente tanto nas sinagogas como no templo, onde todos os judeus se reúnem, e nada disse em oculto. Por que me interrogas? Pergunta aos que me ouviram o que lhes falei; bem sabem eles o que eu disse". (Jo 18.20,21).

Jesus nunca negou a verdade, mas também nunca fez alarde dela.

Geralmente, deixava que as pessoas a percebessem por si mesmas. Por exemplo, ele não disse categoricamente aos seus discípulos que era o Cristo; mas eles acabaram percebendo quem era ele. Assim é que Jesus manteve a verdade.

Interessante notar que, qualquer que tenha sido o tamanho da lista de acusações feitas contra ele, não consta a de mentiroso. Seus inimigos disseram que ele havia blasfemado quando disse ser igual a Deus; disseram que estava possesso do demônio; acusaram-no de trabalhar no dia sagrado do descanso,

porque havia feito uma cura naquele dia. Mas mesmo os seus piores detratores nunca conseguiram apanhá-lo mentindo — porque ele falava apenas a verdade.

Verdade e Amor

Não basta dizer a verdade. Como dizê-la é também muito importante.

Quem não conhece pessoas que falam a verdade — da pior maneira possível? Conheço um homem que expressa suas opiniões sobre qualquer assunto, sem se preocupar com a reação dos outros. E ainda se defende: “As pessoas sabem como sou. Não acredito nessa história de fazer rodeios”. Ninguém o acusa de hipocrisia ou tapeação. Mas consideram suas palavras destituídas de amor, compaixão, delicadeza.

Os cristãos precisam falar a verdade. Mas Paulo disse: “Mas seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é o cabeça, Cristo.” (Ef 4.15).

Quando falamos a verdade inconseqüentemente e, com isso, ferimos os outros, estamos agindo mal. Quando falamos de maneira a diminuir ou rebaixar alguém, o Espírito Santo não está falando por nosso intermédio. A verdade, às vezes, machuca, e nem sempre podemos impedir que isso aconteça. Mas é bom que verifiquemos os motivos que nos levaram a dizê-la.

Certa feita, alguém me disse: “O Espírito Santo é um cavalheiro.

Um cavalheiro jamais se comporta indelicadamente ou com maldade”. Deus veste a verdade com as roupagens da bondade. E isso nos leva ao próximo princípio.

PRINCÍPIO 8

O VERDADEIRO LÍDER DIZ A VERDADE EM AMOR.

Para nós, líderes, talvez a mentira não represente uma tentação.

Mas para a maioria de nós, é muito fácil usar mal a verdade.

Precisamos seguir o exemplo de Jesus nesse particular.

Ele falou a verdade, mesmo quando a popularidade exigia uma mentira.

Falou a verdade mesmo quando isso acarretava o risco de ser abandonado pelas multidões (Jo 6.66). Falou a verdade porque ele é a própria verdade, e não pode negar a Si mesmo.

Para muitos a luta pela sinceridade pode ser uma batalha para a vida toda. Isto quer dizer que devem estar sempre alertas, perseguindo esse objetivo, tendo, porém, diante de si o exemplo do caminho, a verdade e a vida. Não nos esqueçamos, contudo, de que o verdadeiro líder ama a verdade tanto quanto o próprio Deus.

CAPÍTULO 9 - PERDÃO

No dia 14 de novembro de 1940, a força aérea alemã — Luftwaffe — bombardeou a cidade de Coventry, na Inglaterra. Foi a maior incursão aérea sobre a Grã-Bretanha durante a Segunda Guerra Mundial. Quando o bombardeio terminou, os habitantes da cidade foram ver os estragos e constataram que sua bela catedral havia sido arrasada.

Mas pelo menos alguns dos moradores não permitiram que aquela trágica destruição, sem sentido, do seu lugar de culto e adoração servisse de desculpa para vingança. No dia seguinte, membros daquela congregação pegaram duas traves do teto e prenderam uma à outra, assim mesmo retorcidas e chamuscadas como estavam, e levaram para o lugar das ruínas onde antes estivera o altar. As duas traves formavam uma cruz. Os paroquianos pintaram duas palavras numa tabuleta e a colocaram ao pé da cruz: “Pai, perdoa”.

Tenho em casa uma réplica daquela cruz. A verdadeira continua no lugar, próxima da catedral que foi reconstruída. Desejo que fique lá enquanto a humanidade existir para lembrar ao mundo de que mesmo no meio da maior devastação, podemos clamar com as palavras de Jesus:

“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.”
(Lc 23.34.)

Jesus, O Perdoador

Os cristãos primitivos aprenderam a perdoar através do exemplo do

próprio Jesus. Nos momentos mais sombrios de sua vida, ele suplicou ao Pai que perdoasse seus executores. Um ano mais tarde, o primeiro mártir cristão que conhecemos, Estevão, fez a mesma coisa.

Enquanto estava sendo atingido por grandes pedras, que lhe tiraram a vida, orava: “Não lhes imputes este pecado” (At 7.60).

O perdão não diz apenas: “Não tenho nada contra você. Deseja também que o culpado seja perdoado por Deus. Às vezes achamos muito difícil pedir e desejar de coração que seja assim. Mas, como Jesus e Estevão nos mostraram, não é impossível”.

Jesus também ensinou a perdoar quando mostrou a seus discípulos como orar (Lc 11.14). Quando, em algumas igrejas, as pessoas repetem o Pai-Nosso, semana após semana, muitas vezes não se dão conta do que estão dizendo. Mas se todos nós levássemos a sério as suas palavras, quantos poderíamos fazer essa oração? Quando oramos “Perdoa-nos as nossas dívidas” (ou faltas) e prosseguimos “como nós perdoamos...”, O que estamos pedindo a Deus é que nos perdoe na mesma medida que perdoamos os outros. E isso mesmo que desejamos que aconteça?

Por que e Como Perdoar

Desde a minha conversão a Jesus Cristo, nesses anos todos, tenho pensado muito sobre o perdão. Reparei que Deus, tanto no Antigo Testamento como no Novo, nos manda perdoar; e creio firmemente que Deus nunca nos manda fazer aquilo que não possamos realizar.

Um dia, entendi o significado da frase: “assim como perdoamos”. Ela tem tudo a ver com o que entendemos por perdão. Percebi, então, que só podemos perdoar os outros na medida que compreendemos o que significa ser perdoado.

O mesmo que se dá com o mandamento “ame o teu próximo como a ti mesmo”. Os psicólogos estão sempre nos lembrando que não podemos amar os outros até que saibamos o que significa ser amado. Se, por exemplo, eu nunca tivesse sentido da parte de meus pais e de outras pessoas seu amor por mim, dizem os especialistas em comportamento humano, eu não teria um conceito verdadeiro do amor — principalmente da capacidade de doação que o amor tem. Eu teria que experimentá-lo primeiro antes de poder expressá-lo.

Aqueles que já receberam a Cristo como Salvador, já experimentaram o

perdão. Por isso, podem perdoar os outros. Para entender como perdoar, precisamos analisar o exemplo do próprio Deus.

Em João 3.16,17 encontramos o porque” e o como do perdão de Deus:

“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça mas tenha a vida eterna. Porquanto Deus enviou seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.”

(Jo 3.16,17.)

Porque Deus ama as criaturas que ele criou, ele proveu a salvação através de Cristo Jesus. O amor de Deus é o porque do seu perdão; seu Filho é o como.

Em João 8.1-11, o episódio da mulher apanhada em flagrante adultério mostra o perdão de Deus em ação. Jesus lhe disse: “Vai e não peques mais”.

Essa história nos anima, mas de certo modo nos desencoraja também.

Pense mais uma vez nas instruções de Jesus àquela mulher: “e não peques mais”. Ele quis dizer exatamente isto: nunca mais.

Gosto de crer que aquela mulher nunca mais cometeu o pecado de adultério. Mas, e os outros pecados? Será que ela se enfureceu, cometeu algum ato egoísta, mentiu, cobiçou alguma coisa? Claro que sim! E então? Será que Jesus a perdoaria outra vez?

Em 1 João 2.1, a primeira parte da resposta soa muito parecida com as palavras de Jesus: “Filhinhos meus, estas cousas vos escrevo para que não pequeis”. Isso exprime a vontade de Deus para seu povo, valendo para todas as ocasiões: não pequeis. Mas a outra parte de 1 João 2.1 nos ensina o conceito de graça: “Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo.” Este é o princípio do perdão.

Deus se opõe ao pecado; sabendo, porém, da nossa natureza decaída, abre caminho para que haja uma reconciliação com ele.

Assim faz, também, o líder cristão. Ele se opõe ao erro, às transgressões e injustiças da parte de seus seguidores ou detratores, mas é capaz de perdoar e reatar o relacionamento.

Perdoar e Esquecer

Perdoar significa apagar um erro. Na minha experiência pessoal, sei que realmente perdoei quando meu sofrimento em relação ao erro cometido decresce e não sinto mais agitação, confusão ou tumulto interior diante do acontecimento. Posso falar sobre o que houve sem sentir meu estômago se contrair e sem ficar com a garganta apertada ou a voz embargada.

Uma vez que a dor desaparece, a memória vai-se apagando em relação ao erro ou injustiça cometida contra mim. Um dia, por exemplo, falei sobre um homem que eu havia conhecido dez anos antes. O homem tinha me ferido profundamente por causa de alguma coisa que tinha dito ou feito contra mim, mas que, muito estranhamente, eu não conseguia recordar o que havia sido. Por alguns segundos tentei lembrar o que teria causado aquele problema, mas não consegui. E, então, de repente, algo se tornou bem claro em minha mente: eu não precisava me lembrar de nada porque já tinha perdoado aquele homem. Em silêncio, agradei a Deus por não conseguir lembrar-me do problema. Fiquei contente de lembrar a parte mais importante — a solução.

Algumas pessoas, quando alguém lhes pede perdão, respondem:

“Perdoar, eu perdôo, mas esquecer, nunca”. Fico pensando sobre o que é que elas vão ganhar em não esquecer. Lembrar é manter o problema queimando por dentro; perdoar é apagar o fogo.

Eunice, uma antiga missionária na Libéria, contou uma história sobre perdão que guardo comigo faz tempo.

Um africano trabalhava para ela, e um dia ela o surpreendeu furtando roupas em sua casa.

“Por favor, perdoe-me”, suplicou o homem. “Eu errei. Prometo não fazer isso outra vez.”

Ela o perdoou e deixou que continuasse trabalhando para ela. Mas não se passou nem um mês e ela o pegou em flagrante novamente. “Olha só!” disse ela. “Roubando outra vez?”

O homem, muito vivo, olhou firme para ela e disse:

“Que espécie de cristã é a senhora?”

Eunice, completamente pasma com aquelas palavras, não sabia o que responder.

“Se a senhora me perdoou, a senhora não se lembra”, disse o homem. “E se a senhora não se lembra, é porque não aconteceu nada.”

Pondo de lado o fato de que o homem havia usado de uma lógica muito duvidosa para justificar seu erro, fiquei com essa história na cabeça. Conheço muita gente que diz ter perdoado o outro, mas que fica de espreita até que este cometa outra falha para, então, dizer:

“Ah! Exatamente como eu pensei que ia ser!”

A Marca da Liderança

Uma das marcas que o verdadeiro líder tem é a capacidade de perdoar.

Quando as pessoas nos decepcionam ou fazem algo contra nós, principalmente se percebemos que foi uma atitude deliberada, não há nada melhor a fazer do que lembrar as palavras de Jesus:

“Nem eu tão pouco te condeno. Vai e não peques mais”. Mas o verdadeiro perdão precisa do auxílio divino. A maioria de nós prefere vingança — ou pelo menos provar que estamos certos antes de perdoar.

Todos nós já não tivemos nossos sentimentos feridos pelos irmãos da igreja, colegas de trabalho ou empregados, que disseram coisas desagradáveis — às vezes até injustas e mentirosas? Todos nós temos, ou já tivemos, algum parente que, todas as vezes que nos encontra, nos faz sentir amargurados, porque arranja sempre um jeito de nos ofender. Como é que vamos lidar com essas situações?

Podemos nos deter naquilo que a pessoa fez contra nós. Podemos continuar nos lembrando dos seus erros, das suas más intenções, da sua mesquinharia. Ou podemos clamar por “justiça”, quando o que realmente estamos pensando é: “Mostra que eu estou certo.” Ou podemos ainda dizer: “Faça com que aquele cachorro se sinta terrivelmente mal até que ele se arrependa.”

Também podemos tentar “ficar quites” com a pessoa. Empatar. Ouvi certa vez um sermão sobre esse tema. O pastor disse mais ou menos assim:

“A maioria de nós quer empatar, e podemos fazer isso. Jesus nos disse como: “Ouvistes que foi dito: amarás a teu próximo, e odiarás a teu inimigo. Eu porém, vos digo. Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5.43,44). Você quer ficar quites? Ore pelos antipáticos,

desagradáveis, estúpidos, insensíveis, os duros de coração, os grosseiros e os mesquinhos.”

O pastor terminou o sermão com um aviso:

“Cuidado com suas orações. Elas não só mudam os outros como, às vezes, voltam-se contra nós e nos transformam também. E aí estaremos empatados!”

Se já houve alguém com razão para querer fazer o mesmo aos seus inimigos, esse alguém foi Jesus. Mas quando foi trazido diante do sumo-sacerdote, o Senhor nem sequer tentou explicar ou provar sua inocência. Ele disse apenas: “Eu tenho falado francamente ao mundo; ensinei continuamente tanto nas sinagogas como no templo, onde todos os judeus se reúnem, e nada disse em oculto”. (Jo 18.20.)

Mais tarde, diante de Pilatos, Jesus teve sua segunda oportunidade de defender-se. Mas em hora alguma tentou ele mostrar a violência ao insulto das acusações, a falsidade dos seus acusadores e o pecado de suas ações. Durante todo o confronto com Pilatos, ele não disse nada em sua defesa (Jo 18.28-38). Essa não era uma atitude típica de um homem ofendido; era o estilo de Jesus, o perdoador.

Passos Para a Reconciliação

Líder eficiente é aquele que perdoa. Não podemos trabalhar com uma pessoa se guardamos ressentimento ou rancor contra ela. Aqui vão três passos que podemos dar para abrir o caminho para o perdão:

1. Auto-análise. Às vezes precisamos nos perguntar por que estamos guardando rancor, por que acabamos nos sentindo feridos ou zangados.

Como disse um amigo meu, um homem de Deus: “Ninguém pode ferir seus sentimentos a não ser você mesmo. Os outros podem tocar numa parte sensível da sua vida que você ainda não entregou para Jesus”.

Os outros podem tocar no nosso sentimento de inferioridade, nosso receio de parecer tolo, nosso sentimento de inadequação ao trabalho. Mas essas pessoas estão, na verdade, prestando-nos um favor quando nos indicam os setores de nossa vida que estão precisando ser melhorados.

2. Orar pelos inimigos. Por que não anotar em um papel o nome de seus detratores, rivais, críticos e levá-los até a presença de Deus todos os dias?

Não ore assim:

“Deus, por favor, aperte o João até que ele tome jeito”. Em vez disso, diga: “Pai, ajuda-me a entender o João, a ter compaixão dele”.

3. Esperar a cura. Precisamos trabalhar pela reconciliação. Temos que esperar que ela aconteça. Podemos abordar nossas feridas com o coração aberto dizendo:

“Senhor Deus, sei que vou perdoar e esquecer a que João me fez”. Isto pode acontecer — é só deixarmos que aconteça.

PRINCÍPIO 9

O LÍDER É CAPAZ DE PERDOAR PORQUE JÁ EXPERIMENTOU O QUE É SER PERDOADO.

Parte 3 : Tentações da Liderança

CAPÍTULO 10 - PODER

De acordo com as regras de alguns manuais sobre liderança, Jesus fez tudo errado. Seu erro foi a sua permanente integridade. Ele nunca fez jogadas e cambalachos, nunca enganou ninguém. Ninguém poderia ter dúvidas sobre suas intenções se desejasse realmente conhecê-las.

Mas os líderes religiosos do seu tempo nunca o quiseram saber. Jesus representava uma ameaça para eles e para a sua autoridade. Eles ficaram contra Jesus desde o princípio porque sabiam que ele ameaçava a base do seu poder.

Muita gente, quando pensa em liderança, pensa em poder. Precisamos examinar este assunto porque ele se aplica a liderança na igreja, nos negócios, na escola, em casa — em qualquer lugar onde duas pessoas se juntem. Precisamos ver como é que Jesus difere dos outros líderes no seu conceito e uso do poder.

Duas Espécies de Poder

Quando me refiro a poder, estou pensando na capacidade de influenciar ou induzir o comportamento de outros. Há duas espécies de poder humanamente falando:

O poder do posição refere-se à influencia que o líder tem, que resulta de sua posição na igreja, nos negócios ou na família.

Enquanto que os membros da igreja podem, por exemplo, deixar de atender algum pedido feito por outra pessoa, o provável é que o atendam se a pedido foi feito pelo pastor.

O poder pessoal é exercido através do carisma, da personalidade ou da capacidade do líder. Durante a Segunda Guerra Mundial, a Primeiro-Ministro da Inglaterra, Sir Winston Churchill, exerceu grande poder por sua imensa capacidade de motivar a povo inglês.

Em maio de 1940, nas horas mais sombrias da Grã-Bretanha, Churchill fez seu primeiro discurso na Câmara dos Comuns, na qualidade de Primeiro-Ministro: “Não tenho nada a oferecer-lhes a não ser sangue, suor, trabalho e lágrimas.” Uma nação que parecia já estar derrotada, reagiu, de moral elevado, e seguiu após seu líder.

O Presidente Franklin Roosevelt conduziu os americanos durante uma grande depressão econômica e chefio o país durante a Segunda Guerra Mundial. Ele é especialmente lembrado por uma frase que disse num de seus grandes comícios: “Não temos nada a temer a não ser a próprio medo”. Com a força da sua personalidade, transmitiu ao seu país confiança no futuro.

O poder pessoal oferece perigo, naturalmente. Ele pode se tornar uma fonte de manipulação; pode tornar o líder um tirano, como no caso de Jim Jones.

Foi esse a tipo de tentação que Jesus enfrentou no deserto (Mt 4.1-11). Satanás levou-o ao alto do monte e ofereceu-lhe todos os reinos do mundo. Foi uma tentativa de manipulá-lo, de despertar nele a sede do poder. Mesmo a transformação de pedras em pão implicaria a manipulação das forças da natureza em benefício próprio. Saltar do alto do templo seria, sem duvida, uma tentativa de manipular Deus Pai, coagindo-o a salvar a Filho.

O Abuso do Poder

Nas igrejas hoje, o uso do poder é quase sempre verbal. Mas nem sempre foi assim. Muitas vezes houve situações que envolviam excomunhão, exclusão (prática que ainda vigora em algumas igrejas), tortura física e até morte.

Hoje, porém, os líderes, para manterem o poder, lançam mão dos seguintes meios:

- persuasão/manipulação;
- criam sentimento de culpa, vergonha ou ignorância;
- fazem ameaças;
- rebaixam ou ridicularizam;
- apelam.

Vamos examinar, individualmente, cada um desses artifícios.

Persuasão/Manipulação

Nenhuma outra figura da atualidade ilustra melhor esse tipo de abuso de poder que o infame Jim Jones de Jamestown, Guiana. Ele persuadiu seus seguidores, usando sua personalidade carismática, de que poderia e iria dar a eles uma vida melhor.

Depois que os convertidos se tornavam membros da Igreja do Povo, os métodos persuasivos de Jones se transformavam em formas demoníacas de manipulação. A persuasão legítima usa da lógica, de fatos, apelos à razão. O tipo de persuasão deturpada insinua que a pessoa não está cooperando (“Você não vai querer que os outros pensem que você não quer cooperar nem fazer o melhor para Deus, vai?”), ou não está sendo razoável (“Eu sabia que você” havia de entender se eu falasse sobre isso. Todo mundo acha você uma pessoa razoável e eu tenho dito a todos que você não costuma criar caso”) Como resultado final, a manipulação de Jones matou-o e matou a maioria dos seus seguidores.

Essa maneira pervertida de persuadir impede os indivíduos de pensar e agir por si próprios. Em João 7.45-52, Nicodemos tentou fazer alguma coisa por Jesus, perguntando se a lei condenava um homem sem julgamento. Os fariseus fizeram com que se calasse perguntando: “Dar-se-á o caso de que também tu és da Galiléia? Examina, e verás que da Galiléia não se levanta profeta”.(7.52.) O pobre do Nicodemos não teve nenhuma chance:

Os líderes caíram em cima dele para valer. Ele ia passar por tolo se dissesse mais alguma coisa. Esse jeito de agir é típico dos líderes manipuladores.

Culpa, Vergonha, Ignorância

Estou convencido de que nas igrejas essa forma de poder é mais usada do que qualquer outra. Nós, líderes, muitas vezes, só pela nossa posição de liderança, temos a capacidade de provocar sentimentos de culpa, vergonha e ignorância em muitas pessoas. E o fazemos sutilmente.

Por exemplo, Ana não tem aparecido à classe dos adultos da Escola Dominical há três domingos. Sua professora a encontra na rua e diz:

“Ana, onde é que você tem andado? Senti sua falta nos três últimos domingos”. Por um lado, a pergunta demonstra interesse real, mas, por outro, exige uma explicação por parte de Ana. Quando a professora pergunta a ela por onde tem andado, Ana tem de encontrar uma desculpa como se fosse uma garotinha do primeiro ano que faltou um dia à escola. Conscientemente, ou não, ela é levada a se sentir culpada.

Às vezes os líderes tentam taxar de ignorantes os que discordam deles.

“Se você conhecesse todos os fatos, veria as coisas de maneira diferente.” Isso sugere que o outro é ignorante e irracional, de modo que, muito provavelmente, ele não vá continuar discordando.

Se um empregado comete um erro qualquer, pequeno ou grande, o manipulador pode dizer: “Você não vai falhar outra vez, vai?” Alguns líderes usam de maior sutileza, mas mesmo assim suas palavras lembram o subordinado de seus erros passados, levando-o a sentir vergonha e até mesmo culpa.

Ameaças

No mundo dos negócios, as ameaças financeiras por parte dos chefes muitas vezes forçam as pessoas a se submeterem ou pedirem conta. O medo de serem mandados embora, de não receberem aumento e de conseguir um índice baixo na avaliação anual de desempenho pessoal, é explorado pelos chefes para manter os empregados na linha.

Às vezes, a ameaça não é feita pessoalmente pelo próprio líder. Ele se serve dos outros para serem os “vilões” da peça.

“Se você quer passar por tolo, está bem, toca prá frente a sua idéia”.

“Embora eu pessoalmente não tenha nada contra a sua idéia, você sabe que o resto da congregação (equipe, comissão) vai derrubá-la, não sabe?”

“Eu vou com você até a comissão, mas, se eles rirem de nós, não me culpe por isso...”

“Muita gente vem pensando em sugerir seu nome para diácono, mas se começarem a achar que você é criador de casos, são bem capazes de desistir.”

Ameaças não são nenhuma novidade no uso do poder por parte dos líderes. No capítulo 9 de João, depois de Jesus ter curado o cego de nascença, os fariseus pressionaram os pais do homem para ver se conseguiam a ajuda deles na campanha contra Cristo.

"Não acreditaram os judeus que e fora cego e que agora via, enquanto não lhe chamaram os pais, e os interrogaram: E este o vosso filho, de quem dizeis que nasceu cego? Como, pois, vê agora? Então os pais responderam: Sabemos que este é nosso filho, e que nasceu cego; mas não sabemos como vê agora; ou quem lhe abriu os olhos também não sabemos. Perguntai a ele, idade tem; falará de si mesmo. Isso disseram seus pais porque estavam com medo dos judeus; pois estes já haviam assentado que se alguém confessasse ser Jesus o Cristo, fosse expulso da sinagoga." (Jo 9. 18-22).

Rebaixar e Ridicularizar

Essa talvez seja a espécie mais cruel de manipulação do poder. O líder

que usa desse artifício ridiculariza as sugestões de maneira a fazer com que pareçam não ter nenhum valor. Geralmente mantém um sorriso forçado e um tom de voz macio e cordial. Quando desafiado, sua reação é basicamente uma destas:

“Puxa, a gente não pode nem fazer uma brincadeira? Por que é que você” está tão chateado?”

“Você” só pode estar brincando, não é?”

“Hum! Você” até que tem senso de humor, João. Mas tenho certeza de que não é isto que você está querendo dizer. Portanto, vamos partir para outra”.

Um amigo meu se apercebeu que estava fazendo esse jogo de poder, quando, numa época de Natal, foi trabalhar num abrigo de excursionistas para estudantes internacionais. Ele procurava manter sempre um sorriso e parecia que tudo ia muito bem com os estudantes. Até que um dia dois estudantes do Oriente Médio disseram a ele: Você sorri o tempo todo. Com isso quer dizer que você esta feliz e coopera de muita boa vontade, não é? Diz que não precisamos ir a algumas das excursões que você planeja, mas, se não vamos, você usa palavras que fazem a gente saber como ficou aborrecido conosco. O tempo todo você continua sorrindo, mesmo quando diz coisas tais como: “Você não está tão cansado assim que não possa ir”. “Desculpe, mas não dá para entender”.

Foi então que reparou no erro que vinha cometendo. Inconscientemente, desejava que todos participassem de todas as atividades, embora tivesse dito outra coisa. Suas palavras de sarcasmo, acompanhadas de um sorriso, tinham feito os estudantes ficarem confusos. “Foi uma boa ação para mim”, disse mais tarde. “Nunca tinha percebido que eu usava aquela atitude para conseguir fazer o que eu queria com aquelas pessoas”.

Fazendo Apelos

Às vezes os líderes simplesmente pedem. Suas palavras podem até não parecer pedidos, mas, no fundo, são apelos à lealdade, simpatia ou respeito à hierarquia.

“Sou seu pastor, você sabe.” “Espero que você não pense que eu faria intencionalmente alguma coisa errada.”

“O senhor compreende, o conselho apenas recomenda, mas sou eu quem dá realmente a última palavra”.

“Você” sabe, quando você entrou para a igreja (ou tornou-se professor da Escola Dominical, ou foi eleito para o presbitério) prometeu se sujeitar à autoridade e à disciplina da igreja. Como amigo e líder apelo para você”...

“Estou apenas tentando fazer o melhor que posso aqui. Tinha esperança de contar com seu apoio. Você é uma das pessoas de maior zelo espiritual do grupo. Tenho em alta conta a sua opinião”.

Essas frases falam por si, dispensam comentários.

Como Jesus Exerceu Poder

Talvez a melhor amostra de como Jesus fez uso do poder. se encontra em João 13. O capítulo diz que Jesus, após ter ceado com seus discípulos, antes da crucificação, lavou-lhes os pés. Naquele tempo, era o servo mais humilde de uma casa (ou alguém que o dono da casa queria humilhar), que lavava os pés dos hóspedes.

"Depois de lhes ter lavado os pés... perguntou-lhes:

Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais o Mestre e o Senhor, e dizeis bem; porque eu o sou. Ora, se eu sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros.

Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou. Ora, se sabeis estas cousas, bem-aventurados sois se as praticardes" (Jo 13.12-17).

Essa é a fonte do verdadeiro poder: serviço e submissão aos outros. Paulo disse:

"Se há qualquer outro mandamento, tudo nestas palavras se resume: Amarás o teu próximo como a ti mesmo".(Rm 13.9)

Muitos líderes impõem o seu poder. Os candidatos à liderança suspiram por poder, e, quando conseguem alcançá-lo, querem sempre mais e mais.

Jesus ensinou o oposto. Para ele, o caminho para subir, é descendo. A maneira de se tornar senhor é sendo servo. O caminho para a grandeza é a abnegação, a negação de si mesmo. O caminho para a exaltação é tomar sua cruz todos os dias e segui-lo (Lc 9.23).

Poder, Medo e Amor

No século XVI, Niccolo Machiavelli, estadista e filósofo italiano, escreveu um tratado, que intitulou de O Príncipe, onde ele faz a apologia da monarquia absoluta. Nessa mesma obra, ele faz uma pergunta vital: se é melhor ter um relacionamento baseado no amor (como no poder pessoal) ou no medo (como no poder da posição). Ele declara que o melhor é ter os dois. Mas quando não for possível ter os dois, o poder deve ter como base o medo, porque ele tende a ser mais duradouro, pois quem estiver envolvido nele terá que pagar um preço para romper com ele. O poder baseado no amor, disse ele, tende a ter curta duração e é muito fácil terminar, porque o seguidor ou subordinado não teme nenhuma represália.

Machiavelli pôs em palavras o princípio que orienta a vida de muitos líderes. No entanto, Jesus, o Líder, nunca recorreu ao expediente de explorar o medo. Em vez disso, ensinou a importância imensa do amor.

Na noite em que seria traído, enquanto estava ainda no cenáculo, disse a seus discípulos:

"Novo mandamento vos dou: que vos amais uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros." (Jo 13.34,35).

Na primeira epístola de João, o apóstolo escreve tanto sobre o medo como sobre o amor:

"Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele. Nisto é aperfeiçoado o amor para que no dia do juízo mantenhamos confiança: pois segundo ele é também nós somos neste mundo. No amar não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo. Ora, o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no amor". (1 Jo 4.16-18).

Jesus recebia seu poder de Deus. Ele exercia esse poder através do amor. Ele estendeu o seu poder ao seu povo, e junto com ele a melhor arma contra o abuso: o mandamento de nos amarmos uns aos outros. Se eu, como líder, amar as pessoas, jamais tentarei manipulá-las ou explorá-las. Colocarei meus interesses antes dos meus e farei o melhor que puder em favor delas.

Dois símbolos do cristianismo são a toalha e a cruz. A toalha simboliza o serviço; a cruz, obediência. Ambas são marcas da liderança cristã porque representam o estilo de liderança de Jesus.

Muitíssimas foram as ocasiões em que Jesus poderia ter usado as pessoas para alcançar seus objetivos. Em vez disso, levou-as a se confrontarem consigo mesmas, como no caso da mulher junto ao poço, a mulher apanhada em adultério e com Nicodemos. E depois que elas viram a si mesmas, Jesus revelou-lhes o seu amor e o seu poder de redenção. E dessa maneira que líderes íntegros atuam: usando o poder para satisfazer os interesses e necessidades dos outros, não os seus próprios.

E assim, temos aqui o próximo princípio.

PRINCÍPIO 10

É QUANDO OBEDECE A DEUS E SERVE AOS OUTROS QUE O LÍDER ENCONTRA SEU MAIOR PODER.

CAPÍTULO 11 - O NOSSO EGO

Um conferencista muito conhecido, que já havia aparecido em vários programas de entrevistas e palestras na televisão, foi convidado para falar em uma concentração anual de uma organização muito prestigiada. O organizador do evento havia telefonado e depois confirmou por carta o quanto a organização desejava tê-lo presente: “Estamos todos ansiosos por encontrá-lo e queremos muito que fale para nós. O senhor nem pode imaginar quantas vezes os nossos membros citam o senhor e com que frequência sugerem o seu nome”.

No dia da concentração, o conferencista chegou alguns minutos mais cedo. Entrou, apresentou-se, recebeu o crachá com seu nome, mas ninguém prestou a menor atenção nele.

Menos de cinco minutos antes de lhe ser dada a palavra, perguntaram pelo sistema de alto-falantes: “O senhor já chegou?”

Mais tarde o conferencista me confessou que se sentira ferido em seus sentimentos por ninguém tê-lo reconhecido. “Tive vontade de ir embora”, disse-me ele. “Eles tinham me posto nas nuvens antes de eu chegar, mas me deixaram completamente por baixo quando cheguei”. Quando falou para o grupo, teve, também, a maior dificuldade para não demonstrar a decepção e a raiva que estava sentindo.

O Ego de Jesus

Jesus nunca pareceu aborrecido quando não era reconhecido. Geralmente evitava publicidade e reconhecimento.

Numa ocasião, Felipe insistiu com Natanael para ir encontrar-se com Jesus (Jo 1.46-51). Quando Natanael soube de onde Jesus tinha vindo, fez esta pergunta: “De Nazaré pode sair alguma coisa boa?” (V. 46).

Jesus nunca censurou Natanael por essas palavras. Nessa ocasião a fama de Jesus já tinha se espalhado por aquelas terras, mas ele não demonstrou o menor sinal de ter-se ofendido por Natanael não tê-lo reconhecido. Conversou com ele; e ao término da conversa Natanael exclamou: “Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!” (V.49).

Pela maneira como agiu podemos concluir que Jesus não deixou escapar esta revelação: “Eu sou o Messias”. Ele provavelmente não deixou sequer transparecer quem era. Jesus, o Líder, se concentrava em ensinar, pregar e demonstrar o propósito de sua vinda. Ele deixava que as pessoas descobrissem por elas mesmas a sua identidade.

Fosse onde fosse o lugar para o qual Jesus viajasse, ele não esperava bandeiras, comissões de recepção, nem honras especiais. Seu ego não estava procurando a satisfação que poderia advir da adoração que os outros lhe prestassem, ou pelos títulos de respeito e honraria que lhe pudessem conferir. Como ele mesmo disse: “Eu não aceito glória que vem dos homens”.(Jo 5.41). Ele veio com uma missão e uma mensagem — levar as pessoas ao Pai — e não para usurpar a posição de outros.

Quando os discípulos lhe ofereceram alimento, por ocasião de seu encontro com a samaritana, sua resposta foi: “A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra” (Jo 4.34).

Esse comentário meio misterioso não queria dizer que ele não estivesse com fome, mas que suas próprias necessidades estavam subordinadas à missão que o Pai lhe confiara. Ele exerceu liderança sobre os discípulos para mostrar-lhes que eles também tinham que realizar a missão do Pai.

Observando as lideranças atuais, raramente vemos uma que adote o estilo não egocêntrico de Jesus. Ele veio com uma missão de servo, fazer a vontade do Pai não de se tornar uma celebridade.

A liderança requer que aqueles que a exercem saibam o que tem a fazer e se dediquem a sua realização. Isso soa meio simplista; no entanto, muitos dos possíveis futuros líderes, em vez de se dedicarem ao trabalho que tem a fazer, ficam sonhando com o que poderão vir a fazer ou que fará algum dia. Ou, então, ficam esperando reconhecimento e elogio por cada coisa que fazem.

Mesmo aqueles que se dedicam de fato ao trabalho, esperam reconhecimento. Se um gerente faz um bom trabalho para a sua empresa, ele espera ser elogiado. Se não, ou fica resmungando quando não há ninguém por perto, ou reclama irado, em alto e bom som, pelos seus direitos. Não levam em conta o exemplo de Jesus Cristo.

Recebendo os Créditos

Uma senhora crente, que trabalhava numa editora, ocupava o cargo de assistente de redação. Ela lia os manuscritos depois que a redatora-chefe terminava de os ler, corrigindo, principalmente, erros de gramática e pontuação.

A redatora-chefe, mulher incompetente, sabia que a assistente tinha mais capacidade do que ela — e já deixando para a assistente cada vez mais o serviço. Por fim, a assistente fazia quase todo o trabalho, embora o crédito ficasse com a chefe.

Um dia, numa discussão com o editor, a redatora ameaçou demitir-se se o seu pedido não fosse atendido. O diretor respondeu: “A senhora pode se demitir à vontade. Afinal, tem sido sua assistente que tem feito a maior parte do trabalho”!

“Foi ela que lhe contou isso?” gritou a mulher.

“Não era preciso que ela contasse”, respondeu o diretor. “Venho observando isso há meses, e pensando quando é que a senhora iria dar a ela os créditos pelo trabalho”.

No final das contas, a assistente acabou se tornando a redatora-chefe.

Ela fazia seu trabalho muito bem feito e não esperava reconhecimentos.

Quando o editor, que não era crente, perguntou por que ela tinha trabalhado tanto, sem nunca ter falado sobre o assunto, ela citou Colossenses 3.23,24: “Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens, cientes de que recebereis do Senhor a recompensa da herança. A Cristo, o Senhor, é que estás servindo.”

“Decidi há muito tempo não buscar glórias para mim”, disse ela no seu grupo de estudo bíblico semanal. “Tenho ambição e não creio que isso seja desagradável a Deus. Mas prometi a ele que jamais tentaria subir prejudicando outra pessoa. Quando percebi o que a minha chefe estava fazendo, disse a Deus que faria o trabalho da melhor maneira possível e deixaria que o reconhecimento viesse da parte dele.”

Dois anos mais tarde o diretor disse aquela senhora:

“Não sei muita coisa sobre religião, mas uma coisa eu sei: se existe alguém no mundo que seja realmente crente, esse alguém é a senhora”.

Isto é liderança — a verdadeira liderança, que surge quando alguém quer ver o trabalho realizado, sem se importar com quem vai receber os créditos.

Reconhecimento: Uma Rua de Mão-Dupla

O líder competente, tendo ele próprio senso de satisfação e auto-estima, faz questão de prestar reconhecimento àqueles que o ajudam. Eles não tomam para si a glória que pertence a outros.

Quando recebem o justo reconhecimento por suas realizações, tem sempre o cuidado de esclarecer: “Eu não teria podido fazer isso sem a ajuda de...” E o fazem com sinceridade.

O verdadeiro líder se considera parte de uma equipe. Não procura recompensa para o seu ego, mas, se a recompensa vem, tem prazer em dividir a honra com os outros.

Um pouco de honra é bom. O verdadeiro líder não se esconde da aprovação e do reconhecimento. Ele não usa de falsa modéstia dizendo: “Quem, eu? Não, eu não fiz nada de especial”. Esse tipo de palavra vem, geralmente, de gente que finge humildade. Suspeito que o que querem é mais elogios por suas realizações e reconhecimento do seu valor pessoal.

Certo líder disse muito sabiamente: “Quando faço um bom trabalho, sei o que fiz. É claro que gosto que reconheçam e me digam que apreciaram. Mas se faço bem feito, é porque é meu trabalho. Estou comprometido com ele, comigo mesmo e com Deus.”

Não importa que tipo de liderança você exerça — seja diante de uma congregação em culto, na sua família, supervisionando uma seção de vendas, ou aplicando a lei — como crentes é a Cristo que estamos servindo. Jesus disse que não receberemos glória de Deus se buscarmos a dos homens; se só trabalharmos com esse objetivo, e não por motivos justos. É a aprovação de Deus que nos interessa.

E o que acontece quando os outros não vêem o que você faz? E, se vêem, não valorizam? Você continua fazendo? Jesus poderia responder afirmativamente. Mas a maioria de nós não poderia, porque os elogios dos outros representam muito para nós.

O Líder Seguro

Quando um líder crente assume uma posição importante, implicitamente promete fazer o melhor para a sua igreja ou sua empresa.

Se chegou àquele cargo de destaque é porque alguém ou alguma comissão considerou-o capaz para tal. Assumindo o cargo está automaticamente se comprometendo a lutar por obter os resultados desejados, em atendimento as expectativas. Outra maneira de se dizer isso é como o fez Paulo: “O que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel”. (1 Co 4.2).

O verdadeiro líder tem, também, auto-confiança e força interior para saber o que é e o que pode fazer. Não teme perder sua posição. Nem é tolo de deixar que pessoas sem escrúpulos assumam a direção. Tampouco, se preocupa que alguém lhes tome o lugar.

Aprenderam a seguir a exortação de Paulo:

"Não andeis ansiosos de cousa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graça. E a paz do Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e as vossas mentes em Cristo Jesus". (Fp 4.6,7).

Numa determinada empresa, o subgerente não tinha sossego. Ficava de orelha em pé cada vez que o gerente chamava alguém ao seu escritório e a pessoa demorava um pouco lá dentro. Em menos de uma hora após a conversa, lá estava ele na mesa da pessoa, fazendo perguntas sutis, mas todos sabiam que o que ele temia era que o gerente tivesse prometido a outro algo que pudesse abalar sua posição de subgerente.

Essa é outra qualidade relacionada com o ego que é típico do verdadeiro líder: ele tem bastante confiança em si e no seu relacionamento com Jesus Cristo para não precisar entrar em competição com os outros.

É possível uma pessoa não ser competitiva e, no entanto, ser bem-sucedida? Sim! Uma das melhores ilustrações que tenho para isso é o que ocorreu com os gêmeos, Steve e Phil Mahare. Eles estavam competindo numa das gigantescas provas de corrida de esqui com zigue-zague, masculina, durante as olimpíadas de inverno em 1984, em Saravejo. Embora sendo irmãos, naturalmente tinham que competir um com o outro a vida inteira. Nas finais da Olimpíada, Phil esquiou antes do irmão, e tirou o primeiro lugar. Quando chagou a vez de Steve, Phil ligou o "walkie-talkie" e contou ao irmão as dificuldades que teria de enfrentar na descida, principalmente num trecho muito escorregadio. Ele não falou como um competidor que queria manter seu primeiro lugar, mas como um homem que queria ver seu irmão fazer o melhor. Steve chegou em segundo lugar, e os gêmeos ficaram lado a lado no pódio para receber as medalhas de ouro e de prata.

Quando os repórteres perguntaram a Phil como ele se sentia com aquela vitória, ele disse mais ou menos assim: "Vim aqui para fazer o melhor que posso. Participo desse esporte porque gosto".

Essa atitude caracteriza o verdadeiro líder. Ele conquista sua posição de liderança, mas não tem medo de que outros alcancem mais sucesso que ele.

O LÍDER QUE TEM SEGURANÇA EM JESUS CRISTO, NÃO TEM NADA A PROTEGER.

CAPÍTULO 12 - IRA

Um muçulmano, que tinha ouvido vários crentes falarem de sua fé, fez-lhes, certa vez, uma pergunta extremamente desafiante: “Por que é que, quando eu grito com os meus filhos, vocês dizem que estou com raiva? Se um crente faz o mesmo, vocês dizem que é uma indignação justa. Qual a diferença?”

Tenho ouvido a mesma pergunta feita com relação ao comportamento de Jesus no templo quando ele expulsou os cambistas e vendilhões.

Geralmente dizemos que ele se indignou justamente, não que estava irado. Qual é a diferença?

Para encontrarmos a resposta, e vermos o papel que a ira representa na vida de um líder, precisamos examinar o incidente no templo. O evangelho de João conta a história no capítulo 2.13-22. Apesar de João não ter dado nome ao sentimento de Jesus, o Senhor estava realmente irado — e demonstrou isso.

Tumulto no Templo

Jesus fez quatro coisas no templo naquele dia: fez um chicote de cordas, enxotou os animais, derramou no chão o dinheiro dos cambistas e virou as mesas. Em nenhuma outra passagem do seu ministério o encontramos tão irado.

Se quisermos saber por que Jesus agiu daquela maneira, precisamos entender como começaram e como estavam se processando aquelas vendas e trocas no templo. Começou com o fato de que a Páscoa era a maior de todas as festas judaicas; e a Lei estabelecia que todo judeu que vivesse num raio de trinta quilômetros de Jerusalém tinha de estar presente a essa ordenação. Na ocasião em que Jesus nasceu, os judeus já tinham se espalhado pelo mundo todo, mas voltavam à sua terra de origem para passar a Páscoa. Estudiosos calculam que pelo menos dois milhões de pessoas se reuniam em Jerusalém para o evento.

A Lei determinava que todo homem acima de dezenove anos pagasse uma taxa, de modo que os sacerdotes pudessem continuar fazendo sacrifícios no templo. Eles pagavam a taxa ou com a moeda da Galiléia, os siclos, ou com “os siclos do santuário”, porque todas as outras moedas eram impuras para o cerimonial. O dinheiro de outros países, apesar de aceito para negócios em toda Jerusalém, não podia ser usado para o culto a Deus. E já que os peregrinos traziam suas moedas de todas as partes do mundo, os cambistas se sentavam nos pátios do templo para fazerem as trocas.

Se tivessem agido com honestidade em seus negócios, esses cambistas estariam prestando um grande serviço ao povo. Mas eles cobravam preços exorbitantes para trocar as moedas; há uma estimativa de estudiosos do assunto que calcula o montante do negócio em 200 mil dólares por ano.

Os vendedores de animais também tinham suas lojas no templo. A Lei só permitia que fossem sacrificados animais e pássaros perfeitos, de modo que, quando os inspetores examinavam os animais que os fiéis tinham trazido, naturalmente declaravam que eles eram doentes ou defeituosos. Isso forçava as pessoas a comprarem outros animais por preços exorbitantes.

Essas duas trapaças já seriam por si condenáveis por padrões mundanos. Mas perpetrá-las em nome da religião, e com o consentimento óbvio dos líderes religiosos, tornava as coisas mais repugnantes ainda.

Jesus ficou irado com o que estava acontecendo no templo. Os mercadores tinham profanado a casa de Deus. Estavam ganhando dinheiro às custas de muita gente que mal tinha com que pagar.

Então, enxotou-os. Por quê? Para mostrar-lhes que o templo era uma casa de oração. Em Marcos 11.17 está escrito: “A minha casa será chamada casa de oração, para todas as nações”. Parece que as compras e vendas se realizavam livremente no Pátio dos Gentios — O único lugar onde os não-judeus podiam entrar. Se os gentios, procurando a Deus, quisessem orar e meditar, não encontrariam lugar. O local estava em permanente confusão de bois, ovelhas, pombas e negociantes.

É bem possível também que Jesus quisesse mostrar que sacrifícios de animais não estavam mais agradando a Deus. Podemos perceber como Deus encarava os sacrifícios em passagens como Isaías 1.11,13:

"Estou farto do holocausto de carneiros, e da gordura de animais cevados, e não me agrado do sangue de novilhos, nem de cordeiros, nem de bodes... Não continueis a trazer ofertas vãs".

Outras passagens do Antigo Testamento, incluindo Jeremias 7.22, Oséias 5.6 e Salmo 51.16, dizem mais ou menos a mesma coisa.

Jesus mostrou estar irado naquele dia. Chamem a sua ira de ira santa, se quiserem, mas não de indignação apenas.

Outras Referências à Ira

Há um outro incidente na vida de Jesus que demonstra bem que ele se irava. Um homem queria que Jesus o curasse no sábado. Os líderes judeus ficaram de olho, porque, se ele efetuasse a cura, estaria “trabalhando” — e eles poderiam acusar Jesus de estar desrespeitando a Lei. Marcos 3.5 declara:

"Olhando-os ao redor, indignado e condoído com a dureza de seus corações, disse ao homem: Estende a tua mão!"

Apesar da oposição, ele curou o homem.

Em nenhum desses incidentes, Deus parecia estar contrariado com as ações do seu Filho. Em lugar nenhum da Bíblia, alias, Deus condenou alguém por estar irado. Ele pode nos condenar pelas ações que cometemos quando estamos sob o domínio da ira, isto sim. Se a nossa ira produzir prejuízo ou crueldade, é claro que estaremos pecando. Mas a capacidade de se sentir irado é uma característica do próprio Deus.

Muitas vezes no Antigo Testamento, a ira de Deus é citada:

Deuteronômio 1.37; 4.21; 9.8; 20; 1 Reis 8.46; Salmo 2.12; 79.5; 85.5; Isaías 12.1. Paulo dissociou a ira do pecado em Efésios 4.26:

"Irai-vos, e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira."

Em lugar algum a Bíblia diz que não devemos ficar irados. Paulo exorta aqueles que foram eleitos presbíteros que não deviam ser “prontos em irar-se”. Acho que isso quer dizer que não devemos ser pessoas facilmente irritáveis, enfezadas. É normal que os crentes, inclusive os líderes, fiquem zangados. Como disse muito bem um amigo meu: “Só há dois tipos de pessoa que não ficam zangados: os que já morreram fisicamente e os que estão mortos emocionalmente”. Mas o seguidor de Jesus tem que ter o tipo certo de ira.

A Ira Saudável

A ira saudável — contra a injustiça, os atos perversos e o mal — é aceitável em situações adequadas. Aqui vão alguns exemplos:

- Em 1981 foi criada nos Estados Unidos uma organização chamada MADD (Mães contra motoristas bêbados), porque uma mãe, Candy Lightner, perdeu uma filha adolescente quando um motorista bêbado atropelou-a e matou-a. A senhora Lightner partilhou sua revolta com outros pais que haviam perdido filhos e filhas nas mesmas circunstâncias. Em pouco tempo a campanha ganhou dimensão nacional.

- Revolta contra o abuso praticado contra crianças trouxe o assunto à baila, engajando muitas pessoas que, antes, nunca tinham dado atenção a ele. Agora, estão sendo feitos esforços muito maiores para coibir e fazer cessar esses abusos, e no intuito de prestar aconselhamento e orientação a pessoas que sofreram esse trauma quando crianças.

- Mulheres revoltadas e humilhadas tem feito saber ao mundo que o estupro é um ato de violência, não de paixão, e que não foram elas que provocaram os homens, levando-os a atacá-las. Uma nova determinação de varrer esses atos de violência do seio da sociedade está se espalhando rapidamente.

- Revolta contra o abuso de drogas está levantando pessoas para lutar contra o tráfico e para ajudar os viciados a se livrarem do vício. O problema está longe de ter sido resolvido, mas tem havido algum progresso.

Muitas das reformas postas em prática através dos tempos tem sido feitas por causa de pessoas corajosas que ficaram iradas — iradas o suficiente para tomar medidas corretivas. Vejamos a ira candente de dois campeões antiescravagistas — Harriet Beecher Stowe, escrevendo seu livro *A Cabana do Pai Tomás*, deste lado do Atlântico, e William Wilberforce fazendo os mais inflamados discursos do outro lado. Como disse João Wesley: “Dêem-me cem homens que não tenham temor de nada, a não ser de Deus, e que não odeiem nada a não ser o pecado, e que não conheçam mais nada a não ser Jesus Cristo, e este crucificado, e eu abalarei o mundo.”

A Ira Doentia

A maioria de nós não é tão nobre assim em seus momentos de ira, zanga e revolta. Nosso descontentamento se mostra de maneiras bem desagradáveis e antipáticas, e a nossa “indignação” não é exatamente o que se pode chamar de justa. Ficamos irados quando:

- Sentimo-nos frustrados. Isso começa na infância, quando ainda somos bem pequenos e fazemos “cenas” e temos acessos de raiva. Mas isso não pára quando crescemos.

- Ficamos ansiosos, ao percebermos ameaças contra nós, nossas propriedades ou contra as pessoas que amamos.

- Não gostamos de ser como somos, ou sentimos que falhamos. Muitas vezes a ira fica bem guardada dentro de nós e se transforma em depressão.

- Somos (ou pensamos que somos) tratados injustamente, quando acontecem coisas que não consideramos “certas”, justas.

Quase todos nós não estamos satisfeitos com a maneira de lidarmos com a raiva ou revolta que sentimos. Algumas pessoas são mais “esquentadas” do que outras, prontas para começar uma batalha à simples menção de uma palavra desagradável ou por causa de alguma atitude ou ato menos generoso ou gentil. Outros me fazem lembrar folhas secas se queimando; o fogo fica alastrando por baixo até que um incidente faz com que as chamas cresçam até ficar fora de controle.

Independentemente do tipo de pessoa que somos, precisamos aprender a lidar com nossa ira, para o nosso próprio bem e para o bem de nossos liderados. Claro que os líderes não são as únicas pessoas sujeitas à ira, mas o papel que desempenhamos nos expõe a situações por demais desgastantes — fazendo com que as “radiações” afetem outros, quando não conseguimos nos conter e “explodimos”.

Lidando com a Ira

O primeiro passo para se lidar com a ira é assumir responsabilidade por nossas reações. Isto pode parecer um ponto sem importância, mas conheço muita gente que admite não ser capaz de controlar seu gênio — e então passa a dar todo tipo de desculpa para justificar-se:

- Sou esquentado mesmo; isso quer dizer que sou genioso.

- Sou italiano (ou espanhol, ou nordestino, etc.), e todo mundo sabe que tenho sangue quente.

- Minha família é toda enfezada.

- Gosto que os outros saibam o que estou pensando; tenho que falar as coisas direitinho como são, mesmo que alguém se sinta ofendido ou ferido com isso.

O segundo passo para se controlar a raiva é entender o que ela faz conosco. Ocorrem no nosso organismo modificações fisiológicas, porque nosso corpo se prepara para a luta. A adrenalina é liberada nos nossos sistemas, a pressão sangüínea se eleva, o coração bate mais forte. O sangue, inclusive, coagula mais rápido se nos ferirmos enquanto estamos irados. Nossas pupilas se dilatam, os músculos ficam tensos, e o aparelho digestivo sofre espasmos a ponto de sentirmos dores abdominais.

Em resumo, a ira nos mobiliza para a ação. Mas como as causas da nossa zanga raramente requerem o emprego dos punhos, muito da nossa tensão fica retida dentro de nós — muitas vezes causam-nos problemas de saúde que só vem a se manifestar tempos depois. De modo que, geralmente, não nos prestamos nenhum favor quando “perdemos as estribeiras” ou ficamos “uma fera”. Quem sabe se, conscientes disso, não possamos moderar nossas reações, evitando os extremos.

O terceiro passo para se ter uma ira saudável é lembrarmos novamente a história de Jesus purificando o templo. Ele estava irado e agiu. Mas controlou-se e direcionou toda a sua ira para um fim específico: livrar o local das coisas que profanavam o templo.

Essa é uma característica da ira saudável: ela tem um objetivo cuidadosamente escolhido. Raiva incontrolável, que avança sobre toda e qualquer coisa, não tem lugar no estilo de liderança de Jesus.

A ira saudável também não vem carregada de injustiça e ódio.

Quando Jesus limpou o templo, teve uma atitude drástica, mas não encontramos nada naquele relato indicando que ele sentiu ódio das pessoas envolvidas.

Finalmente, a ira saudável se apresenta como uma medida corretiva. Ela visa os problemas, não as pessoas. Quase todo mundo já ouviu o velho ditado: “Ame o pecador, odeie o pecado”. E é assim que essa raiva age.

Ela não ataca as pessoas: ataca suas atitudes e ações erradas.

Isso não quer dizer, porém, que devemos negar a raiva que sentimos.

Muitos líderes, principalmente os crentes, tentam reprimir a ira. Ou dizem apenas: “Eu estava aborrecido”, ou “aquele caso me amolou”. Mas, represar muita raiva dentro de nós pode fazê-la explodir, geralmente nas ocasiões mais inoportunas.

Com a ajuda de Deus, tendo em mente o exemplo de Jesus, podemos controlar a “temperatura” das nossas reações e direcionar nossa ira para canais saudáveis. Quando fazemos isso, ela pode nos tornar pessoas melhores e líderes mais eficientes.

PRINCÍPIO 12

DA MESMA MANEIRA QUE JESUS, O VERDADEIRO LÍDER EXPRESSA SUA IRA DE MANEIRA SAUDÁVEL.

Parte 4: Problemas da Liderança

CAPÍTULO 13 - BUSCA DE APOIO

Quando alguém esta pensando seriamente em entrar para a política, procura saber quanto de respaldo sua candidatura vai ter.

Quando alguém inicia um negócio, é bom perguntar logo: “Será que o produto vai vender bem? Quais as perspectivas de mercado para este empreendimento?”

Quando decidi escrever este livro, tive que responder a duas perguntas, porque sabia que, de qualquer maneira, o editor iria fazê-las:

1) Quem vai ler esse livro?

2) Vamos ter um número significativo de pessoas para comprá-lo, que compense os esforços e as despesas que o editor vai ter com ele?

A pesquisa é atualmente um pré-requisito para se começar qualquer coisa nos negócios ou na política. Isso se aplica às igrejas também. Quando uma denominação decide construir uma igreja em determinado lugar, faz uma pesquisa para determinar se existe lá um número de membros que justifique a iniciativa.

Mas parece que, quando Deus enviou Jesus Cristo para estar entre nós, não precisou consultar estatística. Nem tampouco mandou doze especialistas em “marketing” ficar numa esquina perguntando a quem passasse:

“Se Deus mandar o Messias, você o apoiaria, o seguiria e se comprometeria com ele incondicionalmente”?

Jesus Como Relações Públicas

De certo modo, Jesus tornou as coisas difíceis para ele próprio. Os especialistas em relações públicas poderiam apontar facilmente cinco erros básicos que ele cometeu:

Primeiro, não foi procurar os membros da alta sociedade judaica. Esse teria sido o lugar óbvio por onde começar, já que tinham influência, poder e recursos.

Segundo, perdeu tempo procurando exatamente o outro extremo, visitando os pobres, os doentes, os coletores de impostos, os pastores e as pessoas de vida não muito recomendável.

Terceiro, não tentou convencer o pessoal a sustentar que ele era o Messias. Ele não fez campanha de venda, nem promessas tentadoras.

Quarto, alienou as lideranças. Já foi um bocado estranho ele não ter começado com o primeiro escalão, e às vezes parecia que ele se desviava do seu caminho justamente para se confrontar com o pessoal mais graúdo.

Quinto, recusou-se a transigir.

Todos os líderes sabem que, por mais elevados que sejam seus ideais, nenhum chega a conseguir tudo que quer. Eles desistem de algumas das coisas que não são essenciais e, em troca, conseguem uma porção de benefícios colaterais, apoio político, favores e facilidades.

Se tivesse havido uma eleição no primeiro século, com o pessoal de

Jerusalém e dos arredores, para escolher um Salvador, não haveria muita gente que votasse em Jesus.

Afinal, ele não tinha um apelo popular dos mais fortes.

Mas para Jesus, outras coisas tinham muito mais importância do que apelo popular.

Nós nos preocupamos demais com a nossa reputação, em sermos devidamente apreciados, em acumular prêmios, insígnias e todas as condecorações que pudermos conseguir.

Mas Jesus estava sozinho. Jesus fez o que tinha de fazer, quer fosse apoiado, quer não. Num incidente registrado no final de João 6, o Senhor tinha falado severamente com possíveis seguidores e mostrado a eles as implicações que acarretaria o fato de o seguirem. Com exceção de um pequeno grupo de gente firme, o resto todo debandou.

E, depois que os outros se foram, Jesus perguntou aos doze restantes:

*"Porventura quereis também vós outros retirar-vos?"
(6.67.)*

Pedro respondeu imediatamente:

"Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna; e nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus". (6.68,69).

Os discípulos ficaram. Mas o que teria acontecido se eles também tivessem ido embora? O que Jesus teria feito? Minha opinião é que, embora isso entristecesse Jesus, ele, assim mesmo, teria prosseguido no seu ministério. Ele tinha vindo para salvar a humanidade, com o apoio dos homens ou sem ele.

Líderes sem Seguidores

Às vezes, líderes e visionários acabam sozinhos, sem apoio, devido a seus próprios problemas e erros. Eles próprios afastam as pessoas em consequência de suas atitudes ou comportamento e, aí, se ressentem do que está lhes acontecendo, alegando que estão "sofrendo pelo Senhor".

Certo crente teve a idéia de ajudar as pessoas a ganhar dinheiro ao mesmo tempo que divulgavam o Evangelho. Começou a fazer produtos com

versículos da Bíblia e pensamentos inspirados. Quando procurou amigos e conhecidos para propor-lhes negócio, conseguiu que mais de cinquenta pessoas investissem na sua organização com um mínimo de 1.000 dólares cada uma. Segundo suas folhas de planejamento, gráficos e tabelas, os investidores receberiam pelo menos 18% de juros, depois dos dois primeiros anos de aplicação. Planejou vender mais ações e, com o tempo, distribuir seus produtos em todos os Estados Unidos e Canadá, e depois em outros países.

Mas a Comissão de Valores Mobiliários, uma agência federal que regulamenta esses empreendimentos, notificou-o de que havia violado a lei pela maneira com que havia lançado e vendido às ações. Em vez de tratar de legalizar a situação, continuou agindo da mesma maneira. “É interferência do governo, só isso”, dizia. Finalmente o governo impediu-o de vender mais ações e multou-o por uma série de irregularidades e violações.

Terminou com o prejuízo de todos os investidores, que acabaram perdendo até os últimos centavos do que lhe haviam emprestado. E aí, passou a queixar-se: “O governo é contra qualquer um que queira fazer o trabalho de Deus!” Ou então: “Assim que se começa fazer alguma coisa grande para Deus, o diabo arma logo uma guerra”. Mas havia sido ele quem tinha criado os próprios problemas.

Há ocasiões, porém, em que a falta de apoio ao líder não é culpa sua. A visão de Jesus veio de Deus, ele sabia o que estava fazendo. Ele compreendeu a sua missão e estava determinado a executá-la. Se tivesse dado ouvidos às pessoas à sua volta, não teria realizado coisa alguma.

“Espera aí”, dirá você”. “Podemos observar o estilo de liderança de Jesus, entender seus princípios e seguir seu exemplo, mas só até certo ponto. Porque há uma enorme diferença entre nós e ele. Ele não tem pecado. Sempre soube o que tinha a fazer, de maneira que não precisava conseguir apoio dos outros”.

Tem razão. Temos ainda imperfeições, não importa o quanto já tenhamos caminhado na nossa vida cristã. Ainda lutamos com problemas como orgulho, auto-estima, rejeição, defensividade e insegurança.

Quando temos alguma divergência com os outros, nunca podemos ter certeza absoluta de termos sido totalmente honestos e fiéis para com Deus — e de que os outros estão se opondo a Deus quando se opõem a nós.

Como disse um amigo meu: “Nossos motivos, na melhor das hipóteses, são misturados.” Ele salienta o fato de que o pecado cega, esconde e engana:

“Como é que vou saber realmente o que está dentro do meu coração? Mesmo quando Deus fala, minha natureza pecadora interfere no meu ouvir”.

Líderes Solitários

Então, que pode você fazer para esclarecer e separar seus motivos quando sua liderança toma novo rumo e enfrenta oposição?

- Busque a direção de Deus. Peça-lhe que mostre se sua liderança está certa ou errada. Confronte seus planos com a Sua Palavra.

- Fale com alguns amigos crentes de sua confiança sobre a sua preocupação ou dúvida. Peça que orem com você e por você.

- Sonde o seu coração. Você está em paz em relação a seus planos? Sente que está agradando a Deus? Sente-se irado ou enraivecido contra aqueles que se opõem a seus planos? Se Deus quer que você se engaje num novo negócio ou atividade, ele fará você se sentir em paz, apesar da oposição dos outros.

Conheço um casal que seguiu esses três passos. Eles acreditavam que era a vontade de Deus que fossem como missionários para a África, apesar da violência dos movimentos políticos que estavam acontecendo lá. Suas famílias tentaram dissuadi-los, principalmente porque o casal tinha três filhos em idade pré-escolar. Uma junta missionária acabou por aceitá-los — mas com muita relutância, e somente depois de terem enfrentado forte oposição a cada passo.

O marido disse a um grupo de oração de apoio:

“Tamanha era a certeza íntima de que aquilo vinha de Deus, que não faria mal se ninguém nos apoiasse. Sabíamos que Deus estava conosco e estávamos determinados a prosseguir”.

E foram mesmo. Passaram vários anos num ministério relevante na África. Se tivessem dado ouvido as vozes que se levantaram contra seus planos, não teriam ido nunca. A paz de Deus é que estabeleceu a diferença.

Não Estar Sozinho lá em Cima

Depois que o apóstolo Paulo viajou muito pelo mundo judeu daquela época, foi da vontade de Deus que ele fosse para Roma. Mas cada vez que Paulo falava disso aos cristãos, eles se opunham àquela viagem.

O profeta Ágabo advertindo-o contra os perigos que iria encontrar, dizendo que seria preso. Os irmãos pediram a Paulo que não fosse, tentando dissuadi-lo.

Mas a resposta de Paulo foi:

"Que fazeis chorando e quebrantando-me o coração? Pois estou pronto não só para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém, pelo nome do Senhor Jesus" (At 21.13).

O versículo seguinte diz:

"Como, porém, não o persuadimos, conformados, dissemos: Faça-se a vontade do Senhor" (V.14).

Às vezes um líder tem que ficar sozinho, humanamente falando. Quando sente a mão de Deus levando-o em uma direção, toma todas as precauções para verificar se aquilo é a vontade de Deus e persiste em dizer:

“Essa é a coisa certa que tenho de fazer, então, precisa ser feita”.

Às vezes essa resolução implica em agir sozinho, sem auxílio de mais ninguém, a não ser de Deus, é claro.

Depois que entregamos nossa vida a Jesus, nunca mais estamos sozinhos. O salmista escreveu:

"Porque se meu pai e minha mãe me desampararem, O Senhor me acolhera". (Sl 27.10).

Essas palavras provavelmente abrangem muito mais do que os pais carnis. O mais provável é que signifiquem: “Mesmo que todos me desamparem, até mesmo meus pais...”

Se se fizer uma avaliação a fundo, Jesus estava sozinho. Seus discípulos queriam que ele declarasse seu poder, que derrubasse os romanos, que destruísse os perversos. Eles não entendiam nem a missão nem os métodos de Jesus. E quando foi preso, fugiram com medo ou, então, o negaram. Mesmo assim ele ficou firme, ao lado do Pai.

Um Desafio Diferente

A liderança cristã, da mesma forma que o discipulado, não dá nenhuma garantia de que as pessoas vão nos entender. Nossa entrega e nosso

compromisso com Deus não nos prometem incentivo humano nenhum.

Quanto mais ampla a nossa visão, tanto maiores as probabilidades de ficarmos sem apoio dos homens.

Muitos são os que já passaram por isso. Homens e mulheres tem tido grandes sonhos, e os tem visto realizados, a despeito de todos os obstáculos e oposições.

Um dos homens que se apegou ao seu sonho foi S. Truett Cathy. Em 1966, ele abriu uma lanchonete em Haperville, na zona sul de Atlanta, especializada em hamburgers, que, depois, passou a ser conhecido como “fast-food” (refeições rápidas). Poucos anos mais tarde abriu outra lanchonete num local próximo, Forest Park, Geórgia.

Tudo ia correndo muito bem e os lucros estavam entrando, quando a lanchonete de Forest Park se incendiou. O seguro cobriu apenas parte do prejuízo, mas Truett reconstruiu o estabelecimento. Dessa vez, consciente da nova demanda por “fast-food”, refez o lugar para atender ao novo tipo de mercado. O único problema era que Truett era muito avançado para o seu tempo; e dentro de três meses ele estava quase a pique de fechar o restaurante.

Ele desistiu? Não — porque ele tinha a visão do que poderia fazer.

Ele vinha fazendo experiências com carne de frango, e acreditava ter conseguido o sanduíche de frango mais gostoso do mundo. Apesar das opiniões pessimistas, ele persistiu. Hoje é o presidente do “Chickfil-A”, com muito mais de 300 lanchonetes em mais de 30 estados americanos.

Também posso contar o caso de outro homem. Ele era tímido, tinha receio das pessoas e se atrapalhava um bocado com as palavras quando tinha que dizer qualquer coisa. Mas ele era dedicado ao Senhor e trabalhava com disposição, qualquer que fosse o serviço que o pastor ou a diretoria lhe desse para fazer.

Um dia esse homem sentiu que Deus o chamava para o ministério. Seu pastor e a junta, que o amavam e apreciavam sua boa vontade em prestar todo e qualquer serviço solicitado, deram-lhe uma aprovação meio relutante, cheia de reservas, quando ele saiu para fazer o treinamento ministerial. No dia em que o rapaz foi embora, eu estava ao lado do tesoureiro da igreja, que me disse: “É uma pena ver esse rapaz perder três anos de treinamento pastoral, porque nunca vai conseguir ser pastor”. Concordei com ele.

Três anos depois o rapaz voltou e pregou naquela igreja. Nenhum de

nós podia acreditar que era a mesma pessoa. Ele havia aprendido a se apresentar muito bem, sua mensagem fluía facilmente — e ele se tornara um pastor de primeira classe. Perguntei-lhe o que havia acontecido naqueles três anos. Respondeu que havia orado o tempo todo, dizendo a Deus: “Creio que é da tua vontade que eu faça isso. Estou pondo todo meu empenho em ser teu servo. Faz comigo tudo que seja necessário para que eu me torne um bom servo.

Um homem sozinho com Deus tornou-se um magnífico pregador. Só aqueles que o tinham conhecido nos primeiros tempos de sua juventude podiam apreciar o grande trabalho que Deus havia realizado em sua vida.

Esse princípio pode funcionar na vida de todos nós. Aqui está uma das maneiras de se expressá-lo:

PRINCÍPIO 13

UM VERDADEIRO LÍDER, COM A AJUDA DE DEUS, EQUIVALE A UMA GRANDE MAIORIA.

CAPÍTULO 14 - OS DESCRENTES

O estilo de liderança de Jesus se destacou pela capacidade de lidar com uma variedade enorme de temperamentos, condições e níveis de maturidade espiritual. Depois da ressurreição, por exemplo, ele demonstrou essa qualidade de maneira brilhante.

Foi nas ocasiões em que teve de lidar com Maria, a que chorou desconsolada no túmulo do Senhor, com Pedro, arrependido, com os dois discípulos desesperançados, do caminho de Emaús, e com Tomé, o descrente. A liderança de Jesus se mostrou eficiente em todas essas situações, curando, reconciliando, dando segurança e esperança.

Entre todos os que estiveram na presença de Jesus depois da ressurreição, talvez tenha sido Tomé o que representou o maior desafio. Ele não estava presente quando Jesus apareceu aos seus discípulos, e assim ele perdeu a oportunidade de ver o Senhor ressuscitado. Tomé, o descrente, chamou os discípulos de mentirosos, porque não acreditou na palavra deles.

Ele, numa atitude arrogante, achou-se no direito de ditar condições para acreditar no que os outros diziam.

Podemos ver em Tomé, não apenas um descrente cheio de dúvidas, mas também um pessimista por natureza. Quando Jesus, bem antes disso, falou em ir a Betânia, depois da morte de Lázaro, a reação de Tomé foi: “Vamos também nós, para morrermos com ele” (Jo 11.16). Ele via somente o lado sombrio das coisas.

Muitas vezes os líderes tem que lidar com pessoas desse tipo — executivos, membros de igrejas ou membros da família que não conseguem ver nada de bom em si mesmos, nas situações ou nos planos do líder. Essas pessoas geralmente são tristes e descrentes. Não conseguem acreditar em ninguém e em nada.

Do mesmo modo que Tomé, são elas cheias de idéias pré-concebidas que não desejam modificar. Exigem evidências difíceis ou impossíveis de obterem. A palavra do líder geralmente não é o bastante para essas pessoas; elas têm que ver para crer.

Martinho Lutero disse: “A arte de duvidar é fácil”. Talvez seja porque nascemos com essa tendência. Alguns de nós lutam contra esse aspecto da natureza; outros alimentam-na — e ela se desenvolve. E à medida que vai crescendo, um outro lado da nossa natureza — a confiança — vai murchando.

Por outro lado, se alimentamos bem a confiança, a dúvida vai desaparecendo. Quando a confiança está presente, a dúvida desaparece; quando a confiança se vai, a dúvida reaparece.

Quando a dúvida surge entre empregados e patrões, tudo se torna suspeito. Todo atraso é registrado, todo pedido de licença é visto com desconfiança, toda idéia proposta é logo recusada sem a menor avaliação. Quando a dúvida se estabelece entre marido e mulher, toda conversa parece se transformar em discussão. As palavras não são entendidas ou são deturpadas. E os resultados são desastrosos.

Os árabes tem um ditado: “Seu amado engole um cascalho por você, mas seu inimigo conta todos os seus erros”. O mesmo faz aquele que dúvida de nós.

A desconfiança é a raiz de muitas brigas nas igrejas, nos negócios, em casa e nos governos. É a raiz da descrença. Dúvidas sobre Deus tornam as pessoas relutantes em se submeterem à sua autoridade.

Como o Líder se Comporta em Relação à Dúvida

Como foi que Jesus se comportou com Tomé, seu discípulo descrente?

Precisamos examinar não apenas a psicologia da resposta de Jesus, mas também sua liderança espiritual.

Foi uma longa semana aquela entre a ressurreição e o domingo seguinte. À primeira vista, parece que teria sido muito melhor se Jesus não tivesse deixado seus discípulos sozinhos durante uma semana, entregues à sua nova convicção, tão instável ainda, tão incipiente.

Mas, num exame mais profundo, verificamos que, deixando-os com uma semana inteira para refletir, Jesus deu-lhes oportunidade para que elaborassem seu crescimento espiritual. Novos pensamentos e uma nova visão das coisas precisavam de tempo para tomar corpo e se arraigar na vida dos discípulos.

Por isso ficaram entregues a si mesmos, para refletir com calma, para meditar, ajustar seus pensamentos à nova realidade, começar a entender. Assim como a mãe fica perto do filhinho para encorajá-lo a dar os primeiros passos, assim fez Jesus, deixando-os dar, sozinhos, os primeiros passos na confiança em si mesmos e em Deus, que seria dali por diante a sua caminhada, a sua condição permanente.

E, então, voltou. Dessa vez, não se ocupou tanto do grupo, mas deu a maior atenção ao que duvidara — aquele que tinha imposto condições para crer. Jesus não fez o que os líderes geralmente fazem nessas circunstâncias: dirigir-se ao grupo todo, atacando a dúvida e a descrença em geral, com a esperança de que o descrente capte a mensagem. Nem se rodear daqueles que concordaram com ele, deixando de lado quem tem dúvidas, para que sinta sua desaprovação e se retire.

Esse quadro não refletiria o estilo de liderança de Jesus. A solução que adotou foi concentrar-se no descrente e, repetindo a exigência que havia imposto, satisfazê-la inteiramente.

Será que podemos imaginar a vergonha, o constrangimento e a tristeza que Tomé deve ter sentido quando Jesus repetiu as condições que ele havia imposto para crer na sua volta? Como elas devem ter soado diferente, saindo dos lábios de Jesus!

Não existe maneira mais segura de fazer uma pessoa se envergonhar de palavras irrefletidas que tenha dito em momento de zanga, do que repetí-las

quando os ânimos já esfriaram e a pessoa está calma.

Responder às exigências de Tomé foi, ao mesmo tempo, uma censura severa e um caminho que Jesus abriu para a reconciliação e a fé.

Jesus fez também uma admoestação: “Não seas incrédulo, mas crente” (Jo 20.27). De certo modo estava dizendo: “Não é uma questão de evidência, Tomé, é uma questão de disposição. Sua incredulidade não é por falta de provas, mas pela sua tendência natural e por suas atitudes”. Em outras palavras, a luz do sol brilha intensamente, nossos olhos é que são embaçados. A dúvida, no fundo, no fundo, é uma questão de oposição e atitude.

Da Dúvida à Crença

O estilo de liderança de Jesus sempre visou a restaurar, incentivar e mudar as pessoas de um ponto ou estágio de suas vidas para outro mais elevado; da dúvida para a crença, do ceticismo para a entrega e compromisso, da inimizade para o amor. Em outras palavras, ele ajudava as pessoas a crescer.

Jesus não lidou com as pessoas para envergonhá-las ou para se exibir, embora tivesse todo direito de fazê-lo. Não se postou diante dos incrédulos apenas para lhes mostrar como estavam errados. Ele queria que as pessoas ampliassem o potencial que Deus lhes havia dado.

Da mesma maneira que Natanael tinha exclamado:

“Mestre, tu és o Filho de Deus”, quando soube que Jesus o tinha visto debaixo de figueira, assim, também, Tomé se esquece de sua incredulidade e fez uma confissão enlevada: “Senhor meu e Deus meu”! (Jo 20.28).

Quando vemos a mudança de atitude de Tomé percebemos logo, sem sombra de dúvida, como a estratégia de Jesus funcionou. O resultado que ele buscava era o crescimento espiritual dos que duvidavam dele.

E isso é também um traço do estilo de liderança de Jesus.

PRINCÍPIO 14

O VERDADEIRO LÍDER AJUDA OS INCRÉDULOS A SE TORNAREM CRENTES.

CAPÍTULO 15 - CRÍTICAS

Entrando certo dia num escritório, vi sobre a mesa do gerente uma placa com esses dizeres:

PARA NAO SER CRITICADO:

NÃO DIGA NADA. NÃO FAÇA NADA. NÃO SEJA NADA.

Não tenho muita certeza de que até mesmo isso funcione. Na verdade, não imagino nenhum meio de evitar críticas, principalmente quando se é um líder.

Quase todos nós lutamos com o problema de como enfrentar as críticas.

É duro aceitá-las quando são justas. Mas quando são injustas, ou feitas pelas costas, sem dar oportunidade de defesa ou explicação, é pior ainda.

Ninguém está imune a críticas. Aqui está um golpe desferido contra uma figura muito conhecida:

“Ele não é em nada melhor que um assassino. Traíçoeiro com os amigos, hipócrita na vida pública, um impostor que abandonou todos os bons princípios, se é que alguma vez os teve”.

Esse comentário foi feito sobre George Washington.

Mas há também este editorial publicado em um jornal a respeito de um grande executivo: “O Presidente é um palhaço de ultima categoria. Um verdadeiro gorila. Quem anda à procura de macacos não seja tolo a ponto de se dar ao trabalho de viajar até a África, pois é facilímo encontrar um deles em Springfield, Illinois”.

Essas críticas se referiam a Abraão Lincoln.

Se gente como Washington e Lincoln foram tão severamente criticados, não é de espantar que líderes como nós tenham a sua quota de reclamação.

Críticas Feitas a Jesus

Jesus tampouco escapou dos seus detratores. Os que o criticaram foram levados a isso por inúmeras razões, entre elas ciúmes, ódio e medo. Quando,

por exemplo, ele discutiu com alguns líderes judeus, eles disseram: “Tens demônio” (Jo 7.20). Os críticos seculares de hoje provavelmente diriam assim: “Você é um paranóico esquizofrênico, que deve mesmo é ser internado”.

Uma passagem extremamente reveladora aparece em João 15.25: “Isto, porém, é para que se cumpra a palavra escrita na sua lei: Odiaram-me sem motivo”. Os críticos de Jesus não tinham nenhum motivo real para odiá-lo. Muitos não o compreenderam, mas muitos não fizeram esforço algum para entendê-lo. Rejeitavam qualquer um que tentasse modificar alguma coisa, e Jesus estava mudando muitas coisas.

Às vezes fico pensando como é que as pessoas podiam notar a evidência das curas e de constantes demonstrações de compaixão por parte de Jesus e, ainda assim, falar mal dele. Mas era o que faziam.

Como já foi mencionado no capítulo 6, Jesus curou um homem junto ao poço de Betesda (Jo 5.1-16). Quando os líderes religiosos viram que o homem que tinha sido paralítico durante trinta e oito anos estava curado, não se alegraram. Criticaram Jesus por curar num dia de sábado: “Os judeus perseguiam a Jesus, e procuravam matá-lo, porque fazia estas cousas no sábado” (Jo 5.16).

Em outra ocasião Jesus curou um homem que era cego de nascença. “Por isso alguns dos fariseus diziam: Esse homem não é de Deus, porque não guarda o sábado”. (Jo 9.16).

Durante a festa dos tabernáculos, as pessoas discutiam entre si sobre Jesus. Alguns sabiam o que ele tinha feito e falavam abertamente do seu poder e de sua bondade. “E havia grande murmuração a seu respeito entre as multidões. Uns diziam: Ele é bom. E outros: Não, antes engana o povo” (Jo 7.12).

Quando os líderes religiosos prenderam Jesus, levaram-no à presença de Pilatos. E quando Pilatos perguntou-lhes quais as acusações que faziam contra Jesus, responderam: “Se este não fosse malfeitor, não to entregaríamos” (Jo 18.30).

Estranho que não citassem seus “crimes”, não é? Aparentemente, Pilatos não insistiu. Os acusadores do Senhor representavam os devotos do seu tempo; a reputação e a palavra deles levaram Jesus à condenação e à morte.

O tipo de critica feita a Jesus nunca mudou. Mesmo no final do livro de Atos, o apóstolo Paulo visitou os líderes em Roma e quis falar de Jesus com

eles. Concordaram que Paulo falasse, mas fizeram a ressalva:

“Porque, na verdade, é corrente a respeito desta seita que por toda parte ela é impugnada” (At 28.22). A passagem mostra que muitos creram e muitos não. Tenho a impressão de que os que não acreditam já tinham feito de antemão a sua escolha — como aqueles que levaram Jesus a Pilatos.

Como Lidar com a Crítica

As críticas e censuras não parecem ter perturbado Jesus. Talvez porque ele, conhecendo a maldade do coração humano, as esperasse. Mas, quase todos nós temos muita dificuldade em lidar com elas, principalmente quando vem da parte de outros crentes.

Um amigo meu, que ensinava para uma classe de escola dominical com quase trezentos adultos, atraiu contra si uma avalanche de críticas. “Esperava que as pessoas fora da igreja me criticassem. Mas dói quando os irmãos em Cristo fazem isso! Dói mais ainda quando falam para outras pessoas que depois vem me contar”, confidenciou-me ele.

Esse homem tinha recebido fogo cerrado por ter alertado contra o uso descuidado dos pesticidas, principalmente o DDT. Isso foi muitos anos antes que as pessoas se dessem conta dos males que o DDT provoca na natureza, afetando-lhe o equilíbrio. Ele tinha abordado o assunto quando a classe estudava Gênesis, dizendo que Deus havia dado a Adão, e por inferência a seus filhos através de toda a história da humanidade, a responsabilidade de cuidar do mundo. Passaram-se anos até que fosse provado que aquelas pessoas que o criticaram estavam erradas.

Por outro lado, algumas críticas são de fato procedentes. O apóstolo Paulo sabia que qualquer líder tem que ser aberto a outras idéias.

Por isso, foi a Jerusalém com Barnabé e Tito, “e lhes expus o evangelho que prego entre os gentios, mas em particular aos que pareciam de maior influência, para de algum modo não correr ou ter corrido em vão” (Gl 2.2).

Paulo tinha começado a pregar que o Evangelho nos libera da Lei de Moisés. Este novo e arrojado conceito não tinha sido proclamado por outros. É claro que ele sofreu uma porção de críticas, de modo que foi ao encontro dos líderes da igreja para explicar-lhes do que se tratava; e eles o apoiaram.

Naturalmente teria sido impossível para Paulo correr a Jerusalém todas as vezes em que fosse criticado. Ele escreveu aos coríntios:

"A mim pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por tribunal humano. ... pois quem me julga é o Senhor" (1 Co 4.3,4).

Isso não era arrogância, mas um prazo, uma espécie de moratória, em relação à luta e à crítica. Paulo fazia o que considerava certo, e sabia que Deus seria seu juiz supremo.

Primeira Reação

Qual deve ser nossa primeira reação às críticas? Como líderes crentes, precisamos ouvir. Nossos críticos podem estar falando a verdade. Pode ser que não façam isso com delicadeza ou tato, mas a verdade continua verdade, independente da maneira com que é apresentada.

Como disse Abraão Lincoln quando lhe contaram que o Secretário de Estado o havia chamado de tolo: "Stanton é um homem sábio. Se ele disse que sou um tolo, o melhor que tenho a fazer é pensar no assunto".

Quando os críticos nos atacam, quase todos nós temos a tendência de pegar fogo, prontos para uma réplica contundente ou então nos dá vontade de chorar. Queremos nos defender, explicar como as pessoas estão sendo injustas, ou nos queixar de que os outros não nos compreendem. Mas, em vez disso tudo, deveríamos ouvir.

Segunda Reação

Quando a crítica é justa, precisamos corrigir o que for possível.

Só podemos avaliar se a crítica é procedente se sondarmos nosso coração, orarmos para que Deus nos guie e nos ilumine de maneira a ouvirmos claramente, e nos aconselharmos com outras pessoas.

Se depois de tudo isso ainda considerarmos as críticas injustas, então o que devemos fazer é pedir a Deus a graça de podermos suportar a oposição. Alguns de nós fazem isso melhor do que os outros. Se dependermos de nossas próprias forças, pouquíssimos conseguirão se livrar de um ataque imerecido sem padecer uma tremenda agitação ou sofrer um desgaste íntimo.

Afinal, queremos que as pessoas gostem de nós, que nos aprovelem.

Podemos até desejar a aprovação delas. Quando elas reagem negativamente sentimo-nos feridos.

Um amigo meu, por exemplo, contou-me que na década de 50 fez vários negócios tanto com brancos quanto com pessoas de cor. Muita gente criticou-o por tratar os negros da mesma maneira que os brancos. Ele me disse que nunca discutiu com os racistas, pensando que suas ações seriam mais eloqüentes do que palavras. “Mas, às vezes, eu tinha que orar sem parar para conseguir controlar meu gênio e não explodir por causa daquelas atitudes preconceituosas” admitiu ele.

Às vezes é bom lembrarmos que, como disse o apóstolo Paulo, “quem me julga é o Senhor”. Se temos consciência de que estamos colocando Deus em primeiro lugar em nossa vida, e se verificarmos os pontos mencionados acima, não teremos que perder nosso precioso tempo nos defendendo.

Ficando de Sobreaviso

Por fim, precisamos nos preparar para a crítica que ainda está por vir. Se sabemos que as pessoas vão falar mal de nós, nos rebaixar, ou mesmo nos arrasar, podemos nos prevenir e fortalecer contra seus ataques.

Uma secretária executiva aprendeu a fazer isso muito bem. Ela mantém um papel com uma oração impressa ao lado do telefone. Como é ela quem recebe a maioria das reclamações dirigidas à companhia, enquanto ouve palavras quase sempre irritadas, ela lê, muitas vezes, em silêncio, aquela oração:

“Senhor Deus, tu sentiste o ódio dos pecadores e os amaste. Ajuda-me a lembrar que podes me ajudar a amar os que me criticam”.

A Minoria Barulhenta

A crítica aos líderes parte, freqüentemente, de uma minoria que se manifesta. Mas essa minoria fala tão alto e tantas vezes, que nem sempre é fácil avaliar quantas pessoas ela representa.

Numa ocasião, um pastor realizou uma porção de modificações na sua igreja. Como resultado, pela primeira vez, em noventa anos, a igreja cresceu. Pouco depois, foi preciso realizar dois cultos pela manhã para atender a todos, e construir novas dependências para as classes da escola dominical e os cultos.

Nessa altura, o pastor começou a ouvir uma série de críticas, das quais ele tomava conhecimento através de um dos membros, que começava sempre

assim: “Olha, estão dizendo...”

Um dia, bastante abatido, o pastor andava de lá para cá no seu escritório, pensando seriamente se devia ou não se demitir. Ele não conseguia enxergar nada de bom do que tinha feito, de como tinha conseguido fazer a igreja crescer, e como tantas vidas tinham sido transformadas. A única coisa que conseguia sentir eram as críticas. As acusações tinham-se tornado tão hostis, que ele se sentia como se toda a igreja estivesse contra ele.

Escreveu então a um amigo: “É uma situação terrível quando você tem mais de 400 membros; 350 odeiam você, e os outros 50 não estão nem aí”.

E, angustiado, parou e se ajoelhou. Orou pedindo que Deus o guiasse e lhe desse paz de espírito. Mais tarde, contou o que tinha acontecido:

“Quase instantaneamente compreendi que as reclamações que tanto me pesavam provinham de apenas quatro famílias da poderosa estrutura da igreja, antes de eu ser pastor — aquelas não queriam mudanças de espécie alguma. Entendi também que elas representavam a minoria da igreja”.

Temos que ouvir as críticas, mas temos também que colocá-las na perspectiva justa. Lendo sobre as críticas e perseguições feitas a Jesus, podemos pensar que todos estavam contra ele. No entanto, Marcos diz: “E a grande multidão o ouvia com prazer” (Mc 12.37).

As vozes dos críticos podem ter soado alto, e até mesmo ter sido mortíferas, mas provinham de um grupo de líderes que não desejavam que Jesus efetuasse nenhum tipo de mudança. A gente comum, isto é, o povo, ouviu e alegrou-se, e aceitou os ensinamentos de Jesus e seus discípulos.

Quando você enfrentar críticas e reclamações, faça a si mesmo algumas perguntas, antes de se deixar envolver por um torvelinho emocional:

- De onde provem as críticas?
- Estão todos contra mim? Ou é apenas um punhado de descontentes?
- Existe alguma verdade nas críticas — mesmo que em pequena porcentagem?

- Existe alguma coisa nas palavras dos meus críticos ou acusadores que devam ser aproveitadas como ensinamentos?

Lyle Schaller, um homem que, há muito tempo, vem observando e estudando igrejas a denominações, lembrou a um grupo de líderes religiosos o fato de que certas pessoas estão sempre reclamando. Essa gente carrega um

saco cheio de críticas e reclamações, e é sempre rápida em pô-las para fora ao primeiro sinal de qualquer sugestão de um novo programa:

- É muito barulhento.
- É muito mundano.
- Caro demais.
- usar mal o dinheiro de Deus.
- Vai atrair o tipo errado de gente.

“Mas há outras pessoas que se interessam por inovações”, acrescentou. “Ouça o que dizem. Não interrompa uma atividade que está agradando a cinquenta pessoas, só porque três começaram a criticar”.

Um amigo me disse: “Talvez devamos nos sentir felizes quando as pessoas começarem a criticar-nos”. Isso não fez o menor sentido para mim, de modo que resolvi perguntar o que ele queria dizer.

Respondeu-me citando as palavras de Jesus:

"Bem aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus, pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós" (Mt 5.11,12).

Pouco antes de Jesus ir para o jardim de Getsêmani, Ele disse:

"Lembraí-vos da palavra que eu vos disse: Não é o servo maior do que o seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa" (Jo 15.20).

Quando as críticas forem merecidas aprenda com elas. Quando forem injustas, lembre-se do seguinte princípio:

PRINCÍPIO 15

PERFEITO, HOUVE APENAS UM LÍDER, E, MESMO ASSIM, FOI CRITICADO.

CAPÍTULO 16 - TEMPESTADE EM COPO D'ÁGUA

Um líder crente saiu de uma empresa menos de seis meses depois de ter começado a trabalhar lá. Ele sempre havia apresentado excelentes resultados antes de ir para essa organização, e se mostrou muito capaz enquanto esteve na tal empresa. Um amigo apresentou-me a ele, e, enquanto conversávamos, meu amigo perguntou: “Por que você saiu da companhia”?

“Posso responder com uma palavra”, disse ele. “Mesquinhez.” Ele não entrou em detalhes, nem mencionou nomes; disse apenas: “Eles não tem espírito de equipe. Todo mundo tem que passar por cima do outro. Em todo lugar tinha muito ciúminho, inveja, rivalidade. Todo mundo queria criar um império e reinar sobre os outros imperiozinhos. Eu queria trabalhar com todo mundo. Depois de seis meses, por mais que lutasse para não participar desse ambiente de rivalidade, se eu cooperasse com uma pessoa, automaticamente mostrava minha oposição a outra. Então decidi sair”.

Problemas mesquinhos parecem pequenos — e de fato o são — , mas baixam o moral e a produtividade. Problemas grandes, como sobrevivência financeira, são, em geral, fáceis de identificar, mas probleminhas de mesquinhez e inferioridade podem passar quase despercebidos.

Ignorá-los, porém, pode levar a problemas de proporções gigantescas.

Gente Mesquinha

Aqui estão alguns tipos de líderes mesquinhos que, por suas atitudes e estilo de trabalho, podem criar conflito:

- Promessas. Promessas. A pessoa está sendo sincera, pelo menos naquele momento. Dez minutos depois, já esqueceu o que disse.

- As Sete Famosas Últimas Palavras. Em qualquer igreja ou organização

as “sete famosas últimas palavras” são: “Nunca tentamos fazer isso desse jeito antes”. Esse tipo de pessoa, tacanha e intolerante, entra em pormenores irrefutáveis, para provar como foi que alguma coisa semelhante havia sido tentada doze anos antes e tinha fracassado.

- A-primeira-Coisa-Amanhã-Cedo. O procrastinador típico parece estar sempre ocupado, não dispõe de folga e parece não conseguir fazer nada em tempo. “Quando é que você quer isso?”, está sempre perguntando. “Vou estar com isso pronto para você, logo cedo, de manhã”.

- Oponente das idéias dos outros. É a pessoa que tem uma porção de idéias, muita energia, e está sempre apoiando novos programas — desde que tenha partido dela a idéia original. Tem muito pouco tempo para idéias que tenham vindo de outras fontes.

- O que eu ganho com isso? A pessoa desse tipo segura seu apoio, interesse e energia até saber o que é que vai obter com seu esforço. Se é bastante sofisticada, manipula a conversa de modo que sua superioridade apareça como sendo a melhor e mais lógica maneira de uma pessoa ser. Não se importa como os outros a vêem, porque tem apenas um interesse — ela própria.

Existem um sem número de outros tipos de pessoas mesquinhas: o cínico, o fofoqueiro, o que se auto-intitula especialista, o insensível, o brincalhão.

As pessoas tacanhas podem representar um problema tão enervante, que são capazes de desviar a atenção dos líderes das dificuldades realmente sérias. Quem é que ainda não presenciou na igreja sérias discussões sobre que cor a ser usada na pintura da cozinha, ou o tipo de banco ou cadeira que deva ser escolhido para o salão?

Agitam-se tanto por coisas insignificantes, que até negligenciam as tarefas de real importância na igreja. O mesmo pode acontecer nos negócios, e mesmo na família.

Como os Líderes Encaram os Pequenos Problemas

Como é que as organizações tratam esses problemas enganosamente pequenos?

1. Ignoram. Este é o método mais comum. Ou o líder não os nota ou os considera insignificantes.

2. Evitam. Há líderes que reconhecem tais problemas, e até mesmo admitem que, a menos que sejam sanados, são capazes de produzir muitos males. Mas dizem: “Se contornarmos esses problemas, eles acabam desaparecendo por si.” Infelizmente, deixar o problema correr por conta própria dá a ele tempo, energia e mesmo estímulo para crescer.

3. Adiam. Essa tática admite o problema e propõe um adiamento. O líder pede às pessoas que se acalmem, e promete que mais tarde a liderança vai lutar para resolver o problema: “Vamos voltar ao assunto depois”, e deixam-no ficar como estava. Isso pode funcionar se a promessa de voltar ao problema mais tarde não for esquecida.

4. Resolvem. O líder competente tenta resolver esses probleminhas antes que eles cresçam. Não usam um canhão quando uma pistola mesmo resolve, mas notam os pequenos desentendimentos e reconciliam as partes antes que se crie um impasse.

Como Jesus Lidou com os Probleminhas

Em João 21.21 vem à tona um destes pequenos problemas. Jesus dera a entender que Pedro viria a morrer como mártir. Pedro olha para João e pergunta: “E quanto a este?”

A pergunta de Pedro sobre o papel de João no trabalho de Deus podia ter tido uma pontinha de ciúme. Pedro era devotado a Jesus, mas, João era conhecido como “O discípulo que Jesus amava”, de modo que é possível que existisse certa rivalidade entre eles. A pergunta podia ter demonstrado também um interesse natural sobre a sorte de João. Será que ele iria ser tão importante quanto Pedro no futuro?

Pedro teria João como companheiro? Havia algo especial para João?

Jesus respondeu: “Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me”. (Jo 21.22). Essa resposta é uma censura branda a qualquer malícia que a pergunta de Pedro pudesse encerrar. Ela adverte contra a tentativa de forçar os outros a se enquadrarem na mesma situação ou de querer um tratamento “igual” no serviço do Senhor. Jesus pediu a Pedro que deixasse João de lado e se concentrasse no seu próprio ministério.

Em qualquer organização ou empresa, não há nada que acabe mais depressa com os boatos, invejas e fofocas do que cortá-los pela raiz.

Deixar que dêem margem a especulações pode ser perigoso para o grupo. Jesus não disse a Pedro: “Tenho esse plano em relação a João, mas você deve guardar segredo sobre o assunto”. Nem tampouco perguntou-lhe: “O que você acha que devo fazer com João?” Tais comentários teriam feito Pedro sentir-se valorizado, inflando o seu ego e causando futuros problemas. Jesus estabeleceu um equilíbrio entre encorajar a especulação e divulgar informações que precisavam ser mantidas em segredo.

Pode-se notar também nessa passagem que o estilo de liderança de Jesus não era “dividir para governar”. Ele procurou minimizar um possível conflito entre Pedro e João, em vez de explorá-lo. Criar dependência através da divisão tem sido o estilo dos poderes políticos imperialistas, e mesmo de alguns dedicados missionários.

Há pastores que acham que, para sobreviverem, precisam manter as facções em luta umas contra as outras; alguns empresários e líderes políticos pensam da mesma maneira, não só para assegurar sua supremacia, como também porque não depositam confiança em seus subordinados. Suas instituições estão sempre em estado de confusão e tumulto. Quando, porém, as coisas estão transcorrendo tranquilamente, tais líderes criam problemas apenas para mostrar que são indispensáveis como fonte de soluções!

Os Pequenos Problemas na Igreja Primitiva

Rivalidades e pequenos assuntos irritantes não terminaram com a ascensão de Jesus Cristo. A igreja, mesmo em seus primeiros tempos, teve que enfrentar essas dificuldades.

Como está escrito no livro de Atos, a igreja tinha criado um ambiente de comunhão e provia as necessidades das viúvas e dos órfãos. Os apóstolos, que tinham tido treinamento e aprendido com a liderança de Jesus, tiveram

problemas tão logo começaram a pôr em prática o que haviam aprendido:

"Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos, houve murmurações dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária. Então os doze convocaram a comunidade dos discípulos e disseram: Não é razoável que nós abandonemos a Palavra de Deus para servir às mesas. Mas, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço; e quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra. O parecer agradou a toda a comunidade" (At 6.1-5).

O que podemos aprender com esse incidente? Reparem que os líderes da igreja tomaram três providências sábias:

- Foram direto ao problema. Não deram oportunidade para ele crescer e dividir a igreja.

- Indicaram pessoas de confiança para cuidar do problema. Mostraram que tinham percebido como o assunto poderia se tornar crítico. Os helenistas eram judeus que tinham adotado a cultura grega, e isso, automaticamente, criava um potencial de conflito.

- Não deixaram que um problema de importância relativamente pequena, a saber, distribuir o alimento diário, viesse perturbá-los no estudo e na oração, e procuraram exercer a liderança sobre a igreja como um todo.

Esses líderes, provavelmente dirigidos por Pedro, fizeram distinção entre o que era importante e o que era trivial. Eles se concentraram em se preparar para seguir por todo o mundo executando a comissão que Jesus lhes havia dado.

Paulo e os Probleminhas

Quando Paulo escreveu as cartas aos novos-convertidos, ele geralmente se referia aos problemas existentes nas igrejas referidas na carta. Os problemas vinham em escala dos maiores para os menores. Nas duas epístolas aos coríntios, por exemplo, ele abordou os assuntos mais importantes da moralidade e dos dons espirituais.

Mas ele admoestou os coríntios também sobre comer carne oferecida

aos ídolos — um assunto de importância relativamente pequena, mas que estava causando desentendimentos. Pelo que parece, alguns cristãos compravam bons pedaços de carne num açougue de segunda mão, pode-se dizer (já que os ídolos não comiam a carne, os pagãos tinham que fazer alguma coisa com ela). Paulo resolveu rapidamente, e de maneira magistral, o impasse criado por essa prática, ou seja, saber se era permitida ou não. (Ver 1 Coríntios 8).

Doutra feita Paulo escreveu uma carta de apreciação por um presente que os filipenses tinham mandado para ele na prisão. A carta inteira só continha uma nota de advertência. O problema por ele enfrentado era pequeno, de modo que não se transformou num caso sério:

"Rogo a Evódia, e rogo a Síntique pensem concordantemente, no Senhor" (Fp 4.2).

Aparentemente, duas mulheres tinham opiniões diferentes. Isso parece ser tudo a que Paulo se refere, mas ele queria eliminar o problema antes que este afetasse toda a igreja.

Fazendo Tempestade em Copo d'água

O que poderia ter acontecido se Paulo ignorasse a situação de Evódia e Síntique? O que aconteceria se ele dissesse a si mesmo:

"Vou deixar isto para a próxima carta"? As duas mulheres poderiam ter polarizado a igreja, jogando os irmãos e irmãs uns contra os outros.

Conheço uma igreja onde ocorreu uma tragédia dessas. Duas mulheres de grande qualidade chegaram, ao mesmo tempo, ao limiar da liderança nas atividades femininas da igreja. Quando uma delas atingiu o posto, estabeleceu-se a rivalidade. A líder anterior tinha conseguido mantê-las separadas, ocupadas e trabalhando harmoniosamente juntas.

Como as duas agora disputavam a liderança, nenhuma parecia pensar em si mesma como agindo de maneira não bíblica e não cristã. Mas a diferença entre as duas cresceu tanto que a igreja ficou marcada por uma divisão bem definida. As pessoas acabaram tendo que tomar partido.

Cada mulher avaliava o seu prestígio de acordo com o lugar em que as pessoas ocupavam no culto; todos de um dos grupos sentavam-se à esquerda; os do outro, à direita. Um punhado de neutros se agrupavam no fundo da igreja, separados de todos os demais.

Se o pastor fosse um líder mais forte, provavelmente teria resolvido o problema. Mas ele tentou ignorar o caso por muito tempo. Quando viu que isso não funcionava, tentou apaziguar ambas as partes. Então, ambas as facções se viraram contra ele e pediram sua demissão.

Quando o novo ministro chegou, imprudentemente deu seu apoio a um dos lados. Ai, então, a igreja se dividiu. O lado esquerdo juntou-se a outra igreja, dois quarteirões adiante. Muitos anos depois o pastor, nos seus sermões, ainda atacava os que tinham ido embora. “Eles se desviaram da santidade. Preferiram menos luz”, dizia ele.

Não teria sido melhor para o reino de Deus se o primeiro pastor tivesse conciliado as duas mulheres logo que se tornaram rivais? O primeiro pastor teria poupado muito dano, sofrimento e amargura se tivesse entendido esse simples princípio:

PRINCÍPIO 16

**O LÍDER PRUDENTE IMPEDE QUE OS PROBLEMAS PEQUENOS SE
TORNEM GRANDES PROBLEMAS.**

Parte 5: O Futuro da Liderança

CAPÍTULO 17 - DE ONDE SURGEM OS LÍDERES

Às vezes fico pensando sobre aqueles doze primeiros discípulos.

Será que Jesus os escolheu porque tinham potencial para liderança, e então a desenvolveu? Ou pegou uma dúzia de “marginais” e deu a eles capacidades e aptidões especiais? Depois do Dia de Pentecostes todos adquiriram uma ousadia e eloquência que nunca tinham mostrado antes.

Mas o que é que eles tinham no princípio?

Não sei responder. Mas tenho a impressão de que eles deviam ter algumas qualidades de liderança antes de serem chamados. André, por exemplo, recrutou imediatamente seu próprio irmão — O que indica

potencial. Pedro aparece logo como um homem de pensamento vivo, linguagem atirada e alguns momentos de discernimento espiritual. Em ambos os casos, o Senhor transformou até suas fraquezas em pontos positivos.

Ao contrário, quando se fala sobre liderança nos negócios e nas igrejas, o que vemos é desânimo. Há sempre uma série de desculpas. Não raro a gente ouve esse lamento: “Não consigo arranjar ninguém na minha igreja (organização, companhia, clube ou escola dominical) que queira aceitar responsabilidade”.

Duas coisas me incomodam nessa declaração: primeiro, ela indica que os líderes não estão procurando futuros líderes nos lugares certos.

Segundo, ela me diz que eles estão usando um critério errado na sua procura. Vamos examinar as duas idéias.

Procurando em Lugar Errado

Alguns especialistas em liderança estimam que apenas 10% das pessoas em qualquer grupo mostrarão aptidão para liderança. Chuck Olson — autoridade em liderança de pequenos grupos e de igrejas — viajou extensivamente visitando igrejas nas décadas de 60 e 70. Analisou mais de mil igrejas e congregações das maiores denominações e concluiu:

“Não importa o quanto a igreja cresça; a base de liderança é formada por aproximadamente sessenta e cinco a setenta pessoas”.

Ele não advogou essa declaração como um princípio; não queria que fosse assim. Insistiu com os líderes para que mudassem a situação. Mas essa era a realidade, disse ele.

Quase todos nós procuramos para a liderança aqueles que já galgaram posições de responsabilidade. Aceitamos como verdadeiro o ditado: “Se você quer que uma coisa seja feita, peça a uma pessoa ocupada”. Isso geralmente funciona — durante certo tempo. Mas em muitas organizações — principalmente as que funcionam à base de trabalho voluntário — pedimos, empurramos, puxamos, insistimos e imploramos tanto a aqueles que trabalham que acabamos por levá-los à estafa. Eles pedem demissão ou fazem o trabalho sem interesse, ou aprendem a arranjar mil e uma desculpas para não assumirem responsabilidade.

Às vezes, eles simplesmente nos deixam e se juntam a outros grupos.

Olhando Sob a Perspectiva Certa

Todo mundo à nossa volta tem aptidão para liderança latente, que podemos desenvolver. Mas, geralmente, esperamos por líderes já confirmados — para nosso prejuízo, aliás.

Voltemos a Jesus e seus discípulos. A primeira menção dos discípulos nos evangelhos, não notamos muita capacidade em nenhum deles. Levi (Mateus) pode ter mostrado mais iniciativa do que os outros, porque era coletor de impostos. Pedro, Tiago e João ganhavam a vida como pescadores. Se fossem espertos, talvez tivessem sido donos de uma frota de barcos.

Em outras palavras, sabemos muito pouco a respeito da formação dos discípulos no que se refere à liderança. Talvez os escritores dos evangelhos não considerassem importante dar essa informação; um conceito bíblico muito significativo é que, na realidade, não nos detemos muito no que éramos — mas no que nos tornamos. E todos aqueles homens, treinados por Jesus, tornaram-se líderes.

Descobrimos a Liderança

Jesus não esperou que a liderança brotasse espontaneamente. Ele não administrou testes, não fez listas de avaliação, não pediu aos discípulos que escrevessem seus currículos. Mas sua percepção infalível mostrou o potencial de cada um deles. Ele os escolheu e disse:

“Sigam-me”.

É muito comum os líderes não perceberem que em toda congregação ou grupo encontra-se gente bastante para atender às necessidades da liderança. Aqui está um exemplo de uma igreja, num bairro periférico da classe média.

W. A. e Edna Hanson eram líderes de destaque. A igreja que eles freqüentavam tinha, como a maioria tem, um membro que é, reconhecidamente, a pessoa mais poderosa do grupo: e essa pessoa era W. A. Ao mesmo tempo, Edna era responsável por todas as atividades que envolviam as senhoras. O casal carregava junto a maior parte do peso do trabalho de liderança; Se algo tinha que ser feito, era só o pastor ou os membros chamarem W.A. ou Edna e tudo estava pronto.

E então foi aquele choque: O casal tinha que se mudar. Edna estava com problemas de saúde e o médico havia dito que sua única esperança de

melhora era mudar-se para um lugar de clima mais quente. Depois de ter sofrido o frio intenso de dois invernos, o casal mudou-se para a ensolarada Flórida.

Mesmo antes da partida, a igreja já lamentava a sua perda. O pastor, talvez mais do que qualquer outra pessoa, sentiu o vazio que eles iam deixar. Que é que vamos fazer? perguntava-se constantemente.

Duas semanas antes da viagem, o pastor fez um apelo do púlpito: “Temos inúmeros trabalhos que W. A. e Edna costumavam fazer aqui. Estamos precisando de gente que venha tomar-lhes o lugar e assumir a responsabilidade que eles tinham”.

Para surpresa dele, o pessoal respondeu ao seu apelo. Quando chegou o dia da partida, oito pessoas tinham assumido as tarefas que o casal costumava fazer. Por muitas vezes o pastor repetiu estas lições valiosas que ele aprendeu com aquela experiência:

1. Ninguém é indispensável no serviço do reino de Deus.
2. As pessoas podem não estar conscientes de sua própria capacidade de liderança até que alguém as descubra e dê-lhes oportunidade.
3. A liderança aparece quando as pessoas têm oportunidade de desenvolvê-la.
4. As pessoas assumem posição de liderança quando sabem que os outros querem que o façam.
5. A maior parte dos líderes aprende fazendo.

Treinamento de liderança no Serviço

Jesus ensinou seus discípulos didaticamente e com seu próprio exemplo. Indicou-lhes o futuro, quando teriam que agir sozinhos, sem a presença dele. E depois comissionou-os:

"Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio"
(Jo 20.21).

Sua partida significava que eles teriam que se apoiar em sua própria experiência e aptidões, e buscar o Espírito Santo para os guiar.

No dia de Pentecostes, por exemplo, as multidões se acercaram deles

depois da descida do Espírito Santo. “Que quer isto dizer?”, perguntava toda aquela gente. Pedro estava à altura dos acontecimentos e pregou um dos maiores sermões da História.

Poucos dias depois, os anciãos e os escribas ordenaram que não pregassem mais aquelas palavras. Mas eles não obedeceram. Quando levados ao tribunal, Pedro e João disseram:

"Julgai se é justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós outros do que a Deus, pois nós não podemos deixar de falar das cousas que vimos e ouvimos" (Atos 4.19,20).

Num exemplo após o outro, a audácia dos discípulos explode no livro de Atos. O exercício real da liderança aconteceu três anos depois de Jesus ter dito: “Sigam-me”.

As Escrituras e a tradição dão-nos um quadro parcial do que aconteceu com os apóstolos: Herodes matou Tiago, irmão de João; o grande ministério de Pedro continuou; Tomé, aparentemente, tornou-se missionário na Índia e no Oriente; o jovem Marcos fundou a Igreja Copta, a Igreja da Alexandria, que se tornou pioneira da cristandade por 200 anos. Os outros apóstolos também viajaram pelo mundo conhecido daquela época, proclamando o Evangelho.

Para muitas pessoas daquele tempo, os apóstolos devem ter parecido um grupo muito estranho para ser usado por Deus. Mas Jesus viu algo especial neles — e desenvolveu aquele “algo mais” através de um “treinamento-em-serviço”.

Conhecendo as Pessoas

Nada existe, provavelmente, que mais ajude na escolha e desenvolvimento de líderes do que a intuição ou perspicácia. Jesus provou seu poder de discernimento ou intuição com frases como esta, que ele disse no Cenáculo, logo depois de ter lavado os pés dos discípulos:

"Quem se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais está todo limpo. Ora, vós estais limpos, mas não todos. Pois ele sabia quem era o traidor. Foi por isso que disse: Nem todos estais limpos" (Jo 13.10,11).

Jesus conhecia o Íntimo das pessoas — tanto o bom como o mau (Jo

2.23-25). Ele conhecia Judas e o mal que havia no seu coração; ele conhecia João e Tiago e Natanael, e viu o potencial de liderança que eles tinham.

Como Escolher os Líderes

Onde e como podemos encontrar novos líderes? Aqui vão algumas sugestões baseadas em princípios bíblicos:

1. Escolha os fiéis. Na parábola dos talentos que Jesus contou, o Senhor elogiou o servo que mais havia produzido: “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei” (Mt 25.23). Em outras palavras, quem é fiel com pouco, também o será com muito.

Procure aquelas pessoas que fazem sempre o trabalho “por trás dos bastidores”. Sua esfera de responsabilidade pode ser tão limitada quanto verificar a presença nas classes da escola dominical, fazer o cafezinho dos domingos depois do culto ou, apenas, ajudar os outros, quando há tempo de sobra. Quando essas pessoas sentem que estão sendo reconhecidas por esses pequenos trabalhos que executam fielmente, podem se sentir dispostas a assumir maiores responsabilidades. Cada vez que tentam uma nova tarefa e a fazem bem, estão sendo impelidas a subir mais um degrau em direção à liderança.

2. Ore pedindo sabedoria. Isso pode parecer óbvio, mas já reparei que os líderes, quando precisam recrutar auxiliares, vão logo perguntando: “Quem está disposto a fazer isto? Quem é que não vai nos deixar na mão?”, ao invés de primeiro falarem com Deus.

Conheço uma igreja cujo pastor e o superintendente da escola dominical tiveram que enfrentar um desafio desalentador: mais da metade dos vinte e um professores estavam planejando se demitir até o mês de setembro. Era primeiro de maio quando ficaram sabendo disso, e a reação deles foi de pânico. Tentaram pensar nas pessoas a quem podiam pedir ou constranger a aceitarem o trabalho.

Então, um deles disse: “Vamos orar antes que isso deixe a gente doido”. Começaram a orar — e combinaram continuar orando durante dois dias até se reunirem de novo. Dois dias após, o pânico tinha desaparecido por completo. Até elaboraram um plano para procurar pessoas com potencial de ensino. Quando junho começou eles já tinham todos os professores que

precisariam para o período seguinte! E tinham aprendido, também, uma lição valiosa.

3. Lembre que não existe gente “sem talento”. Muitas igrejas atuais, cômicas, de repente, do conceito espiritual dos dons (Rm 12.8; 1 Co 12.14; Ef 4.7-16) estão aprendendo a pô-los em ação e aproveitá-los. Um bom número de líderes descobriu que dá bons resultados partir da premissa de que nenhuma igreja tem membros destituídos de talentos.

Seja qual for a maneira como venham a empregar esses dons, o ponto mais importante desse posicionamento não é apenas que eles tenham os trabalhos da igreja executados; é, também, ajudar os cristãos a identificar e usar as aptidões que Deus lhes tenha dado. Como disse muito bem um pastor, durante um sermão sobre dons espirituais: “Ou você os emprega ou você os perde”.

Uma igreja criou uma comissão de dez pessoas capazes e criativas. Os dez dividiram a lista de membros entre si e passaram a visitá-los em casa ou nos locais de trabalho, conversando com eles sobre seus dons espirituais. E não deixaram que ninguém encerrasse a conversa dizendo: “Acho que Deus me deixou de lado”.

Aquelas pessoas desejavam estimular os membros não apenas a descobrir como também a usar os talentos que Deus lhes tinha dado. Um dos membros expressou isso muito bem: “Se cada igreja é realmente um corpo, não admira que muitas delas tenham problemas! Como é que você pode ter um corpo funcionando 100% quando você está sem uma perna, um olho ou mesmo outras partes pequenas como cotovelo, a junta do joelho? Quando cada parte do corpo cumpre sua função, ele funciona que é uma beleza”.

4. Preste reconhecimento aos líderes que escolheu. Não dispomos de um relatório dizendo que Jesus todos os dias ia até os discípulos para assegurá-los de suas qualidades de liderança. Mas sabemos que ele elogiou aqueles que viveram justamente. Ele lhes disse que todos, com exceção de um, estavam limpos (Jo 13.10). E naquela noite, a última em que esteve com eles, antes de ser preso, disse-lhes:

"Vós sois meus amigos, se fazeis o que vos mando. Já não vos chamo servos porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos,

porque tudo que ouvi do meu Pai vos tenho dado a conhecer” (Jo 15.14,15).

Depois da ressurreição, Jesus comissionou seus obreiros (Jo 21.21,22). Em seu discurso final aos discípulos, de acordo com o Evangelho de João, ele confirmou o ministério de Pedro apesar de este tê-lo negado anteriormente. Cristo perguntou três vezes a Pedro: “Tu me amas?” A cada pergunta, ele acrescentava um comando:

“Apascenta os meus cordeiros” (Jo 21.15); “Pastoreia as minhas ovelhas” (v.16); “Apascenta as minhas ovelhas” (v.17).

Só mesmo lendo a continuação da história que se desenrola em Atos é que podemos ver que proporções a liderança dos apóstolos atingiu. Deus usou-os para transformar o mundo. Isso, mais do que qualquer outra coisa, talvez é que demonstra que a maneira como Jesus escolhe e treina seus líderes realmente funciona.

PRINCÍPIO 17

OS LÍDERES SÃO ESCOLHIDOS E EQUIPADOS POR DEUS; TEMOS APENAS QUE DESCOBRÍ-LOS E DESENVOLVÊ-LOS.

CAPÍTULO 18 - TRANSFORMANDO SEGUIDORES EM LÍDERES

Há pouco tempo estudei João 13-17, porque queria meditar sobre as últimas palavras que Jesus disse a seus discípulos, antes de ser preso. O que ele disse foi mais do que uma despedida; foi um resumo dos três anos de aprendizagem que esses homens tiveram em companhia dele.

Já por bastante tempo vinha ele dando uns toques de que em breve ficariam sós, vivendo por conta própria. Agora prometia enviar-lhes um Consolador, o Espírito Santo.

Deve ter sido difícil para seus seguidores entenderem o que Jesus estava dizendo. Muito do que ele disse só viria a ser entendido mais tarde. Talvez tenha sido difícil para Jesus também. Ele havia trabalhado com os discípulos,

ensinado, e vivido o seu compromisso com o Pai diante deles dia a dia. Em pouco tempo eles teriam que prosseguir sem sua presença física.

Mas os discípulos prosseguiram com sucesso. Hoje podemos olhar para o estilo de liderança de Jesus e agradecer a ele por no-lo ter legado.

Ele puxava seus seguidores para a frente sem esperar que lhe exigissem responsabilidade, emprego ou cargo público.

Ao contrário disso, tenho encontrado muito relacionamento entre líder e seguidores que começou muito bem e, depois, azedou. Uma dessas ocasiões, por exemplo, foi quando um excelente e dedicado presbítero chamado Carlos escolheu um jovem convertido, de nome Davi, e lhe disse: “Gostaria de trabalhar com você e treiná-lo para assumir uma liderança responsável em nossa igreja”. O jovem concordou.

O presbítero levava Davi quando ia visitar os enfermos no hospital, fazer trabalhos evangelísticos, ou qualquer outra coisa que supunha fosse ajudar o crescimento do jovem cristão. O presbítero Carlos dava aula numa classe grande da escola dominical, e trabalhava pacientemente com Davi para desenvolver seu potencial de ensinar. E nesse processo os dois acabaram se tornando tão unidos como pai e filho.

Uma coisa boa, não é? E foi, por mais ou menos três anos. Passado um bocado de tempo Davi começou a fazer as coisas a seu jeito. Ele queria pensar por si mesmo, tomar suas próprias decisões sobre seu ministério na igreja. Carlos tinha sido bom professor e Davi sentia que precisava pôr em prática o que tinha aprendido. Ao mesmo tempo, ele se sentia um tanto tímido quando era obrigado a fazer visitas de evangelização, e achou que não devia concentrar-se nesse tipo de atividade.

A cisão se deu quando Carlos impediu Davi de fazer suas escolhas. Ele vinha dirigindo a vida de Davi por todo esse tempo e não queria abrir mão disso — embora jamais o tivesse admitido. Davi acabou saindo da igreja, indo para outra onde, pouco depois, assumiu uma posição de liderança.

Carlos sentiu-se ferido. Achou que o rapaz que ele tinha treinado o havia traído e decepcionado. Foi uma pena que ele não tivesse aprendido esse último princípio, tirado da vida de Jesus:

O LÍDER TREINA OUTROS, QUE SE TORNAM LÍDERES, QUE, POR SUA VEZ, TREINAM OUTROS.

Treinando Outros Para Assumirem

Uma característica do bom líder é que ele prepara outros para assumirem o seu cargo. Não os prepara apenas para “fazerem bem feito”, mas para poderem fazer tudo aquilo que ele próprio faz. Esses sucessores nem sempre estarão à altura do mestre; uns podem não ser adequados para os papéis determinados para eles, mas outros podem até mesmo vir a superar seus mentores.

Jesus trabalhou para esse fim com o punhado de recrutas que escolheu — ensinando-os, treinando-os, repreendendo-os, construindo, mostrando o caminho. Fez a eles esta declaração significativa:

"Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim, fará também as obras que eu faço, e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai." Jo 14.12.

Esta é uma parte do princípio de preparação — ensinar os seguidores a superarem o seu mestre.

Há alguns anos ouvi um conferencista crente apresentar os seguintes princípios na formação de líderes:

1. Dê responsabilidades às pessoas, antes que elas estejam preparadas para isso. Ele não queria dizer que devemos, inconseqüentemente, guindar as pessoas aos cargos mais elevados. Ele queria dizer que a melhor maneira de treinar os outros é fazer com que se esforcem, se virem. Quando estiverem quase preparados para preencher o lugar, passe a eles o trabalho. Faça com que o trabalho seja maior do que eles.

Porque assim se sentirão obrigados a continuar crescendo.

2. Dê tudo aos líderes em potencial antes que eles o peçam. Ele explicou isso de outra maneira: se o líder retém o lugar até sentir que a pessoa

esteja pronta para assumi-lo, pode acontecer que ela peça para ser indicada. Isso tende a fazer com que todos se coloquem na defensiva. Por que não preparar os liderados para assumirem o lugar antes mesmo que eles próprios o reivindiquem?

As transições feitas dessa maneira dão certo tanto nos negócios como na igreja e na família. Mas passar adiante responsabilidade exige um planejamento cuidadoso.

Os líderes de certa organização cristã, por exemplo, preferem que as promoções se dêem internamente. É muito raro procurarem alguém de fora; só o fazem quando não conseguem encontrar uma pessoa qualificada, entre seu próprio pessoal, para ser devidamente treinada e colocada no cargo. E porque é tão raro irem procurar alguém de fora, seus empregados sabem que seus supervisores conhecem o potencial de cada um.

O Princípio da Substituição

Um pastor se aposentou depois de vinte e nove anos liderando três igrejas muito ativas. Em cada uma dessas igrejas, o número de membros tinha, pelo menos, dobrado durante os anos que ele serviu como pastor.

Para homenageá-lo por sua aposentadoria, amigos e pessoas convertidas através do seu ministério organizaram um jantar especial.

Pouco antes de o pastor fazer o seu último sermão, um dos pastores presentes que tinha trabalhado com ele perguntou: “Agora que o senhor está deixando suas atividades no ministério, e olhando para trás, para tudo que realizou nesses anos de trabalho, o que o senhor considera a coisa mais importante que conseguiu fazer?”

O velho pastor pensou um pouco. E então seu rosto se iluminou: “Ah, isso é fácil de saber”, disse ele. “As trinta e sete pessoas que estão exercendo alguma forma de ministério atualmente — eu tive o grande privilégio de ser seu pastor”.

Ele não disse aos seus amigos ali reunidos o quanto tinha feito para animar e encorajar aquelas trinta e sete pessoas. Mas o fato é que ele tinha esperado sabiamente até a hora em que essas pessoas mostraram iniciativa ou começaram a falar com ele sobre outros serviços mais difíceis ou maiores. Logo que elas abriram uma porta e demonstraram o desejo de servir a Jesus Cristo em maior escala, aquele pastor as incentivou a avançar mais um passo

em seu caminho.

Em determinada ocasião, por exemplo, quatro dos membros daquela igreja estavam no seminário se preparando para serem ordenados ao ministério. O pastor não só os encorajou a falar em público como deu-lhes oportunidade de participarem nos cultos. A princípio, eles só davam os avisos ou liam as Escrituras. À medida que iam-se acostumando a falar diante do público, o pastor foi-lhes passando a direção dos cultos do meio da semana, ou a chance de pregarem quando de férias. Nos quatro domingos que tinha de folga por ano, deixou que os estudantes em treinamento pregassem nesses dias.

Isso é um princípio bíblico. No Antigo Testamento, Josué aprendeu com Moisés. Quando Deus levou Moisés para o seu lar celestial, Josué tornou-se o líder. Elias tinha um grande ministério no Reino do Norte; depois que ele foi elevado ao céu, Eliseu tornou-se o principal profeta de Israel.

No Novo Testamento, Paulo treinava outros constantemente. Ele sempre levava em suas viagens missionárias alguns dos convertidos. João Marcos, sobrinho de Barnabé, deixou Paulo no meio da primeira viagem missionária, porém mais tarde tornou-se mais responsável. Paulo escreveu a Timóteo: “Somente Lucas está comigo. Toma contigo a Marcos e traze-o, pois me é útil para o ministério” (2 Tm 4.11).

Outros, como Demas (2 Tm 4.10), mais tarde escolheram seguir seu próprio caminho.

Parece que Paulo discipulou Priscila e Áquila (At 18.2,26), e que eles discipularam Apolo (At 18.24-28). Este é o sentido real dos discipulado — ensinar os liderados de modo que, a seu tempo, eles possam também ensinar a outros. Como Paulo escreveu a Timóteo:

“E o que de minha parte ouviste, através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros” (2 Tm 2.2).

É assim que o Evangelho tem-se perpetuado. É assim também que a liderança deveria ser transmitida nos negócios, na igreja e na família.

A Preparação de Líderes

Jesus usou pelo menos quatro métodos para treinar seus seguidores a se tornarem líderes. Esses métodos são válidos para se treinarem líderes em

qualquer Área:

1. Preceituando o ensino. Isso é o que a maioria de nós pensa em relação ao treinamento — transmitir preceitos, conhecimentos. No Antigo Testamento, Eli usava esse método com Samuel. Quando veio para o templo ainda criança, Samuel cresceu sob a orientação de Eli.

Através dos anos Eli foi ensinando ao jovem o seu papel de sacerdote — o que um sacerdote devia fazer, vestir, dizer. E afinal chegou o dia em que Samuel assumiu a responsabilidade de ser o sumo sacerdote da nação judaica.

2. Através do exemplo. Os estudantes absorvem, no mínimo, tanto do caráter e estilo de vida dos seus professores quanto das suas palavras. Na verdade, muitos educadores afirmam que a pessoa do professor comunica muito mais do que qualquer conhecimento que transmita.

Há um século, Brooks Phillips definiu pregação como sendo “a verdade através da personalidade”. Creio que ele concordaria que a verdade é a verdade, independente de quem a diz. Mas a verdade vem vestida com a personalidade do mensageiro. O indivíduo dando instruções diz tanto através da aparência, personalidade e atitude quanto do material cedido.

Nos anos 60, Marshall McLuhan disse algo muito parecido com isso: “O meio é a mensagem”. Da mesma maneira que podemos dizer a um hipócrita: “Suas ações falam tão alto que eu não posso ouvir nenhuma palavra que você está dizendo”, podemos dizer a um professor sincero: “Sua vida fala de modo tão positivo, que eu ouço tudo que você está-me dizendo”.

Jesus era sincero. Em lugar algum do Evangelho os escritores puseram em dúvida a sinceridade ou a integridade de Jesus, embora tenham questionado praticamente tudo mais. Lealdade e sinceridade são qualidades básicas para quem deseja ser exemplo para futuros líderes.

3. Através dos resultados. Quando Jesus falou com seus detratores, pediu-lhes: “Se não podeis crer em mim, crede pelas obras que faço” (Jo 10.38, paráfrase do autor). Uma vez ele disse: “As obras que o Pai me confiou, para que eu as realizasse, essas que eu faço, testemunham, a meu respeito, de que o Pai me enviou” (5.36).

4. Lançando mão do testemunho de outros. Jesus se refere a João Batista como testemunha do seu ministério.

Paulo, indicando as qualificações de um bispo ou superintendente, disse:

"É necessário que ele tenha bom testemunho dos de fora, a fim de não cair no opróbrio e no laço do diabo"
(1 Tm 3.7).

Isso mesmo! Até o testemunho dos não-crentes pode ajudar-nos a crescer rumo a liderança. Precisamos nos lembrar de que os que estão de fora costumam observar o povo de Deus com muita atenção — às vezes com o intuito de nos condenar. Se os líderes de Deus, atuando nos negócios, na escola e na igreja, vivem sinceramente a fé cristã, os incrédulos (às vezes com a maior relutância) reconhecem a fidelidade desses líderes.

Um pastor amigo meu lembrou-se bem disso quando o novo redator de um semanário foi procurá-lo.

"Eu queria entrevistar duas pessoas", disse o redator. "Então comecei a perguntar por aí: 'Quem é o pregador mais influente deste município'?" Quase todo mundo me deu o seu nome. Eu estava preparando a segunda entrevista, de modo que fiz outra pergunta: "Se você tivesse uma pessoa em quem confiar, além de seus amigos e parentes, quem, neste município, você pensaria em procurar?" Quase todo mundo me deu de novo o seu nome.

Quando ouvi a história, pensei no impacto que a vida e o compromisso cristão desse líder tinha produzido naquela comunidade. Quando foi embora, os resultados do seu ministério ainda permaneceram por muito tempo. Também preparou outros líderes, ensinando-os e vivendo o que ensinou. A verdade do que ele ensinou foi revalidada pelos resultados e pelos testemunhos de crentes e não-crentes igualmente.

Que melhor legado pode um líder querer deixar para os seus seguidores?

Parabéns, Formandos!

Todo curso de treinamento deve terminar um dia. Os estudantes recebem seus diplomas ou certificados e colam grau. Agora precisam ir embora e começar a trabalhar. Completaram sua preparação.

Se houve qualquer coisa parecida com uma festa de formatura para os

primeiros discípulos, isso aconteceu em João 20.19-23. Depois da ressurreição, Jesus apareceu para seus seguidores no mesmo cenáculo onde haviam ceado na noite da Páscoa, e disse-lhes o seguinte:

"Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio"
(V. 21).

A preparação tinha terminado. Agora sairiam pelo mundo a proclamar o Evangelho.

Esse é o objetivo de instruir os outros — fazer com que se tornem líderes que preparem outros que, por sua vez, também, se tornam líderes.

Jesus começou o processo multiplicando sua capacidade física por doze.

Não seria isso uma boa meta para o nosso estilo de liderança?

Esta obra foi digitalizada com base na legislação abaixo, para uso exclusivo de deficientes visuais. Distribuição gratuita.

Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, sobre “Direitos autorais. Alteração, atualização e consolidação da legislação”.

TTTULO III - Dos direitos do autor.

Capitulo IV - Das limitações aos direitos autorais.

Art. 46 - Não constitui ofensa aos direitos autorais:

I - A reprodução:

d) De obras literárias, artísticas ou científicas, para uso exclusivo de deficientes visuais, sempre que a reprodução, sem fins comerciais, seja feita mediante o sistema BRAILLE ou outro procedimento em qualquer suporte para esses destinatários;
